

DANIELLE CARDOSO DE CARVALHO

**QUANDO O LAR NÃO É SEGURO: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, DEPENDÊNCIA
QUÍMICA E TRANSMISSÃO PSIQUÍCA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Amelia Carla Sobrinho Bifano

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

C331q
2022
Carvalho, Danielle Cardoso, 1978-
Quando o lar não é seguro: violência doméstica,
dependência química e transmissão psíquica / Danielle Cardoso
Carvalho. – Viçosa, MG, 2022.

1 dissertação eletrônica (121 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Amelia Carla Sobrinho Bifano.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Economia Doméstica, 2022.

Inclui bibliografia.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2022.644>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Violência contra as mulheres. 2. Vítimas de violência
familiar. 3. Violência familiar. 4. Abuso de substâncias.
5. Genética do comportamento. I. Bifano, Amelia Carla
Sobrinho, 1965-. II. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Economia Doméstica. Programa de
Pós-Graduação em Economia Doméstica. III. Título.

CDD 22. ed. 362.8292


DANIELLE CARDOSO DE CARVALHO

**QUANDO O LAR NÃO É SEGURO: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, DEPENDÊNCIA
QUÍMICA E TRANSMISSÃO PSÍQUICA**

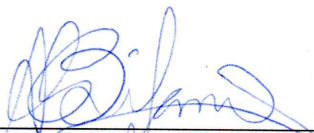
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 07 de julho de 2022.

Assentimento:



Danielle Cardoso de Carvalho
Autora



Amelia Carla Sobrinho Bifano
Orientadora

Dedico este trabalho aos meus pais, Jorge e Lúcia, ao meu amado e incentivador “paiAço”, Beto Russo, aos meus irmãos, e ao meu amado filho Gabriel. Às mulheres que ancestralmente me antecederam e para aquelas que me sucederão.

AGRADECIMENTOS

A Deus e ao grande Universo, pelas incontáveis bênçãos que têm propiciado em minha vida e por terem me permitido trilhar este caminho e me dado forças para fazê-lo todos os dias.

Aos meus pais, pela vida que pulsa em mim e ao Beto pelo cuidado sempre de perto.

Aos meus irmãos e amigos pelo apoio incessante e carinho imensurável que me dedicam e dedicaram durante toda a jornada juntos.

Ao meu pedaço do coração fora do peito, Gabriel, um anjo que me ensinou o valor do recomeço e suas possibilidades infinitas.

À Luciana e Victor, pela presença e constante apoio a mim e ao meu filho, em especial.

Ao Breno, meu amigo debutante, por estar sempre comigo, me fortalecendo, me amparando nos meus projetos, brindando a vida e a esse laço forte construído.

À minha grande amiga da faculdade para vida, Vivi. Por toda partilha, incentivo e por sempre iluminar meu caminho quando tudo parecia não fazer sentido.

À Marlene, presidente da Casa de Acolhimento Dom Luciano, por gentilmente ter cedido o espaço e possibilitado a execução deste trabalho, minha gratidão.

À CAPES pelo constante incentivo e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao Departamento de Economia Doméstica, pela oportunidade de crescimento profissional.

À professora Amélia Carla Sobrinho Bifano, minha orientadora, pelos conhecimentos de pesquisadora, pela partilha de mestre, sempre brilhante e pela convivência sempre proveitosa.

A todos os meus colegas de pós-graduação, em especial, aos amigos do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano, Social e Vida Cotidiana: André, Letícia, Vinicius e Palloma.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para realização deste trabalho.

A vocês, meu afetuoso agradecimento.

RESUMO

CARVALHO, Danielle Cardoso, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2022. **Quando o lar não é seguro: violência doméstica, dependência química e transmissão psíquica.** Orientadora: Amelia Carla Sobrinho Bifano.

A presente dissertação trata de uma pesquisa acerca da violência doméstica, dependência química e transmissão psíquica. O contexto do estudo é relativo às situações que envolvem a violência doméstica, tendo a dependência química em conjunto, versando sobre os reflexos e impacto da violência doméstica e dependência química. Os objetivos foram definidos no sentido de compreender como se dá a organização da dinâmica familiar e do lugar que as mulheres ocupam nessas relações. Em específico foram: realizar um levantamento de dados acerca da produção científica brasileira sobre violência, dependência química e mulheres, a fim de verificar as possíveis lacunas que a literatura possui nesse tema; descrever o perfil sociodemográfico das mulheres que frequentaram a Comunidade Terapêutica “Divina Providência”; compreender como ocorre a relação entre a dependência química e violência doméstica vivenciada por mulheres pobres; identificar qual a imagem percebida por essas mulheres de sua relação com a família e seus pares, diante da dependência da droga. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, de natureza descritiva, desenvolvida por meio de revisão de literatura e estudo de caso. Nas técnicas de pesquisa utilizadas foram previstas a utilização de ferramentas de pesquisa quantitativa para levantamento de dados e delineamento da pesquisa, e qualitativa para compreensão do fenômeno ou processo social estudado, a saber, levantamento bibliográfico, pesquisa documental, história oral e grupo focal. A coleta de dados de abordagem qualitativa se deu entre os meses de novembro de 2021 e janeiro de 2022. Os sujeitos da pesquisa foram mulheres que estiveram acolhidas entre os anos de 2015 a 2018. A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata da pesquisa de Revisão Integrativa de Literatura, onde se utilizou um recorte espacial de produções em nível nacional e temporal de 2010 a 2020, que verificou as lacunas existentes na literatura e a possibilidade de estudo. O segundo capítulo trata da pesquisa documental referente ao formulário preenchido à chegada a comunidade, e buscou identificar a situação das mulheres acolhidas, utilizando procedimentos metodológicos da pesquisa documental. O terceiro capítulo buscou identificar possíveis relações envolvendo violência doméstica e dependência química, e foi utilizado um roteiro norteador para a história oral; os resultados obtidos ajudaram a nortear o quarto capítulo. Esse capítulo analisou como essas mulheres e seus familiares a viam pela dependência química e possível violência sofrida. Para esse

contexto foi utilizado o referencial da transmissão psíquica aos participantes do grupo focal, onde foram utilizadas imagens e palavras. Conclui-se que as mulheres desta pesquisa se utilizam de álcool e drogas para suportar processos violentos a que foram submetidas primeiramente em sua família e posteriormente com seus companheiros, evidenciando assim o processo da transmissão psíquica entre as gerações. As limitações do estudo foram referentes à quantidade limitada de mulheres da pesquisa, não permitindo generalizações, entretanto contribuiu para deixar evidente a força da transmissão psíquica.

Palavras-chave: Mulheres. Violência Doméstica. Dependência Química. Transmissão Psíquica.

ABSTRACT

CARVALHO, Danielle Cardoso, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2022. **When the home is not safe: domestic violence, chemical dependence and psychic transmission.** Adviser: Amelia Carla Sobrinho Bifano.

This dissertation is a research on domestic violence, chemical dependence and psychic transmission. The context of the study is related to situations involving domestic violence and chemical dependence. This research also analyses the reflexes and impact of domestic violence associated with chemical dependence. The objectives were defined in order to understand how the organization of family dynamics work, the place that women occupy in these relationships and the influence of these relationships dependent on illicit substances. In order to achieve the goals of this study, the following procedures were taken: conduct a survey of data on the Brazilian scientific literature on violence, chemical dependence and poor women, so as to verify the possible gaps that this literature has concerning this theme such as describing the sociodemographic profile of women who attended the “Divine Providence” Therapeutic Community; understanding how the relationship between chemical dependence and domestic violence experienced by poor women occurs; identifying the concept by these women of their relationship with the family and their peers and their drug addiction as well. This is a qualitative-quantitative research of descriptive nature, developed through literature review and case study. Different techniques were used to conduct this study such as quantitative research tools to collect data and design of the research, and qualitative to understand the phenomenon or social process studied, which is, bibliographic survey, documentary research, oral history and focus group. Data were collected from a qualitative approach between November 2021 and January 2022. The research subjects were women who were welcomed in the therapeutic community “Divine Providence”; between the years 2015 to 2018. This dissertation is structured in four chapters, in order to meet the general and specific objectives of the research. The first chapter is about the integrative literature review research, which used a spatial cut of productions at the national and temporal level from 2010 to 2020, which verified the gaps in the literature and the possibility of study among the gaps. The second chapter is about the documentary research regarding their arrival at the community, which sought to identify the situation of the women welcomed, as well as to verify if they reported any type of violence when they arrived at home. The methodological procedures of the documentary research were used, as well as the signed consent form for data use (TCDU). The third chapter sought to identify possible relationships involving

domestic violence and chemical dependence, and a guide script for oral history was used; the results obtained helped guide the fourth chapter. The fourth chapter is about how these women saw themselves and how families saw these women who are chemically dependent and suffered violence at some point in their lives. Within this context, the reference of psychic transmission between women and Family members participating in the focus group was used. Images and words were used for the focal group procedures. It is concluded that the women in this research used alcohol and drugs to handle the violent processes to which they were submitted first, in their family, and then with their partners, thus evidencing the process of pathological psychic transmission between generations. The limitations of the study were related to the limited number of women in the study, not allowing generalizations, although it contributed to make evident the strength of psychic transmission.

Keywords: Women. Domestic Violence. Chemical Dependence. Psychic Transmission.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Grupo focal silencioso	89
Figura 2: Grupo focal silencioso	90
Figura 3: Grupo Focal Silencioso	91
Figura 4: Grupo focal complemento a imagem	93
Figura 5: Grupo focal complemento a imagem – foto escolhida pelo familiar da mulher 1....	94
Figura 6: Grupo focal complemento a imagem – foto escolhida pela mulher 1	95
Figura 7: Grupo focal complemento a imagem – foto escolhida pela mulher 1	96
Figura 8: Grupo focal complemento a imagem – foto escolhida pela mulher 2	97
Figura 9: Grupo focal complemento a imagem – foto escolhida por familiar da mulher 3 e pela própria mulher.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Artigos sobre violência doméstica contra mulheres, período de 2010 a 2020.	28
Quadro 2: Artigos sobre violência doméstica contra mulheres, por tipo de pesquisa, método e técnica de coleta de dados – período 2020 a 2021	29

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das produções por revista - período 2020 a 2021.....	31
Gráfico 2: Situação ocupacional das mulheres - período de 2010 a 2020.....	33
Gráfico 3: Indicativo de violência por parceiro, familiar ou por uso de drogas- período de 2010 a 2020.	34
Gráfico 4: Cidade de origem das mulheres no período de 2015 a 2021.....	48
Gráfico 5: Grau de Escolaridade das mulheres no período de 2015 a 2021.....	49
Gráfico 6: Ocupações das mulheres no período de 2015 a 2021.....	50
Gráfico 7: Estado civil das mulheres no período de 2015 a 2021	51
Gráfico 8: Número de filhos das mulheres no período de 2015 a 2021	51
Gráfico 9: Religião das mulheres no período de 2015 a 2021.....	52
Gráfico 10: Tipo de substância que as mulheres declararam consumo no período de 2015 a 2021	53
Gráfico 11: Tempo de uso, pelas mulheres, de álcool e outras drogas no período de 2015 a 2021	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEAD	Associação Brasileira Sobre Estudos de Álcool e Outras Drogas
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CT	Comunidades Terapêuticas
ESF	Estratégia Saúde da Família
Febract	Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas
LENAD	Levantamento Nacional de Álcool e Drogas
SENAD	Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas
TCUD	Termo de Compromisso para Utilização de Dados
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNODC	Nações Unidas sobre Drogas e Crime

SUMÁRIO

A TEMÁTICA DE ESTUDO E SEU ENFOQUE METODOLÓGICO	15
1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Construção teórica do trabalho	16
1.2 Objetivo Geral	18
1.3 Objetivos Específicos	19
2 PERCURSO METODOLÓGICO	19
2.1 Tipo de Pesquisa	19
2.2 Procedimentos para coleta e análise de dados	19
2.3 Caracterização do local de estudo	21
2.4 Aspectos Éticos	21
3 ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
CAPÍTULO I	24
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E O USO DE DROGAS: A FAMÍLIA E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	24
1 INTRODUÇÃO	24
2 REFERENCIAL TEÓRICO	25
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
5 CONCLUSÕES.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
CAPÍTULO II.....	41
QUEM SÃO AS MULHERES ACOLHIDAS NA COMUNIDADE TERAPÊUTICA DIVINA PROVIDÊNCIA?	41
1 INTRODUÇÃO	41
2 A INSTITUIÇÃO “COMUNIDADES TERAPÊUTICAS”	42
2.1 As instituições	42
3 PROCEDIMENTOS METODÓLIGOS)	45
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	45
4.1 A casa de acolhida Dom Luciano	45
4.2 Quem são as mulheres acolhidas?	47
5. CONCLUSÕES.....	55

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
CAPÍTULO III	60
1 INTRODUÇÃO	60
2 FAMÍLIAS, RELAÇÕES E COMPLEXIDADES	63
2.1 Famílias, violência doméstica e dependência	65
3 PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS	67
3.1 Coleta e análise de dados	67
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	68
4.1 Onde nasce a violência?	68
4.2 Violências e o estigma social	72
5 CONCLUSÕES.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
CAPÍTULO IV.....	81
QUANDO A TRANSMISSÃO PSÍQUICA INCONSCIENTE LEVA À REPETIÇÃO DE TRAMAS E TRAGÉDIAS FAMILIARES	81
1 INTRODUÇÃO	81
2 FAMÍLIA E TRANSMISSÃO PSIQUICA.....	82
2.1 O conceito de família e as mulheres dependentes químicas	82
2.2. O que se transmite?	85
2.3. A transmissão psíquica e suas alianças	85
3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	87
3.1 Coleta de dados	87
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	88
4.1 Encontro Grupo Focal 1 – Explorando os temas: Violência, Família, Dependência Química, Violência Familiar.	88
4.2 Encontro do Grupo Focal 02 – Imagens, Imaginação e Experienciação	92
5 CONCLUSÕES.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
APÊNDICE A - Roteiro norteador para história oral	106
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	108
ANEXO A – Imagens utilizadas grupo focal II	111

A TEMÁTICA DE ESTUDO E SEU ENFOQUE METODOLÓGICO

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata de uma pesquisa a respeito da violência doméstica, dependência química e transmissão psíquica. O âmbito do estudo é relativo às situações que envolvem estes fatores e o impacto que eles podem trazer na vida cotidiana não somente das acolhidas, como de seus familiares.

O estudo foi desenvolvido no município de Viçosa, MG, com três mulheres que se encontraram acolhidas para abstenção do uso e abuso de drogas na Comunidade Terapêutica “Divina Providência”. A escolha por esta comunidade se deu por ser a única que atende a um público exclusivo de mulheres no município.

A Comunidade Terapêutica Divina Providência, que tem por nome fantasia “Casa de Acolhida Dom Luciano”, foi fundada em 11 de janeiro de 2013. Tem sede e foro na Cidade de Viçosa-MG e a localização da casa é na zona rural, denominada Piúna. É uma casa de assistência com vínculo religioso (católica), mantida pela arquidiocese de Mariana, que também recebe subsídios do município para a sua manutenção e o acolhimento a casa é de forma gratuita. O objetivo é acolher mulheres que desejam iniciar um processo terapêutico com o objetivo de manter-se abstinente do uso e abuso de álcool e outras drogas.

Nas técnicas de pesquisa utilizadas foram previstas a utilização de ferramentas quantitativas para levantamento de dados e qualitativas para compreensão do fenômeno ou processo social estudado, a saber, levantamento bibliográfico, pesquisa documental, história oral e grupo focal. A coleta de dados de abordagem qualitativa se deu entre os meses de novembro de 2021 e janeiro de 2022. Os sujeitos da pesquisa foram mulheres que estiveram acolhidas na comunidade terapêutica “Divina Providência” entre os anos de 2015 a 2018, para o processo de abstinência de álcool e outras drogas.

Sendo assim a dissertação foi estruturada em capítulos. O primeiro trata da pesquisa de Revisão Integrativa de Literatura, onde se utilizou um recorte espacial de produções em nível nacional e temporal de 2010 a 2020. O segundo capítulo trata da pesquisa documental referente ao formulário preenchido à chegada a casa de acolhimento, que buscou identificar a situação das mulheres acolhidas, bem como verificar se elas relatavam algum tipo de violência. Foram utilizados os procedimentos metodológicos da pesquisa documental, bem como assinado o termo de consentimento para utilização de dados (TCDU). O terceiro capítulo buscou identificar possíveis relações envolvendo violência doméstica e dependência

química, e foi utilizado um roteiro norteador para a história oral; os resultados obtidos ajudaram a nortear o quarto capítulo. O quarto capítulo analisou como essas mulheres se viam e como as famílias viam essas mulheres, que são dependentes químicas e sofreram violência em algum momento de suas vidas. Para esse contexto foi utilizado o referencial da transmissão psíquica entre as mulheres e familiares participantes do grupo focal. Foram utilizadas imagens e palavras para os procedimentos do grupo focal.

1.1 Construção teórica do trabalho

Apesar de o consumo de substâncias psicoativas ser descrito desde a história da humanidade, o consumo abusivo tornou-se uma preocupação médica e social nas últimas décadas do século XX, se tornando cada vez mais precoce e tem sido associado a graves riscos à saúde física direta, tais como transtornos psiquiátricos, danos cerebrais e a outros órgãos como pulmão, fígado e rins. Também existem riscos indiretos, como acidentes de trânsito, sofrer violência física, perda do emprego, degeneração das relações familiares, entre outras implicações (SANTOS *et al.*, 2019; SARMIENTO *et al.*, 2018; CEZAR; RIBEIRO; FRANCKE, 2021)

Considerando que o uso de abuso de drogas afeta o indivíduo como um todo, prejudica, entre outros aspectos, a convivência familiar deste. Conviver com um dependente químico pode trazer situações de muito estresse, dada à instabilidade marcante da pessoa, resultando em um círculo social exausto, estressado e com sua saúde física e mental afetada negativamente. Essa exposição da família ao vício do indivíduo é preocupante no sentido de que as políticas públicas de saúde voltadas ao público dependente são direcionadas apenas ao usuário, não contemplando os familiares e/ou cuidadores, que serão as pessoas presentes no dia a dia, cuidando da pessoa. No entanto, apesar de a política atual secundarizar os cuidados dos familiares, estabelece a participação destes no processo de reabilitação e consequentemente na reinserção desse indivíduo na família e na sociedade (MACIEL *et al.*, 2018).

As substâncias psicoativas são agrupadas em lícitas e ilícitas. No Brasil, somente o álcool e o tabaco são consideradas lícitas, e, portanto, liberadas para consumo pelos cidadãos maiores de 18 anos. As demais, tais como cocaína, maconha, crack, “loló”, entre outras, são consideradas ilícitas e possuem um forte estigma social da sociedade em geral e também entre seus próprios usuários (SARMIENTO *et al.*, 2018).

No que diz respeito especificamente às mulheres, Cezar, Ribeiro e Francke (2021) apontam que, quando procuram ajuda, o fazem para tratar das implicações do uso e do abuso de substâncias e não do vício em si. Os autores afirmam que não apenas as mulheres usuárias possuem dificuldade em assumir o uso e a procurar ajuda, um dos motivos pode ser que essa temática é pouco estudada, o que pode ser um dos fatores que agravam o estigma social.

De acordo com o estudo desenvolvido por Iurkiv (2019, p. 143), mulheres possuem maior vulnerabilidade ao álcool, uma vez que “o efeito de uma cerveja no corpo da mulher vai produzir alterações em seu organismo que podem ser equivalentes ao de duas cervejas no organismo do homem”, mesmo que ambos apresentem as mesmas características biológicas, tais como idade, peso e condições normais de saúde. Essas evidências sugerem que o risco de cirrose é maior em mulheres. Assim, é importante ressaltar que o beber feminino além de possuir especificidades relacionadas ao estigma social, também é mais perigoso para a saúde das mulheres.

Ainda, mulheres adictas, sofrem devido aos estigmas sociais, relacionados aos papéis que se espera que desempenhem, tais como de boa mãe, filha e esposa, provedoras e cuidadoras. A frustração de tais expectativas, faz com que sejam, frequentemente, rejeitadas em seu círculo familiar e, também, de uma maneira mais ampla, nos espaços sociais em que possuem inserção, o que, por sua vez, tem consequências negativas para sua qualidade de vida, no que diz respeito à sua saúde física e emocional, assim como nas possibilidades de sucesso em sua recuperação e superação da adicção (SARMIENTO *et al.*, 2018).

Diante da constatação de que o uso de substâncias afeta sua capacidade de discernimento e sua percepção e respostas, a violência doméstica é constantemente relacionada ao uso de drogas. Cabe ressaltar, no entanto, que se trata de uma relação cíclica, em que o uso de entorpecentes aumenta a violência dentro do lar, e que a violência doméstica também pode levar ao uso de substâncias. Conforme estudo desenvolvido por Souza e Faria (2022) no período pandêmico, de Covid-19, os casos de violência doméstica aumentaram, porém, como já apontado pelas autoras, não foi o período pandêmico que ocasionou as violências pois, a violência contra a mulher já se apresentava como um problema social, não só no Brasil como no mundo. A pandemia somente intensificou as agressões pelo processo de confinamento imposto pelo período crítico que vivemos. Ao ser mantida mais tempo dentro de casa, isolada com seu companheiro, pais filhos e irmãos, a vítima não conseguia acessar serviços de proteção, ficando mais exposta a manipulações e violências por parte do agressor, elevando o estresse e o aumento no consumo de álcool.

Para Da Silva (2021) embora não seja possível estabelecer uma relação causal entre o uso de drogas e a violência intrafamiliar, devido à impossibilidade de se saber se essa violência não ocorreria caso o perpetrador não estivesse sob efeito de drogas, é sabido que o uso e abuso de drogas está constantemente associado a eventos violentos e pode ser considerado como um agravante da violência doméstica.

A violência doméstica sofrida pelas mulheres é um grave problema público que, conforme já mencionado, é agravado pelo uso de drogas e que pode levar ao uso e abuso destas. Diante dessa constatação, é importante se estabelecer onde se iniciam os casos de violência quando se estabelece o trabalho de reabilitação e reinserção social da mulher dependente química.

Estudos de autores como Sousa (2020) e Brum *et al.* (2020) evidenciam que as mulheres vítimas de violência doméstica, em muitos casos, vivenciaram padrões violentos em suas próprias famílias de origem, na infância ou adolescência, presenciando violências entre os pais ou sendo vitimadas por eles. A esse ciclo contínuo de violência, que inicia na infância com a família, passa pela vida adulta com o cônjuge e perpetua nos filhos, dá-se o nome de transgeracionalidade da violência (SOUSA, 2020; BRUM *et al.*, 2021).

Assim, este estudo busca aprofundar a compreensão das questões que envolvem as relações familiares de mulheres que fazem uso de drogas, elegendo mulheres pobres que utilizaram serviços de assistência comunitária visando identificar se sofrem ou sofreram violência doméstica. A assistência comunitária, através das Comunidades Terapêuticas, tem sido a possibilidade de acolhimento para mulheres pobres com quadro de dependência de álcool e outras drogas, para as quais essa modalidade de acolhimento representa também o lugar para se reestabelecer enquanto indivíduo, com a esperança de recuperação, não somente em relação ao ato de usar drogas, mas também do seu lugar social e familiar.

1.2 Objetivo Geral

Estudar o fenômeno da dependência de álcool e outras drogas em sua manifestação multifacetada, na dinâmica das relações interpessoais entre familiares, e da coexistência de agravantes como a violência doméstica.

1.3 Objetivos Específicos

- Realizar pesquisa bibliográfica acerca da produção científica brasileira sobre violência, dependência química e mulheres pobres;
- Analisar o perfil sociodemográfico das mulheres que frequentaram a Comunidade Terapêutica “Divina Providência” desde a fundação da Comunidade, ou seja, de 2013 até a data de acesso aos documentos;
- Explorar a possível relação entre violência doméstica e dependência de álcool e outras drogas entre as mulheres que estiveram acolhidas na Comunidade Terapêutica “Divina Providência”.
- Analisar as relações interpessoais entre família, seus componentes e as mulheres com histórico de dependência de álcool e outras drogas, das mulheres que estiveram acolhidas na Comunidade Terapêutica “Divina Providência” entre os anos de 2015 a 2018.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Tipo de Pesquisa

Para atender aos objetivos propostos, o presente estudo possui um caráter descritivo-exploratório, do tipo quali-quantitativo, onde foram utilizadas ferramentas da pesquisa quantitativa para levantamento de dados e delineamento da pesquisa qualitativa para compreensão do fenômeno ou processo social estudado (MYNAIO, 2001).

2.2 Procedimentos para coleta e análise de dados

Os procedimentos técnicos combinam ferramentas e instrumentos de coleta de dados empregando-se as abordagens teórica e empírica.

A abordagem teórica consistiu na realização de pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2008), é desenvolvida através de material já elaborado e o principal objetivo da revisão integrativa é permitir ao pesquisador uma cobertura ampla do seu tema de pesquisa, com o objetivo de agrupar o maior número possível de dados acerca das produções sobre o tema que se pretende investigar. Este trabalho consistiu em duas pesquisas de caráter documental, que consiste na busca de informações em fontes

que ainda não receberam tratamento analítico, sendo uma revisão de literatura, em que se buscou em bases de dados públicas, trabalhos que versam sobre questões relativas à violência doméstica e uso de substâncias psicoativas. E outra, a análise de documentos disponibilizados pela Comunidade Terapêutica, objeto de estudo deste trabalho.

Segundo Cechinelet *al.* (2016), as análises documentais outorgam a compreensão de contextos e as realidades sociais às quais o fenômeno estudado está inserido. O uso da pesquisa documental oferece ao pesquisador uma profusão de informações, tendo como fonte os mais variados escritos, como documentos, diários e correspondências. A abordagem empírica constituiu-se no estudo de caso conduzido no período de novembro de 2021 a janeiro de 2022, perfazendo três meses no total e foi dividida entre história oral e grupo focal. A história oral é uma técnica baseada primordialmente no depoimento oral obtido da interação entre o pesquisador e o entrevistado. Tivemos objetivo de capturar os relatos literais, reflexões do passado e opiniões sobre as condições que levaram as mulheres desta pesquisa a condição de dependência química, desgaste familiar ou a violência doméstica (HAGUETTE, 1997). O Grupo focal é uma técnica que objetiva buscar e organizar informações detalhadas sobre um assunto específico para se efetivar a compreensão das percepções ou crenças sobre o tema proposto (TRAD, 2009).

Esta dissertação foi estruturada em capítulos. Além do capítulo introdutório, os outros quatro foram desenvolvidos, cada um, para um dos objetivos. O primeiro capítulo trata da pesquisa de Revisão Integrativa de Literatura, onde se utilizou um recorte espacial de produções em nível nacional e temporal de 2010 a 2020. O segundo capítulo trata da pesquisa documental referente ao formulário preenchido à chegada a casa de acolhimento, que buscou identificar a situação das mulheres acolhidas, bem como verificar se elas relatavam algum tipo de violência à chegada a casa. Foram utilizados os procedimentos metodológicos da pesquisa documental, bem como assinado o termo de consentimento para utilização de dados (TCDU). O terceiro capítulo buscou identificar possíveis relações envolvendo violência doméstica e dependência química, e foi utilizado um roteiro norteador para a história oral; os resultados obtidos ajudaram a nortear o quarto capítulo. O quarto capítulo analisou como essas mulheres se viam e como as famílias viam essas mulheres, que são dependentes químicas e sofreram violência em algum momento de suas vidas. Para esse contexto foi utilizado o referencial da transmissão psíquica entre as mulheres e familiares participantes do grupo focal. Foram utilizadas imagens e palavras para os procedimentos do grupo focal.

2.3 Caracterização do local de estudo

Este estudo foi desenvolvido no município de Viçosa, MG, com mulheres que se encontraram acolhidas para abstenção do uso e abuso de drogas na Comunidade Terapêutica “Divina Providência”. A escolha por esta comunidade se deu por ser a única que atende a um público exclusivo de mulheres no município.

A Comunidade Terapêutica Divina Providência, que tem por nome fantasia “Casa de Acolhida Dom Luciano”, foi fundada em 11 de janeiro de 2013. Tem sede e foro na Cidade de Viçosa-MG e a localização da casa é na zona rural, denominada Piúna. É uma casa de assistência com vínculo religioso (católica), mantida pela arquidiocese de Mariana, que também recebe subsídios do município para a sua manutenção e o acolhimento a casa é de forma gratuita. O objetivo é acolher mulheres que desejam iniciar um processo terapêutico com o objetivo de manter-se abstinente do uso e abuso de álcool e outras drogas.

2.4 Aspectos Éticos

Nos aspectos éticos, esta pesquisa buscou atender a todos os critérios éticos destinados à pesquisa com seres humanos, tendo para isso um Termo de compromisso livre e esclarecido sobre o que se pretendeu pesquisar, bem como os objetivos da pesquisa, seguindo a recomendação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) de acordo com a Resolução CNS 466/2012. A pesquisa documental da casa também contou com um termo de compromisso para utilização de dados, ambos anexados ao final desta dissertação.

3 ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação foi organizada em capítulos, onde, em cada um deles, se desenvolveu um objetivo específico.

O capítulo I, “Violência doméstica e o uso de drogas: a família e seus desdobramentos” trata-se de uma revisão integrativa de literatura que buscou, através dos descritores “violência doméstica” e “família” verificar, nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Periódicos CAPES, o estado da arte dessa temática, para dar suporte às análises posteriores.

O capítulo II: “Quem são as mulheres acolhidas na comunidade terapêutica divina providência?” traz informações acerca de mulheres que devido à sua dependência química

foram encaminhadas para tratamento na comunidade terapêutica “Divina Providência”, para tanto, foi feito um mapeamento dos documentos preenchidos pelas acolhidas à chegada a casa.

O capítulo III: “Mulheres pobres, dependência química e violência doméstica” traz histórias destas acolhidas, contadas por elas mesmas em entrevistas com a pesquisadora. Nesses encontros buscou-se analisar a relação entre o uso e abuso de substâncias e a violência intrafamiliar sofrida por essas mulheres, de origem humilde que se encontravam acolhidas na comunidade terapêutica.

E o quarto e último capítulo intitulado “Transgeracionalidade: quando a transmissão psíquica inconsciente leva à repetição de tramas e tragédias familiares” se trata de um trabalho realizado em conjunto com as acolhidas e membros de sua família que buscou, através de grupos focais, verificar como essas mulheres viam a si mesmas e o mundo e como suas famílias as viam. Tratou também de verificar a questão da transmissão psíquica nas relações que envolvem violência doméstica e uso de drogas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUM, RayssaRecket *al.* Transgeracionalidade e violência: um estudo com mulheres vítimas de relações conjugais violentas. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 15, n. 3, p. 1-28, 2021.
- CECHINEL, Andreet *al.* Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. **Revista Criar Educação**, v. 5, n. 1, 2016.
- CEZAR, Ana Paula Farias; RIBEIRO, Tiago; FRANCKE, Ingrid. A mulher e a dependência química: Que relação é essa? **Diaphora**, v. 10, n. 3, p. 17-23, 2021.
- DA SILVA, Gilberto Lucio. **Da Família sem Pais à Família sem Paz: violência doméstica e uso de drogas**. Editora Dialética, 2021.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. 220p. São Paulo: Atlas, 2008.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 224p.
- IURKIV, Angela Aparecida Borges. Impactos da dependência do álcool na vida social e familiar da mulher: uma visão humanista. **Faculdade Sant'Ana em Revista**, v. 3, n. 2, p. 142-157, 2019.
- MACIEL, Silvana Carneiro *et al.* Cuidadoras de dependentes químicos: um estudo sobre a sobrecarga familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, 2018.
- MINAYO, M. C. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- REIS, R. Trabalho, arte e educação. estado da arte da pesquisa e o trabalho do pesquisador. **Revista Trabalho Necessário**, v. 8, n. 11, 11 jun. 2018.
- SANTOS, Dominick Danielle Mendonça *et al.* Uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, v. 15, n. 3, p. 1-9, 2019.
- SARMIENTO, Yoliver Esmeralda Salcedo *et al.* Dependência química e gênero: um olhar sobre as mulheres. **CadEspFem**, v. 31, n. 2, p. 149-60, 2018.
- SOUSA, Maisa Santos de. **A análise das formas de violência doméstica e as medidas de proteção aplicáveis à mulher**. 2020.
- SOUZA, Lídia de Jesus; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. **Serviço Social & Sociedade**, p. 213-232, 2022.
- TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 19, p. 777-796, 2009.

CAPÍTULO I

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E O USO DE DROGAS: A FAMÍLIA E SEUS DESDOBRAMENTOS

1 INTRODUÇÃO

O relatório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime - UNODC (2020) apontou que cerca de 269 milhões de pessoas usaram drogas no ano de 2018, no mundo. Com relação ao número de pessoas que sofrem com algum transtorno decorrente do consumo de drogas, o relatório aponta um aumento de 30% em comparação com o ano de 2009, chegando a mais de 35 milhões de pessoas. As drogas atuam no humor, na percepção e no comportamento. Por ser um padrão de comportamento pouco adaptativo e levar a situações de risco, entende-se que o aumento do uso resulta em um padrão de declínio na percepção (CARLSON, 2002).

Sabe-se que a dependência de drogas constitui um problema grave para a população de modo geral. Os efeitos do uso dessas substâncias são desastrosos e, normalmente, expõem seus usuários e familiares tanto a perigos, quanto a distanciamentos sociais decorrente do uso constante (DALGALARRONDO, 2008). Entretanto, mesmo correndo riscos, a maioria dos indivíduos não consegue parar ou mesmo resistir à oferta, porque os efeitos da droga atuam em vários centros de prazer, ainda que, posteriormente, o uso não seja mais por prazer e sim pela condição da dependência química estabelecida ou para fazer parte de um grupo social.

O sujeito constrói-se socialmente, afirmando assim sua condição de sujeito social e isso exemplifica sua relação com o ambiente. Dessa relação com o ambiente físico e social, o sujeito constrói uma realidade que se apresenta para ele como concreta e ao mesmo tempo, como subjetiva.

Como grupo social de maior proximidade e interação com cada sujeito, a família sendo a nossa primeira célula social tem um papel de destaque nessa construção do sujeito, mesmo que, aparentemente a família se mantenha inalterada, é possível verificar mudanças em vários contextos, desde sua estrutura até no seu modo de funcionamento, relativo aos padrões emocionais. O padrão idealizado de família, como um lugar que oferece cuidado e proteção, esconde experiências de abuso, maus tratos e outros tipos de violência. Esse mesmo modelo idealizado é utilizado para classificar outros modos de organização familiar como desestruturados, problemáticos ou desorganizados (LANE, 1989; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2018).

De acordo com Efrat e El-Bassel (2019), o ambiente tem papel influenciador no início e na manutenção do comportamento para abuso de drogas, e eventos traumáticos, experimentação de violência por parceiro íntimo, exposição a dependentes químicos na infância e na vida, aumentam a possibilidade de se desenvolver apegos inseguros que contribuem para o uso e aumento da predisposição para o uso de drogas.

As vivências com uso de drogas como apontado por Bessa (2017), compromete as relações familiares e sociais, contribuindo, assim, para a fragilização dos vínculos afetivos, o que torna a interação entre os membros instáveis e o ambiente conflituoso, evidenciando um ciclo cotidiano de violências.

Em minha experiência, pude constatar, nas mulheres dependentes químicas, em Comunidades Terapêuticas, onde comumente relatavam que em algum momento de sua história de vida, sofreram algum tipo de abuso sexual, físico ou psicológico, por um ente familiar.

Avaliando lacunas nos processos, identificando como a família é um vínculo importante que perpassa o tempo, verificando processos que ocorrem e desencadeiam respostas que podem ser negativas e pensando a dependência química, a violência, maus tratos e suas implicações, o presente estudo adotará a questão do abuso de drogas, buscando suas possíveis consequências e considerando a singularidade e os aspectos socioculturais aos quais estão inseridos os sujeitos deste trabalho.

Diante disso, o objetivo desta revisão integrativa foi mapear o que há de produções acadêmicas sobre o tema, ou seja, verificar o estado da arte, a fim de identificar publicações científicas que sobre o tema da dependência química, em mulheres, que frequentaram ou frequentam comunidades terapêuticas e o papel da família nesse processo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para realizar esse estudo foi utilizado o método da revisão integrativa da literatura. Este método oferece a possibilidade de um entendimento mais amplo acerca de uma situação peculiar, e objetiva reunir e sintetizar o tema de maneira sistemática e organizada, contribuindo para o aperfeiçoamento do trabalho de pesquisa, bem como, delinear uma investigação sobre os conhecimentos já consolidados, criando, assim, novas teorias se valendo do que já foi analisado anteriormente (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011; MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Esse recurso de pesquisa segue etapas bem definidas com a finalidade de aperfeiçoar a realização do estudo e estratégias de busca por meio de descritores, cujo objetivo é otimizar o acesso a informações que se encontram em uma base de dados previamente definida para a coleta de dados (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Esse tipo de pesquisa é desenvolvido através de material já elaborado. O principal objetivo da pesquisa de revisão integrativa é permitir ao pesquisador uma cobertura ampla do seu tema de pesquisa, com o objetivo de agrupar o maior número possível dados acerca das produções sobre o tema que se pretende investigar (GIL, 2008).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para este estudo, foram utilizadas as bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde - BVS e do Portal de Periódicos CAPES. A escolha destas bases de dados se deu por serem as que mais concentram periódicos relacionados à psicologia.

Num primeiro momento, utilizou-se como critério de seleção os descritores “Dependência química *AND* violência doméstica *AND* família”, presentes no título e ou no resumo de artigos. Num segundo momento utilizou-se um intervalo temporal de 10 anos, neste caso de 2010 a 2020.

Selecionou-se a partir desse ponto, os periódicos brasileiros, a fim de garantir que os artigos retratassem a realidade brasileira. Procedeu-se à leitura dos resumos, excluindo aqueles que não atenderam aos seguintes critérios:

- Tratar da questão da violência doméstica em associação ao uso de drogas em mulheres;
- Tratar da questão do uso de drogas e vínculo familiar em mulheres;
- Tratar do acolhimento institucional.

Após essa triagem, os artigos foram lidos em sua integralidade, a fim de verificar a aderência e consistência com o objetivo desta pesquisa. Foram agrupados por similaridade a partir de um conjunto de organizadores, de maneira a compor a síntese narrativa dos resultados e da discussão do conhecimento atual sobre dependência em mulheres, violência doméstica e família, conforme apresentados a seguir:

- Tema central da pesquisa
- Objetivo
- Ano de publicação
- Método utilizado para coleta de dados

- Área de conhecimento em que se insere
- Autores que publicam com mais frequência
- Ano de publicação

No decorrer da pesquisa, determinados aspectos foram identificados e considerados para o processo de análise de conteúdo. Os temas foram organizados, destacando a abordagem metodológica, publicações por revistas e o tipo de pesquisa com o intuito de sistematizar o que se tem discutido sobre o tema, quais as teorias têm sido mais utilizadas e o tipo de pesquisa que se tem feito, quais os enfoques vêm sendo dado, no que compõe a relação sobre o vínculo familiar, dependência e violência doméstica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira busca nas bases de dados BVS e Periódicos CAPES, utilizando os descritores “Dependência química *AND* violência doméstica *AND* família” foram encontrados 481 artigos na base de dados da BVS e 75 artigos na base de dados do periódico CAPES, totalizando 556 artigos. Com a utilização do filtro de delimitação do intervalo temporal para o período de 2010 a 2020, perfazendo 10 anos, permaneceram 197 artigos na BVS e 55 no periódico CAPES. Com o acréscimo do critério artigos em português, restaram 9 artigos na BVS e 26 artigos no Periódicos CAPES, totalizando 35 artigos.

Após a leitura dos resumos dos 35 artigos, foram excluídos 28, por não contemplarem a temática da pesquisa. Dos 28 artigos excluídos, 12 deles, apesar de tratarem da violência, contemplavam mulheres, crianças, adolescentes e idosos e suas percepções sobre as relações familiares; em quatro, o tema central é acolhimento institucional de crianças e adolescentes; outros quatro tratam de vulnerabilidade social em adolescentes; a temática principal de três deles é a avaliação da qualidade dos serviços de acolhimento às vítimas de violência; dois tratavam da tríplice jornada de trabalho das mulheres, sendo desses dois artigos, um por tratar-se do sexo como norma, um por tratar-se de narrativas de mulheres que amam demais, um por tratar-se de crítica feminina.

Os sete artigos que compuseram o estudo, sendo quatro da base de dados BVS e três da base de dados do Periódicos CAPES, estão apresentados no quadro 1, a seguir, que contempla informações acerca dos autores, título, objetivo principal, periódico no qual foi publicado e seu respectivo ano.

Quadro 1: Artigos sobre violência doméstica contra mulheres, período de 2010 a 2020.

Autores	Título do Artigo	Objetivo	Periódico/ano
Silva <i>et al.</i>	Mulheres em situação de violência: limites da assistência	Analisar limitações da assistência prestada a mulheres vítimas de violência.	Ciência e saúde coletiva, 2015
Trigueiro e Labronici	A dependência química como fator de risco para a violência doméstica contra a mulher	Identificar fatores de risco que desencadeiam a violência doméstica.	Online Brazilian Journal of Nursing, 2011
Lucchese <i>et al.</i>	Histórico de violência contra a mulher que vivencia o abuso de álcool e drogas	Descrever tipos de violência, em diferentes fases da vida, de mulheres que abusam de álcool e outras drogas.	Revista enfermagem UFPE online, 2017
Marangoni e Oliveira	Uso de crack por múltipara em vulnerabilidade social: história de vida	Descrever a história de vida de uma mulher usuária e verificar fatores que levaram a iniciação e manutenção do uso de drogas ao longo da vida.	Ciência Cuidado e Saúde, 2012
Rosa e Bretas	A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil	Trazer à reflexão situações de violência na vida de mulheres em condição de rua.	Comunicação, Saúde, Educação, 2015
Ferreira <i>et al.</i>	Características de saúde de mulheres em situação de violência doméstica abrigadas em uma unidade de proteção estadual	Conhecer as características sociodemográficas e de saúde das mulheres vítimas de violência que estão/estiveram sobre a tutela do Estado	Ciência & saúde coletiva, 2016
Bittar e Nakano	Violência intrafamiliar: análise da história de vida de mães agressoras e toxicod dependentes no contexto da família de origem.	Identificar motivos que levam mulheres que vivem em contextos de álcool, drogas e violência, à agressão de seus filhos.	Texto Contexto Enferm, 2011

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O quadro acima evidencia que não há repetição dos autores, ou seja, não é um tema que apresenta aprofundamentos de estudos. Os temas apresentam uma diversificação no que tange à questão da dependência química evidenciando o diálogo existente entre as várias áreas do conhecimento, sua transdisciplinaridade, apresentando novas ideias no espaço científico e contribuindo para um aprofundamento a fim de se aproximar da realidade em que se apresenta a violência e a dependência química entre mulheres.

No tocante ao periódico de publicação dos trabalhos analisados, apurou-se que, dos sete artigos, dois foram publicados na revista *Ciência e Saúde Coletiva*, três em revistas de enfermagem, um no periódico *Comunicação, Saúde e Educação* e um na revista *Ciência, cuidado e saúde*.

Todos os periódicos de publicações, apesar de nomenclaturas diferentes, envolvem a área da saúde e do cuidado em seu contexto geral, o que evidencia o processo social e do cuidado em sua essência. O que é um indicativo da demanda observada pelos pesquisadores e profissionais da área em busca de uma rede e um fluxo com protocolos para atendimento e acolhimento de mulheres em busca de ajuda nos setores de atenção à mulher.

De acordo com os dados apresentados no quadro 1, chamou atenção os objetivos dessas pesquisas que versam sobre identificar fatores de risco que desencadeiam violência doméstica, já que este é o objeto desta pesquisa.

O quadro 2, apresenta o tipo de pesquisa, método e coleta de dados, predominando a abordagem do tipo qualitativa nos artigos, bem como a entrevista como técnica de coleta de dados.

Quadro 2: Artigos sobre violência doméstica contra mulheres, por tipo de pesquisa, método e técnica de coleta de dados – período 2020 a 2021

Artigos	Tipo de pesquisa	Método	Técnica de coleta de dados	Técnica de análise de dados
Silva <i>et al.</i> (2015)	Participativa	Pesquisa educacional	Reuniões, workshops, seminários	Análise de conteúdo
Trigueiro e Labronici (2011)	Qualitativa	Exploratório	Entrevista semiestruturada e gravada	Análise de conteúdo
Lucchese <i>et al.</i> (2017)	Qualitativa	Descritivo	Entrevista semiestruturada e gravada	Análise de conteúdo

Marangoni e Oliveira (2012)	Qualitativa	Descritivo	Entrevista semiestruturada e gravada	Análise de conteúdo
Rosa e Bretas	Etnográfica	Cartografia	Diário de campo(rua), entrevista(abrigo)	Análise foucaultiana do discurso
Ferreira <i>et al.</i> (2016)	Quanti-qualitativa	Exploratório-Descritivo	Documental	Software statisticalPackageof Social Science/ Análise inferencial (recorte período promulgação Lei Maria da Penha)
Bittar e Nakano (2011)	Qualitativa	Descritivo	Entrevista semiestruturada e gravada	Análise de conteúdo

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Conforme observado no quadro 2, quatro dos sete artigos apresentam pesquisas qualitativas; uma abordagem quanti-qualitativa; uma pesquisa participativa, e uma cartografia, utilizando como técnica de coleta de dados entrevistas do tipo semiestruturadas e estruturadas, questionários, estudo de caso único, observação participante e direta, análise de discurso e estudo etnográfico. Na temática de coleta de dados predominaram as entrevistas semiestruturadas e para análise de dados, o método que mais se utilizou foi à análise de conteúdo proposta por Bardin.

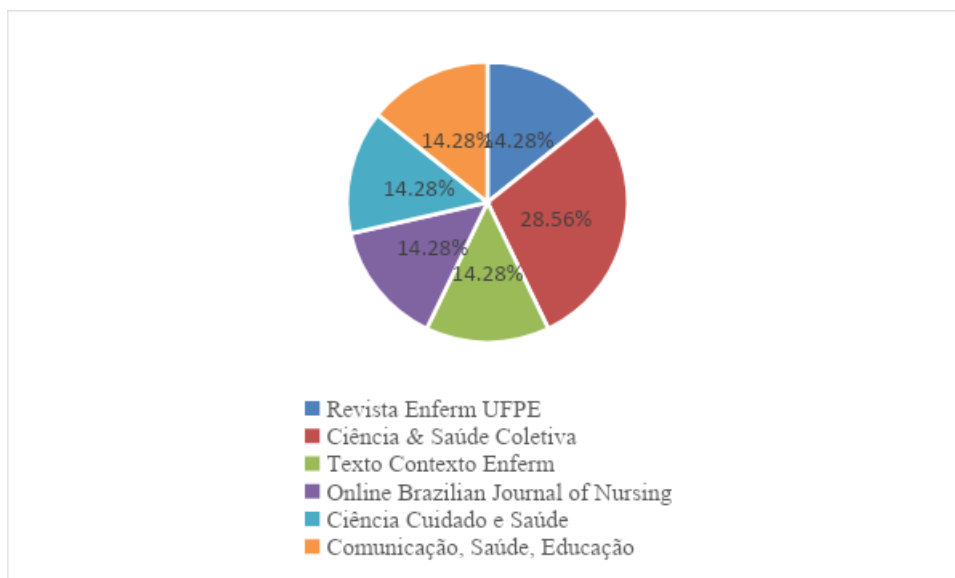
Na técnica de pesquisa qualitativa, o sujeito e o objeto de seu estudo são complementares, de acordo com Minayo (2012), o que faz com que seja necessário um esforço metodológico que sistematize e aprofunde a análise e que minimize achismos e espontaneísmos. A pluralidade de alternativas de resultados que a análise qualitativa traz, resulta nos muitos métodos de análise que encontramos, porque a interpretação dos dados coletados utilizando essa técnica nunca é a última palavra sobre o objeto em estudo, mas cabe ao pesquisador, ser tão fiel quanto possível ao campo, de modo que, se os entrevistados estivessem presentes, também concordariam com os resultados da análise.

A abordagem qualitativa, conforme bem destacada por Haguette (1992), permite ao pesquisador enfatizar as especificidades de um fenômeno. Entendendo a questão a nível social, a pesquisa qualitativa, que foi a mais escolhida pelos pesquisadores, permite uma melhor compreensão acerca das opiniões dos entrevistados, pois possibilita ao pesquisador maior apropriação e aproximação de todos os processos e resultados obtidos (GIL,2008).

Os artigos apontam ainda para a necessidade de os pesquisadores conhecerem mais profundamente a problemática que envolve a dependência de álcool e outras drogas, gênero e classe social, principalmente pelos poucos estudos desenvolvidos na temática localizados nessa pesquisa. E também aponta para a complexidade do fenômeno, o que vem ao encontro do descrito por Dalgalarrodo (2008), que apresenta como uma das consequências do uso de psicoativos, a exposição do indivíduo e dos seus familiares em situações de risco social, e também de Efrat e El-Bassel (2019), que salientam a importância do meio para o início do uso de drogas e sua manutenção, bem como os impactos que a dependência vai trazer para o meio do viciado. Estes achados sobre as violências resultam de uma questão que envolve sociedade e relações de poder, indicam uma relação estreita entre a temática e as questões da violência doméstica, uso de substâncias psicoativas e os cuidados em saúde, que envolvem também a família.

As revistas que mais publicaram trabalhos no tema buscado, foram aquelas ligadas à área de conhecimento da enfermagem, com a maioria de autores graduados nessa área, isso se justifica, porque uma mulher vitimada pela violência, em geral, pode precisar de auxílio envolvendo serviços de saúde, e neste caso, o enfermeiro seria o profissional para realização dos primeiros cuidados a essa mulher.

Gráfico 1: Distribuição das produções por revista -período 2020 a 2021.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Os artigos pesquisados trazem em seu conteúdo um recorte do tipo de violência sofrida evidenciando a sexual ou abuso físico e a violência psicológica e suas perdas em geral ocasionadas pelo vício e marcas de violências sofridas tanto com o parceiro ou com um familiar.

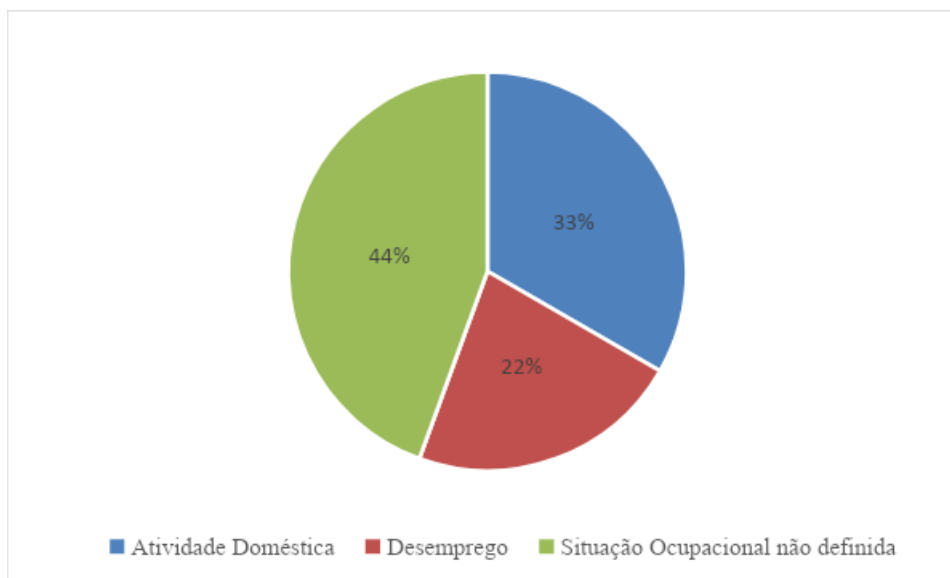
A enfermagem é uma das profissões previstas na composição da equipe mínima de atendimento das redes SUS e CAPS, CAPS-AD, porta de entrada dos casos de violência doméstica e de usuários de álcool e outras drogas (LEITE, 2022), o que possibilita um maior contato com a problemática no cotidiano de trabalho, gerando maior demanda, tanto de compreensão, quanto de busca por soluções para as questões que se apresentam no cotidiano de trabalho.

É esse profissional quem, muitas vezes, faz o primeiro acolhimento da mulher, podendo e devendo orientá-la sobre seus direitos, em situação de violência e encaminhá-la para locais de acolhida. De acordo com o trabalho de Trigueiro e Labronici (2011) mulheres que são vitimadas pela violência doméstica normalmente buscam ajuda nos serviços de saúde. Ao desenvolver esse cuidado, deve-se atentar para todo o contexto que envolve a violência e os fatores e o risco que circunda o fenômeno.

De acordo com Silva *et al.* (2015), as atividades e condutas entre profissionais de setores diversos são distintas, a depender da instituição em que atua e essa configuração de rede pode tornar ainda mais difícil a busca da mulher por apoio institucional. Exemplo dessa diferença de abordagem pode ocorrer quando o primeiro contato da dependente ou vítima de violência ocorre no serviço de urgência, que é mais voltado para cuidado dos ferimentos, sem um acolhimento voltado para a superação dos problemas causadores daquele problema.

Trajetórias de vida e contextos diversos marcam a história de vida dessas mulheres, e após a categorização dos trabalhos, chamou atenção o fato de que a maioria das mulheres dos trabalhos analisados, não possuíam atividade remunerada. No gráfico 2 apresentado abaixo, pode-se observar o número de artigos que abordaram de forma isolada, ou em conjunto, a situação ocupacional das mulheres.

Gráfico 2: Situação ocupacional das mulheres - período de 2010 a 2020.



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

A despeito da ocupação dessas mulheres, a grande maioria não possuía atividade remunerada, tornando essas mulheres duplamente dependentes.

O trabalho de Lucchese *et al.* (2017), aponta prevalência maior de mulheres sem vínculo empregatício, o que as coloca em situação de submissão e vulnerabilidade, ampliando a condição de violência, que passa da esfera física também para a psicológica. Já Ferreira *et al.* (2016), Bittar e Nakano (2011) e Rosa e Bretas (2015) apontam maior prevalência para mulheres que relatam não possuir renda ou atividade remunerada. O artigo de Marangoni e Oliveira (2012) apontam para a situação ocupacional indefinida e os artigos de Trigueiro e Labronici (2011) e Silva *et al.* (2015) não abordam a questão da atividade remunerada em sua pesquisa.

No percurso da vida dessas mulheres há destaque ainda para embates que envolvem força e poderes no âmbito familiar, conforme apontado no artigo de Rosa e Bretas (2015) com um cerceamento das escolhas, exercícios disciplinadores por parte do companheiro ou familiares, contribuindo ou gerando dificuldade para o alcance de autonomia e a disputa de poder entre o casal. O exercício do poder por parte dos cônjuges é reiterado e reforçado na medida em que se coloca a mulher na condição de dependente, seja financeira ou emocionalmente, do marido.

As relações de poder por parte de um dos cônjuges foram pontuadas por Rabello e Caldas Junior (2007). Os autores chamam atenção para o fato de que em famílias onde relações de poder não encontram alternância de líderes, os membros não passam seu tempo

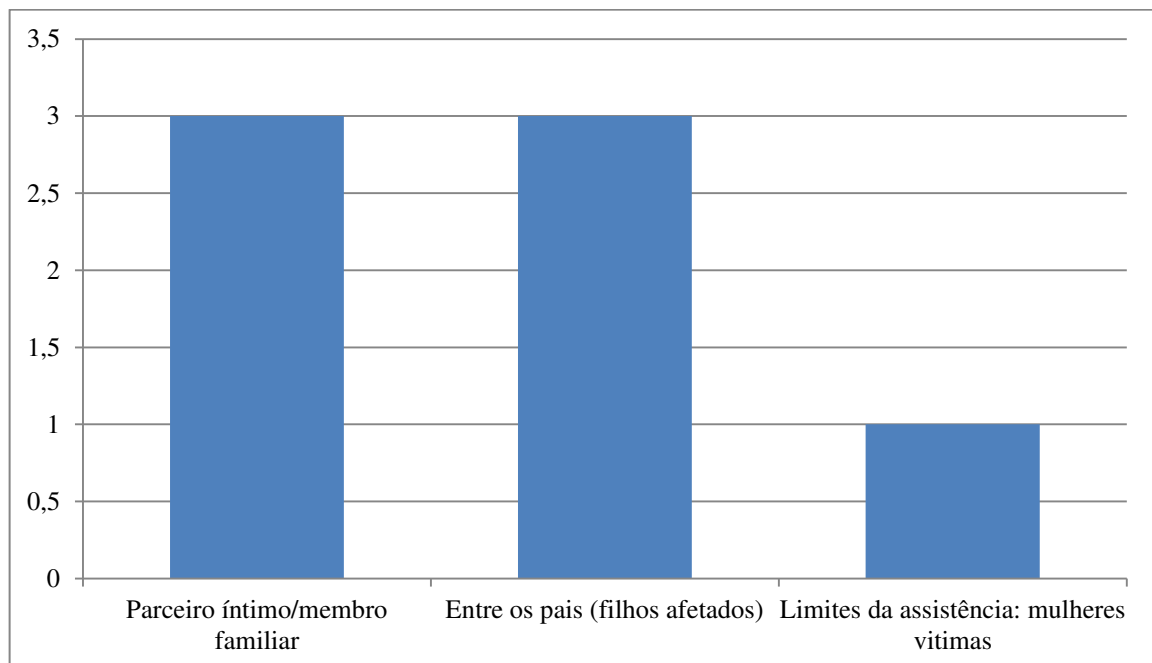
juntos, sendo a proximidade com pessoas externas mais próximas do que com seus familiares. O que corrobora com o apontamento de Rosa e Bretas (2015), em relação à dificuldade de autonomia, gerando dificuldades no dia a dia.

A violência doméstica é cometida em sua maioria, em ambientes privados, reforçando os comportamentos dominantes, favorecendo o adoecimento psíquico e contribuindo para o isolamento social dessas mulheres, conforme pontuado também por (REIS; SHOJI; REIS, 2019).

O comportamento violento dentro do lar contribui para que necessidades básicas não sejam atendidas. Um ambiente inseguro deixa em risco a integridade física e psíquica dessas mulheres que esperavam serem acolhidas por seu parceiro íntimo.

Dos sete artigos analisados, três abordam a violência contra mulheres ocasionada por parceiros íntimos, três trazem o histórico de violência familiar, em que agressões faziam parte do cotidiano de seus lares, sendo estas agredidas pela mãe ou pai, ou ainda tios, avós ou outro membro da família e, por último, um abordava os limites da assistência para mulheres vítimas de violência. Esses dados podem ser observados no gráfico 3.

Gráfico 3: Indicativo de violência por parceiro, familiar ou por uso de drogas- período de 2010 a 2020.



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Os artigos de Bittar e Nakano (2011), Lucchese *et al.* (2017), Marangoni e Oliveira (2012) apontam que presenciar violência conjugal marca a infância de quem a vivencia, e,

segundo os autores, muitas dessas mulheres, vítimas hoje de violência por parceiro íntimo também vivenciaram essa violência entre seus pais, conforme destacado no gráfico acima. Para os autores, a dinâmica nas relações conjugais pode ser identificada pelos pólos de “subordinação e dominação”. Nesse sentido, a perpetuação da violência se dá pela via do reconhecimento e aceitação, sem uma pronta reflexão frente à atitude dos agressores. Deste modo, como identificado e citado nos artigos acima, as mulheres em situação de violência familiar, seja pela ausência de um modelo ou figura de proteção, tendem a permanecer inertes diante de situações que envolvam violência, tanto isolada, quanto associada ao uso de drogas, necessitando de uma rede de apoio, pois como apontado pelos autores, o fato de ter presenciado a violência entre os pais naturalizou o processo de violência para essas mulheres (BITTAR; NAKANO, 2011; LUCCHESI *ET AL*, 2017; MARANGONI; OLIVEIRA, 2012).

Os artigos citam vários tipos de violência às quais as mulheres são submetidas, dentre elas, podemos destacar além da violência induzida pelo uso de álcool e outras drogas por parte do parceiro, violências desencadeadas por ciúmes, dinheiro, violência ou pela sua condição de dependente química. Esse processo mostra que pouco importa o contexto ao qual a mulher está inserida, a violência nos contextos apontados nos artigos pesquisados evidencia o processo exteriorizado por mulheres que sofreram violência e que as deixam fragilizadas a ponto de não conseguirem reagir. Como apontado por Lucchese *et al.* (2017, p.3628) “quando o parceiro da vítima é o agressor, ela se torna submissa às suas atitudes”. Essa mistura de papéis entre agredido e agressor, implica em uma relação de medo, podendo intensificar as violências vividas, sobretudo quando envolve mulheres que trabalham em casa e não possuem uma fonte de renda.

Nos trabalhos analisados, há destaque para a dificuldade encontrada pelas mulheres para sair do ciclo de violência, pois a própria violência acarreta uma fragilização por parte da mulher, levando-a à aceitação e a não interrupção do ciclo por baixa autoestima, que pode ter como consequência possível, o uso de drogas.

Ademais, conforme apontado nos textos, o uso de drogas por estas mulheres pode estar relacionado a eventos classificados como desfavoráveis no ambiente familiar, como baixo vínculo afetivo e conflitos familiares, bem como o comportamento e cultura familiar para o uso de drogas. Corroborando a questão da relação familiar e uso de drogas, os artigos de Trigueiro e Labronici (2011) e Ferreira *et al.* (2016) tratam da relação entre dependência e violência, a partir das consequências do uso de drogas. Segundo estes autores, quando um dos membros é dependente químico, a prática da violência é mais recorrente, devido também aos efeitos do uso de drogas que podem desencadear medo em quem vivencia esse processo. A

violência contra mulheres provocada pelos seus companheiros, quando fazem parte da vida cotidiana, promove um ambiente de instabilidade e de incerteza, e deixa marcas físicas e emocionais, que podem provocar sintomas, tais como isolamento social, depressão ou mal-estar permanente.

Com relação ao processo de tratamento das mulheres vítimas de violência doméstica em situação de abrigo, os trabalhos de Ferreira *et al.* (2016) e de Silva, Padoim e Viana (2015) mostram que as mulheres abrigadas vivenciam sentimentos ambíguos. Ao mesmo tempo em que o abrigo as protege, elas precisam conviver com as perdas, haja vista que, para fugir de seus agressores, precisam lidar com a ausência do convívio familiar, do emprego ou dos seus bens. O que corrobora com a questão dos sentimentos ambíguos, a ausência do convívio familiar e do emprego, fazendo com que essas mulheres necessitem de apoio. Seis dos sete artigos abordaram a questão da violência doméstica, sua relação com o empobrecimento, baixa escolaridade e da vivência situação de rua ou abrigada, indicando uma combinação de fatores para continuação do ciclo de violência a essas mulheres.

Os artigos de Ferreira *et al.* (2016), Lucchese *et al.* (2017), Rosa e Bretas (2015), Marangoni e Oliveira (2012), Bittar e Nakano (2011) e Trigueiro e Labronici (2011) apontam que os fatores associados à violência doméstica estão relacionados, num contexto geral, à baixa escolaridade, não possuir trabalho remunerado, o fato de o relacionamento afetivo não ser fixo e duradouro, o histórico de violência sofrido ou do próprio convívio durante a infância com este tipo de violência. Além disso, os autores destacam a questão de as violências também estarem associadas ao uso de drogas pelo companheiro/marido, contribuindo, em grande escala, para a saída dessas mulheres em busca de abrigo, conforme apontado por Silva, Padoim e Vianna (2015), destacam que os serviços de saúde e a polícia são os mais procurados por mulheres em situação de violência, podendo essas mulheres buscarem posteriormente uma outra rede de apoio, como abrigos.

Deste modo, pode-se concluir, a partir dos dados apresentados que violência doméstica, dependência química e condição de vulnerabilidade social, contribuem e sugerem ainda um aumento da violência contra a mulher em um contexto geral.

5 CONCLUSÕES

Os resultados demonstram que a violência apresenta um ciclo que perpassa as fases da vida da mulher, tornando essas mulheres vítimas e violentadoras em algum ciclo, já que o caminho das drogas pode conduzi-las similarmente a violência.

Estudos acerca da relação entre dependência química e violência em mulheres, ainda são incipientes no Brasil, dado que, nos últimos 10 anos, somente foram localizados nas bases de dados BVS e Periódicos CAPES sete trabalhos que tratam de forma aproximada da questão da violência, dependência, cuidado e questão familiar. Os artigos apresentam os ciclos de violência perpassando diversas fases da vida dessas mulheres sem, contudo, tratarem das possíveis relações entre a violência contra as mulheres e a dependência química, o que aponta a necessidade de uma investigação detalhada acerca desse processo envolvendo mulheres vitimadas que são dependentes químicas, buscando identificar quais os fatores sociais são mais contributivos para o início e permanência do uso de drogas, com foco em mulheres, já que os artigos destacam múltiplos fatores.

As formações acadêmicas dos autores se concentraram, quase que em sua totalidade, na área das Ciências Biológicas, estando a Enfermagem em destaque, seguida, de longe, pela Fisioterapia, Medicina, Farmácia, o que sugere a necessidade de pesquisas nas áreas das Ciências Sociais e Humanas, objetivando uma melhor compreensão dos contextos sociais em que essas mulheres estão inseridas.

Em relação ao tipo de pesquisa, constatou-se que as pesquisas qualitativas foram empregadas com maior frequência e a entrevista apresentou maior ocorrência entre as técnicas utilizadas para coleta de dados.

Destaca-se a pertinência do desenvolvimento de estudos que aprofundem as possíveis relações entre violência doméstica, dependência química e situação de abrigo de mulheres pobres, assim como a relação entre violência doméstica contra mulheres, dinâmica familiar e dependência química.

É importante também levar em consideração que esta pesquisa se baseou apenas em duas bases de dados, podendo outros resultados ser descobertos caso haja ampliação das bases de dados e dos descritores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZMI, Alia Ashraniet al. Drug addicts: Psychosocial factor contributing to relapse. In: **MATEC Web of Conferences**. EDP Sciences, 2018. Disponível em: https://www.mateconferences.org/articles/mateconf/pdf/2018/09/mateconf_mucet2018_05_097.pdf. Acesso em: 23 mar. 2020.

BASTOS, Rosária Cal; BIFANO, Amélia Carla Sobrinho; LORETO, Maria das Dores Saraiva de. Revisão Integrativa das publicações científicas sobre políticas públicas no âmbito do cotidiano agricultor familiar de Minas Gerais. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 29, n. 1, p. 78-101, 2018.

BIROLI, Flávia; **Família: Novos Conceitos**. Coleção o que saber; São Paulo, 2014.

BITTAR, Daniela Borges; NAKANO, Ana Márcia Spanó. Violência intrafamiliar: análise da história de vida de mães agressoras e toxicodependentes no contexto da família de origem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 17-24, Mar. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072011000100002>.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia**. Saraiva Educação SA, 2019.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; DE ALMEIDA CUNHA, Cristiano Castro; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>

CARLSON, Neil R. Fisiologia do Comportamento, 7^a ed. Manole, 2002.

COSTA, A. P. S. DA; OLIVEIRA, D. A. DE; RODRIGUES, M. P.; FERREIRA, M. ÂNGELA F. Violência doméstica e abuso de álcool e drogas na adolescência. **Revista Ciência Plural**, v. 1, n. 2, p. 48-56, 21 jul. 2015.

COSTA, Elimara Oliveira; BIFANO, Amélia Carla Sobrinho; Idosos e Tecnologias: Uma pesquisa bibliográfica. **Estudos Interdisciplinares sobre envelhecimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 113-131, 2017.

COSTA, Selma Frossard. As políticas públicas e as comunidades terapêuticas nos atendimentos à dependência química. **Serviço Social em Revista**, v. 11, n. 2, p. 1-14, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/29%20AS%20POL%20CDCAS%20P%20DABLICAS%20E%20AS%20COMUNIDADE%20TERAP%20CAUTICAS-COM%20REVIS%20DO%20AUTOR.pdf>. Acesso: em 20 maio 2020.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**, 2^a Ed. Artmed, 2008. Disponível em: <https://redept.org/uploads/biblioteca/colecaoquesaber-05-com-capa.pdf>. acesso em: 21 ago. 2020.

EL-BASSEL, Nabila et al. Drug overdose among women in intimate relationships: The role of partner violence, adversity and relationship dependencies. **PLoS One**, v. 14, n. 12, p.

e0225854, 2019. Disponível em: <http://web-b-ebsohost.ez35.periodicos.capes.gov.br/ehost/detail/detail?vid=1&sid=6cf963b6-8d88-4a7c-95b9-0314e69ee88e%40pdc-v-sessmgr03&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc210ZT1laG9zdC1saXZl#AN=140921735&db=aph>. Acesso em: 29 mai. 2020

EWALD, D. Rose; STRACK, Robert W.; ORSINI, Muhsin Michael. Rethinking addiction. **Global Pediatric Health**, v. 6, p. 2333794X18821943, 2019. Disponível em: <https://www-ncbi-nlm-nih.gov.ez35.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC6348542/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

FRIDMAN, Efrat. Insecure Attachment and Drug Misuse among Women. **Journal of Social Work Practice in the Addictions**, v. 19, n. 3, p. 223-237, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1533256X.2019.1637229>. Acesso em: 29 mai. 2020.

LEITE, Paula Mara Gomes et al. Atuação do enfermeiro na atenção básica frente a mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, 2022.

LUCHESE, Roselma et al. Histórico de violência contra a mulher que vivencia o abuso de álcool e drogas. **Revista de Enfermagem UFPE online**, [S.l.], v. 11, n. 9, p. 3623-3631, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234505/27717> acesso em: 14 dez. 2020. doi:<https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i9a234505p3623-3631-2017>.

MARANGONI, Sônia Regina; DE OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix. Uso de crack por múltipara em vulnerabilidade social: história de vida. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 11, n. 1, p. 166-172, 2012.

MATOS, Sabrina. Participação da família no processo de tratamento do dependente químico. **Uniedu (SC)**, 2017. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Sabrina.pdf> acesso: 20 abr. 2020.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, p. 758-764, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

ORNELL, Felipe *et al.* Violência doméstica e consumo de drogas durante a pandemia da COVID-19. **Pensando famílias**, v. 24, n. 1, p. 3-11, 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 maio 2022.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da Pesquisa Científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. Revista Eletrônica **Diálogos Acadêmicos**, v.08, n. 1, p.72-87, jan-jul, 2015.

RABELLO, Patrícia Moreira; CALDAS JÚNIOR, Arnaldo de França. Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, p. 970-978, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102007000600012>.

REIS, Janete Dayane dos; SHOJI, Lidiane S.; REIS, Fernando F. dos S. AUTONOMIA COMO FATOR DE PROTEÇÃO PARA MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/8114>. Acesso em: 05 jun. 2022.

REIS, Lúcia Margarete dos et al. Familiares de usuários de substâncias psicoativas em busca de cuidado. **Rev. enferm. UFPE online**, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/244356/35738> acesso em: 14 dez. 2020. doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.244356>.

RELATÓRIO mundial aponta aumento do consumo de drogas e impactos da covid-19 neste mercado. **UNIAD-Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas**. 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.uniad.org.br/artigos/2-levantamentos-e-pesquisas/relatorio-mundial-aponta-aumento-do-consumo-de-drogas-e-impactos-da-covid-19-neste-mercado/#:~:text=O%20relat%C3%B3rio%20tamb%C3%A9m%20analisa%20o,e%20%C3%A0%20redu%C3%A7%C3%A3o%20da%20pureza>. Acesso em: 20 set. 2020.

RESNICK, Heidi S. et al. Prior substance abuse and related treatment history reported by recent victims of sexual assault. **Addictive Behaviors**, v. 38, n. 4, p. 2074-2079, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0306460312004005?via=ihub>. Acesso em: 29 mai. 2020.

ROSA, Anderson da Silva; BRETAS, Ana Cristina Passarella. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 19, n. 53, p. 275-285, June 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000200275&lng=en&nrm=iso acesso em: 14 dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0221>.

DA SILVA, Eroy Aparecida. Família, Abuso e Dependência de Drogas Desafios Clínicos e das Pesquisas. **Blucher Medical Proceedings**, v. 1, n. 6, p. 1-9, 2014.

SILVA, Ethel Bastos da; PADOIN, Stela Maris de Mello; VIANNA, Lucila Amaral Carneiro. Mulher em situação de violência: limites da assistência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 249-258, jan. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000100249&lng=en&nrm=iso acesso em: 14 dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014201.21202013>.

SOCOL, Keity Laís Siepmann et al. O cotidiano das relações familiares com indivíduo dependente químico. **Cogitare Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 116-122, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/35967> acesso: 20 jun. 2020.

CAPÍTULO II

QUEM SÃO AS MULHERES ACOLHIDAS NA COMUNIDADE TERAPÊUTICA DIVINA PROVIDÊNCIA?

1 INTRODUÇÃO

O uso de drogas vem aumentando e configurando-se como um problema complexo e desafiador para governantes e sociedade, suscitando apreensão, uma vez que as consequências pelo uso e abuso de drogas é um problema de saúde pública e igualmente da sociedade, impactando diretamente a vida do indivíduo, sua vida familiar e na sociedade (REIS; UCHIMURA; OLIVEIRA, 2013).

Tradicionalmente, problemas relacionados ao uso de drogas eram mais comuns em homens, contudo, mudanças em diferentes papéis sociais, além de estímulos que tendem a associar o uso de drogas lícitas como o álcool, a entretenimento e entrosamento, associando processos de sedução e sucesso, vêm gradualmente deixando os gêneros masculino e feminino, homogêneos em termos de consumo (REIS; UCHIMURA; OLIVEIRA, 2013).

Esse aumento do uso e abuso de drogas por parte das mulheres, além da consequência negativa em sua saúde gera também estigmas em volta das mesmas, com muitas apresentando medo de serem julgadas pelos companheiros. Acrescenta-se a isso, a questão de que, mulheres com uma cronologia de uso abusivo de drogas apresentam histórias de vida atravessada pela desigualdade de gênero e pela incompletude da inserção social, o que torna o contexto do uso abusivo de drogas ainda mais adverso (TASSINARI *et al.*, 2018).

Correlacionar elementos sociais e vulnerabilidades é fundamental para compreender os processos de saúde, adoecimento e, conseqüentemente, dependência, visto que olhar para a vulnerabilidade e para os determinantes sociais possibilita perceber o indivíduo em sua especificidade, a fim de compreender como se dão os efeitos físicos e psicológicos vividos por essas mulheres, bem como os caminhos encontrados por elas no momento em que decidem ou escolhem passar por um processo de reabilitação (SARMIENTO *et al.*, 2018).

Para Ferreira *et al.* (2016), a violência doméstica contra mulheres, é mais propensa de ocorrer quando se soma um conjunto de fatores, tais como, baixa escolaridade, ausência de um trabalho remunerado e relacionamento afetivo fixo e duradouro, combinados com histórico de violência doméstica nas relações familiares ou sofrida pela própria mulher na infância.

Complexas relações envolvem o uso e abuso de drogas e constituem o cenário de vulnerabilidade social dessas mulheres contribuindo para estigmas relacionados ao uso.

Este estudo objetivou descrever o perfil sociodemográfico das mulheres que foram acolhidas na Comunidade Terapêutica Divina Providência – Casa de acolhimento Dom Luciano, bem como identificar através dos documentos de entrada na instituição, casos de violência as quais as acolhidas possam ter sido submetidas ao longo de sua história de vida.

Promoveu-se busca nos documentos oficiais, a saber, nos formulários preenchidos na entrada, com a finalidade de identificar se essas mulheres sofreram algum tipo de violência doméstica associada ao uso de drogas.

O estudo documental para verificação da questão sociodemográfica elegeu mulheres pobres que utilizaram serviços de assistência comunitária. A assistência comunitária, através das Comunidades Terapêuticas, tem sido a possibilidade de acolhimento para mulheres pobres com quadro de dependência de álcool e outras drogas, para as quais essa modalidade de acolhimento representa também o lugar para se reestabelecer enquanto indivíduo, com a esperança de recuperação, não somente em relação ao ato de usar drogas, mas também do seu lugar social e familiar.

2 A INSTITUIÇÃO “COMUNIDADES TERAPÊUTICAS”

2.1 As instituições

O conceito de instituição é amplo e pode ser encontrado em vários campos de estudos, como a antropologia, a sociologia, as ciências políticas e a filosofia, sendo empregado em sentidos diversos. Para Baremblytt (2002, p. 24):

As instituições são lógicas, são árvores de composições lógicas que, segundo a forma e o grau de formalização que adotem, podem ser leis, podem ser normas e, quando não estão enunciadas de maneira manifesta, podem ser hábitos ou regularidades de comportamentos.

Assim, podemos observar que as instituições se evidenciam como estruturas lógicas, com um conjunto de normas e princípios que norteiam seu funcionamento, com determinação de comportamentos e valores a serem seguidos (FELÍCIO; BENELLI, 2014).

Sendo assim, como nos aponta Baremblytt (2002), é possível identificar duas relevantes dimensões em uma instituição: a dimensão do instituinte e instituído, em que o

primeiro seria caracterizado como um processo dinâmico; ao passo que o instituído seria o que decorre da atividade instituinte, ou seja, seria o produto derivado da instituição, que traz em si o atributo de ser estático. Por conseguinte, Benelli (2016, p. 54), preconiza que:

Instituinte seria o conjunto de forças que tendem a fundar instituições, momento fundacional original; é o processo ou movimento criador e dinâmico, que inclusive mantém a instituição viva e sempre renovada, atualizada e em transformação. Instituído seria o resultado material dessa força instituinte.

Por consequência, o instituinte, se fortalece de maneira transformadora, visto que vivencia um processo, uma motilidade de uma infindável transformação da sociedade à medida que o instituído se corporifica como o produto derivado das instituições, carregando em si a resistência a mudanças. Contudo, cabe pontuar que se tratando de conceitos distintos, em uma instituição os instituintes e instituídos não atuam separadamente – eles se entrelaçam e se interpenetram em vários níveis (FELÍCIO; BENELLI, 2014).

Assim, ambos os processos instituintes-instituídos/ organizantes-organizados, não atuam separadamente, mas sim em conjunto. Há uma mistura, e esta interpenetração, este entrelaçamento, acontece nos níveis de função e funcionamento, da produção e reprodução, ao que está a favor da utopia e do que está contra a essa utopia. A essa interpenetração a nível da função e da reprodução, dá-se o nome de atravessamento, e a transversalidade fica elevada a nível da interpenetração que ocorre entre o lugar do instituinte e do revolucionário (BAREMBLITT, 2002).

Em suas constituições, as instituições passam por atravessamentos, dessarte são inexoráveis os seus sintomas. Dentre os sintomas, há destaque ao que envolve consciência e alienação, dependência e independência, além de liberdade e recalçamento (PEREIRA, 2007). Esses sintomas atuam numa rede constituída por um agrupamento de forças, juntamente das quais abrangem funções que se prestam à exploração, mistificação e dominação. No entanto, numa outra linha similarmente, dispomos de uma construção de forças que se empreendem a cooperação, produção, concebendo uma transformação ativa da realidade e a esse conceito dá-se o nome de transversalidade (BAREMBLITT, 2002).

A transversalidade e o seu grau num grupo, é um instrumento de ação para o sujeito e diz respeito à desarticulação das hierarquias, potencializa o processo grupal e outorga deslocamentos nas intervenções que ocorrem nas instituições, esse processo associa elemento díspar que se molda a revelar o inconsciente institucional, ou seja, busca revelar o não dito institucional. O instrumento de desvendar o não dito ofereceu uma credulidade à ideia de

transversalidade contrastando a conceituação de atravessamento (SIMONINI, ROMAGNOLI, 2018).

Importante observarmos que as instituições apesar de estáveis, não são, contudo, imutáveis. Dessa forma, se modificam ao longo da história, vão adquirindo e perdendo, e vão se esculpindo as modificações sociais. As instituições são, então, na prática, instituições de orientação sociologizante, existindo também, ao nível de inconsciente grupal, que pode ser vivido de modo estruturante a nível institucional traduzindo a organização social (LAPASSADE, 1977).

2.2 As Comunidades Terapêuticas (CTs)

As comunidades terapêuticas tiveram seu início no Brasil na década de 1950 e seu maior movimento ocorreu ao final da década de 1980, com incorporação de abordagens de tratamentos da área da psicologia com o objetivo de oferecer um serviço especializado (GOMES, 2017). No Brasil, as comunidades terapêuticas são, em sua maioria, localizadas em sítios, tendo como base preceitos religiosos e adotam o modelo Minnesota (MORAES, c2019). Este modelo consiste em um padrão terapêutico que visa integrar várias técnicas psicológicas junto ao programa de recuperação de Doze Passos que originalmente foi desenvolvido pelos Alcoólicos Anônimos. A gerência das comunidades terapêuticas de acordo com a Febract (Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas) fica, em sua maioria, a cargo dos dependentes que se encontram em recuperação, sendo comum a atuação das igrejas católicas ou evangélicas no cenário das CTs (FEBRACKT, 2020c)

Como observado, as CTs estão atuando no Brasil há mais de 60 anos. Despontaram nas duas últimas décadas como um dos modelos terapêuticos mais procurados para recuperação da dependência do álcool e outras drogas. A procura deve-se pela via de atendimento que em sua maioria recebe pessoas com pouca possibilidade de investimento financeiro, indivíduos pobres e passíveis de violências provenientes do uso de drogas (PERRONE, 2014).

Nesse cenário, as comunidades terapêuticas apresentam uma proposta de reabilitação que mantêm a abstinência, uma vez que a busca motivacional para esses recursos de tratamento se dá quando o ato de usar de drogas é considerado um problema, tanto para o indivíduo quanto para a família, que já enfrenta problemas com a perda dos laços sociais. Entende-se que o ato de usar drogas deve ser compreendido em sua conjuntura social, pois é onde o indivíduo está inserido e onde organiza seus elementos simbólicos, que serve tanto de

orientação aos processos em sua vida, como está intrinsecamente ligado aos processos de construção e desconstrução de sua identidade.

As CTs apresentam um caráter transitório que objetiva a reabilitação social, oferecendo em seus serviços a convivência comunitária, o que possibilitada aos usuários do serviço relatos de sua história de vida (SOUZA *et al.*, 2016).

A nova política nacional sobre drogas, fortalecida em 2019, favoreceu essa modalidade de tratamento, ampliando a cobertura para atendimentos que deve ser oferecido de forma gratuita. A integração de Comunidades Terapêuticas está ligada à SENAD (Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas), vinculadas ao modelo de abstinência.

3 PROCEDIMENTOS METODÓLOGOS)

A fim de se conhecer o perfil sociodemográfico das acolhidas, foi feita uma pesquisa documental que consiste em buscar informações em fontes que ainda não receberam nenhum tipo de tratamento analítico. O objetivo foi identificar nos documentos acessado, os dados dessas mulheres (GIL, 2008). Segundo Cechinel *et al.* (2016), as análises documentais outorgam a compreensão de contextos e as realidades sociais às quais o fenômeno estudado está inserido. O uso da pesquisa documental oferece ao pesquisador uma profusão de informações, tendo como fontes os mais variados escritos, como documentos, diários ou correspondências.

A pesquisa documental foi feita a partir da autorização da Casa de Acolhimento Comunidade Terapêutica Divina Providência, ao acesso às fichas cadastrais das internas e consistirá em buscar dados nesses escritos, que apoiem a compreensão do que levou as mulheres à Casa, bem como aquelas que vivenciaram a violência doméstica. Após autorização e assinatura do termo de compromisso para utilização de dados (TCUD), deu-se início a pesquisa buscando informações contidas na ficha cadastral dessas mulheres.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A casa de acolhida Dom Luciano

A Comunidade Terapêutica Divina Providência, que tem por nome fantasia “Casa de Acolhida Dom Luciano”, foi fundada em 11 de janeiro de 2013 e tem sede e foro na Cidade de Viçosa-MG. A localização da casa é na zona rural da Piúna. É uma casa de assistência com

vínculo religioso (católica), mantida pela arquidiocese de Mariana. Recebe subsídios do município para a sua manutenção e o acolhimento é realizado de forma gratuita. O objetivo é acolher mulheres que desejam iniciar um processo terapêutico a fim de manterem-se abstinente do uso e abuso de álcool e outras drogas.

A casa segue orientação religiosa e seu método de trabalho é o da laborterapia. De acordo com Araújo (2021), laborterapia é o tratamento de enfermidades pela via da tarefa, e o objetivo é que esse processo funcione como busca de reflexão. As acolhidas acordam e após sua higiene, se reúnem para as orações. Posteriormente, tomam o café da manhã. As mulheres dividem-se nos cuidados da casa como arrumar os quartos, lavar os banheiros, cuidar do jardim e preparar as refeições, com o auxílio das monitoras.

O cardápio é previamente selecionado pela presidente da casa juntamente com as acolhidas responsáveis da semana. O número de responsáveis pela preparação das refeições varia dependendo do número de acolhidas. Após o almoço tem um tempo de descanso. Na parte da tarde, de acordo com os dias da semana, as acolhidas desenvolvem atividades de jardinagem, assistem a vídeos educativos, tem o momento da leitura e o ensino de tricô com manuseio do tear e de agulha. Nesse momento costuma haver partilha de ensinamentos por parte dos voluntários. Há alguns anos a casa conta com uma voluntária que ensina ponto cruz para toalhas e pinturas em pano de prato, além disso, as acolhidas costumam utilizar também o período da tarde para confeccionar o que elas chamam de “merendas”. Merendas são pães, bolos, biscoitos e tranças utilizadas para os lanches delas e para as visitas mensais dos familiares. As merendas são também fonte de renda para a casa, sendo comercializadas pelos voluntários da pastoral da sobriedade nas festividades religiosas. Sábados e domingos são livres.

A casa tem capacidade para acolher 10 mulheres. Os critérios para a internação são: ter 18 anos ou mais e desejar a internação na casa. O período de permanência é de nove meses, sendo que, os primeiros seis meses são de total reclusão, podendo receber ligações duas vezes na semana, sempre às quartas e sábado e visitas familiares após o primeiro mês. As visitas familiares ocorrem no primeiro domingo do mês, das 13 às 17h, podendo circular por todo o espaço externo da casa. Ocasionalmente, a casa celebra uma missa e após esta, há compartilhamento de lanche entre visitantes e acolhidas. Os familiares podem trazer roupas e produtos de higiene pessoal para as acolhidas, além de mantimentos, no caso do mantimento, este seria coletivo. Após o período de seis meses, as acolhidas visitam os familiares, sempre aos finais de semana, permanecendo inicialmente dois dias, podendo se estender a três. Os familiares têm o compromisso de buscar e levar a acolhida, e, quando o familiar não tem

como realizar esse deslocamento, é feito uma solicitação de um carro e motorista, pela casa ou pelos familiares ao município de origem da acolhida, segue o ciclo a cada mês até que se complete o ciclo de nove meses.

Durante o período de visita das acolhidas aos seus familiares, a família tem oportunidade de partilhar um tempo conjuntamente e também de observar como se desenvolve esse processo de retorno à casa. Para a dependente, é uma oportunidade para se observar fora da casa de acolhimento.

A casa conta, em seu corpo técnico, com três monitoras sem exigência de formação, que trabalham em regime de oito horas diárias, com intervalo de uma hora para descanso. As monitoras auxiliam na distribuição das tarefas, no controle de medicamentos (caso alguma acolhida faça uso), e na cozinha para o preparo do almoço e merendas. A casa conta ainda com uma psicóloga contratada como prestadora de serviços. Cumpre carga horária de 4h semanais, nas quais realiza atendimentos individuais semanais, as acolhidas são atendidas em outro espaço afastado da casa (um cômodo com banheiro adaptado a entrada da comunidade para receber as famílias, para reuniões individuais, buscando a manutenção da privacidade das acolhidas). O atendimento individual não é obrigatório. É considerada a vontade das acolhidas em relação aos atendimentos, normalmente todas desejam os atendimentos, porém nem todas as semanas sentem essa necessidade. O trabalho em grupo a cada dois meses tem por objetivo abordar algum tema que se repete durante as sessões e o objetivo é trabalhar crenças em relação a algum tema específico que elas sugerem, e também, treinamento das monitoras quando solicitada pela presidente da casa. As consultas de urgência, quando necessárias, ou são encaminhadas aos hospitais públicos do município ou se busca por um atendimento sem custos. As consultas eletivas ocorrem normalmente de acordo com agendamento no ESF (Estratégia Saúde da Família) e as acolhidas são acompanhadas pelo monitor até o local da consulta. Atualmente a casa conta com o serviço de um dentista que realiza os atendimentos sem custos, quando necessário.

4.2 Quem são as mulheres acolhidas?

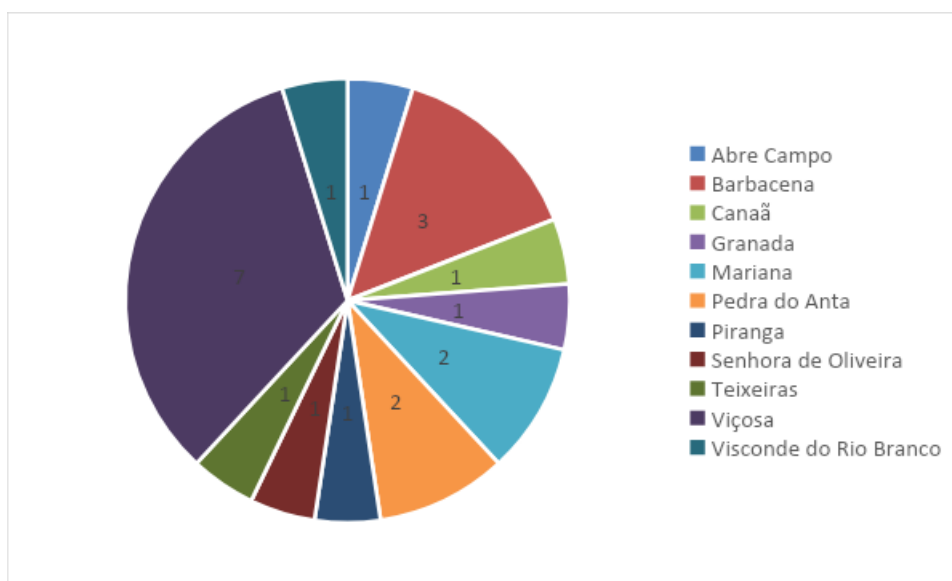
Em seus históricos documentais foi verificada a acolhida de 21 mulheres até julho de 2021. Com relação à idade dessas mulheres, foi apresentada uma variação de 30 anos entre a mais nova e a mais velha, cuja idade estão entre 29 e 60 anos. Pouco mais de metade das acolhidas se declara como “do lar”. Estando na outra parte variações de atividades como: doméstica, autônoma, lavradora, professora, contínua e situação não declarada. Quase a

totalidade das mulheres tem a religião católica como escolha espiritual, visto que são encaminhadas pelas vias municipais e também pela diocese que acompanha a casa, por isso, a pluralidade de cidades de origem das mulheres acolhidas.

Sendo assim, o primeiro tópico a ser avaliado será o local de origem dessas mulheres, de que cidade elas são encaminhadas. Como pode se observar na imagem a seguir, são cidades distintas de onde ocorrem os encaminhamentos dessas mulheres que necessitam e optam pela abstinência em espaços físicos compartilhados, buscando uma nova identidade no grupo.

Para Rouchy (2005), o grupo tem uma importância fundamental para o indivíduo. É no grupo que se opera a passagem entre o psíquico e o social, entre o indivíduo e a organização, entre o sujeito e a instituição, que são construções que sustentam as produções das realidades individuais desses sujeitos, no nosso contexto, as mulheres que são acolhidas e as particularidades de cada uma em sua constituição social

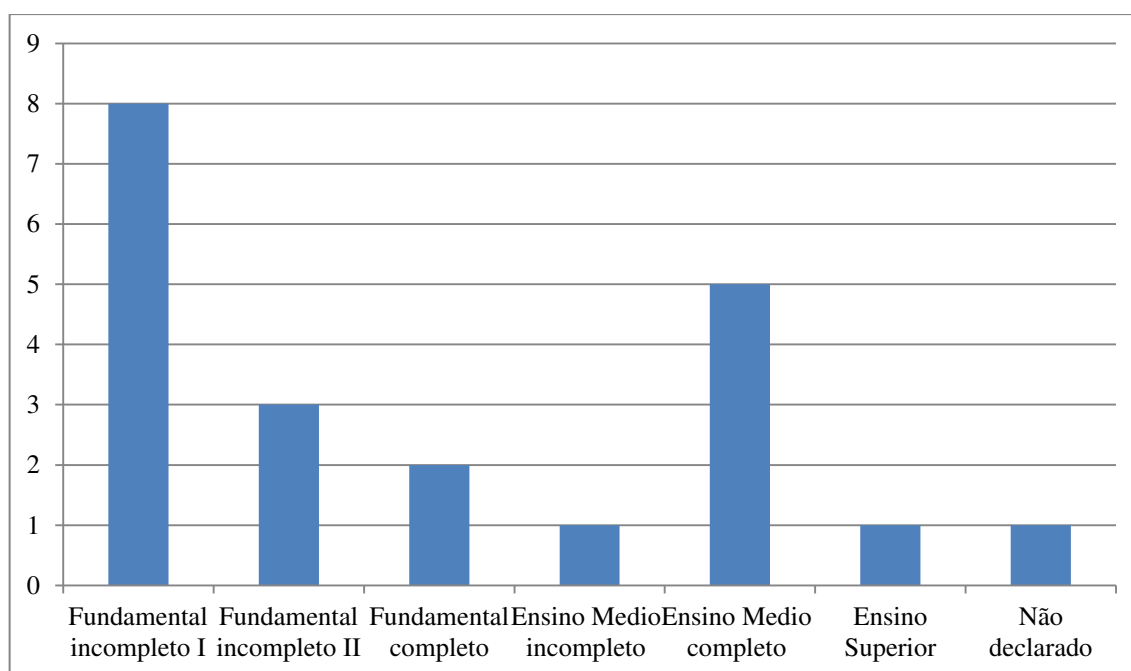
Gráfico 4: Cidade de origem das mulheres - período de 2015 a 2021



Fonte: Dados da pesquisa, 2021

A questão da escolaridade foi o segundo tópico avaliado na pesquisa documental. A maioria das mulheres acolhidas possui baixa escolaridade, demonstrando uma incompatibilidade entre o tempo de estudo e a faixa etária, visto que 8 das 21 mulheres declarou possuir ensino fundamental I incompleto, conforme apresentado no gráfico a seguir:

Gráfico 5: Grau de Escolaridade das mulheres - período de 2015 a 2021



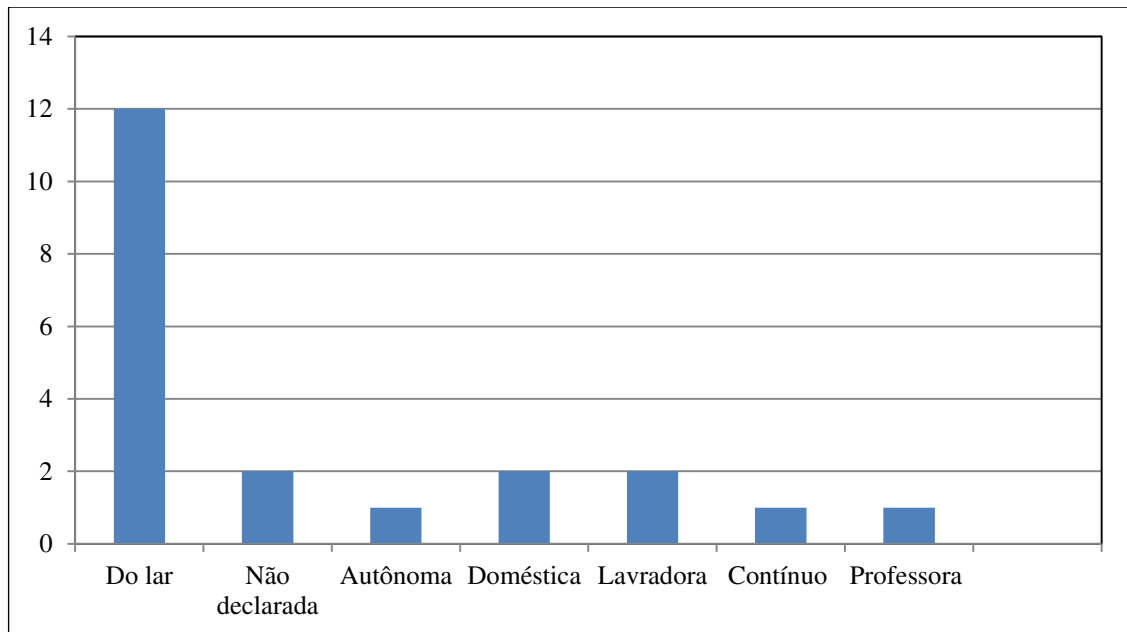
Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Conforme declarado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (2014), a educação é um direito humano fundamental e a não garantia da educação acarreta dificuldades como baixa renda e falta de colocação o mercado de trabalho, conforme foi identificado entre as mulheres deste estudo.

O site da Agência Brasil aponta que a questão do analfabetismo, analfabetismo funcional e baixa escolaridade, resiste ainda no século XXI no Brasil e no mundo (COSTA, 2019, s. p.) e aponta que “Existe uma desigualdade social que se espelha na própria desigualdade educacional. As oportunidades não são iguais para todos. Existe uma desvalorização da educação para pessoas de baixa renda”.

A questão da desvalorização e baixa renda nos remetem a despeito da ocupação dessas mulheres. Onde há destaque para situação ocupacional do lar, o que nos alude à ideia de que a grande maioria não possui atividade remunerada, podendo com isso, ampliar a questão da dependência, tornando-as duplamente dependentes.

Gráfico 6: Ocupações das mulheres - período de 2015 a 2021



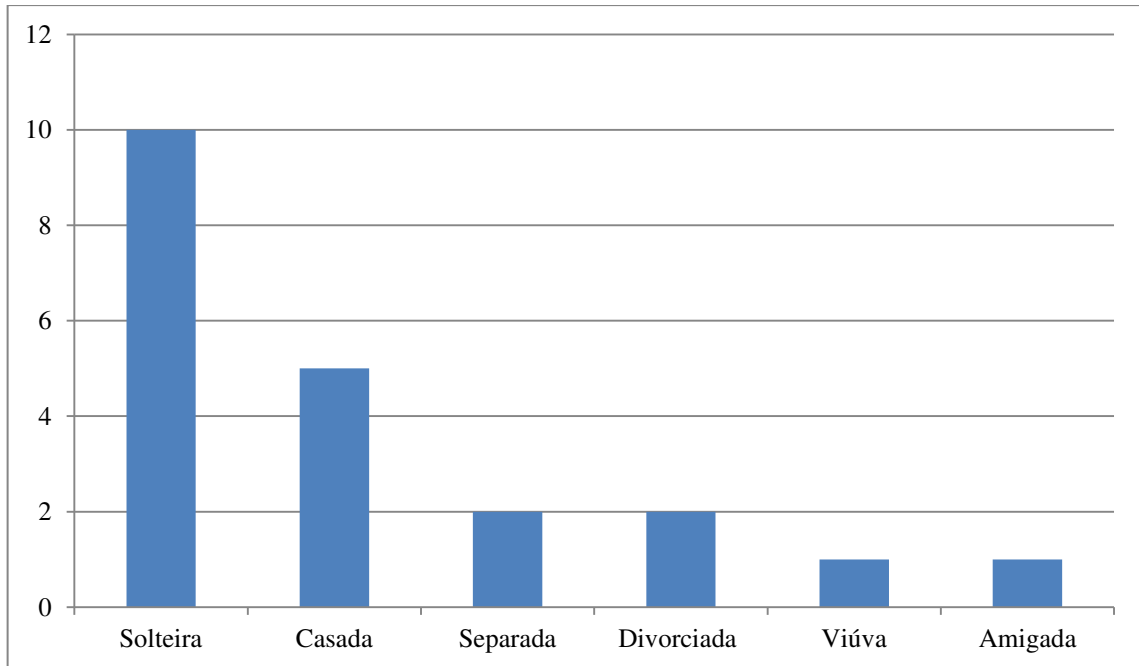
Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Estando essas mulheres em ocupações que geram pouca ou nenhuma renda como forma de subsistência, fica evidente a questão de que a circunstância em torno da pobreza é considerada, como nos aponta Martins, Santos e Pillon (2008), um dos motores que afetam o desenvolvimento humano, contribuindo para a vulnerabilidade e conseqüentemente para problemas concernentes ao uso e abuso de drogas.

A exclusão do mundo do trabalho coloca em evidência a vulnerabilidade social às quais essas mulheres estão inseridas, impossibilitando as mesmas o auto provimento de suas condições básicas, podendo provocar o rompimento de laços sociais e familiares (SOUZA *et al.*, 2011).

Corroborando com o fato apresentado sobre o distanciamento que a vulnerabilidade apresenta, o estado civil das mulheres acolhidas representa um processo de individualização dessas mulheres, visto que 10 se declaram solteiras, ficando diluídos os outros estados civis, conforme apresentado no gráfico a seguir.

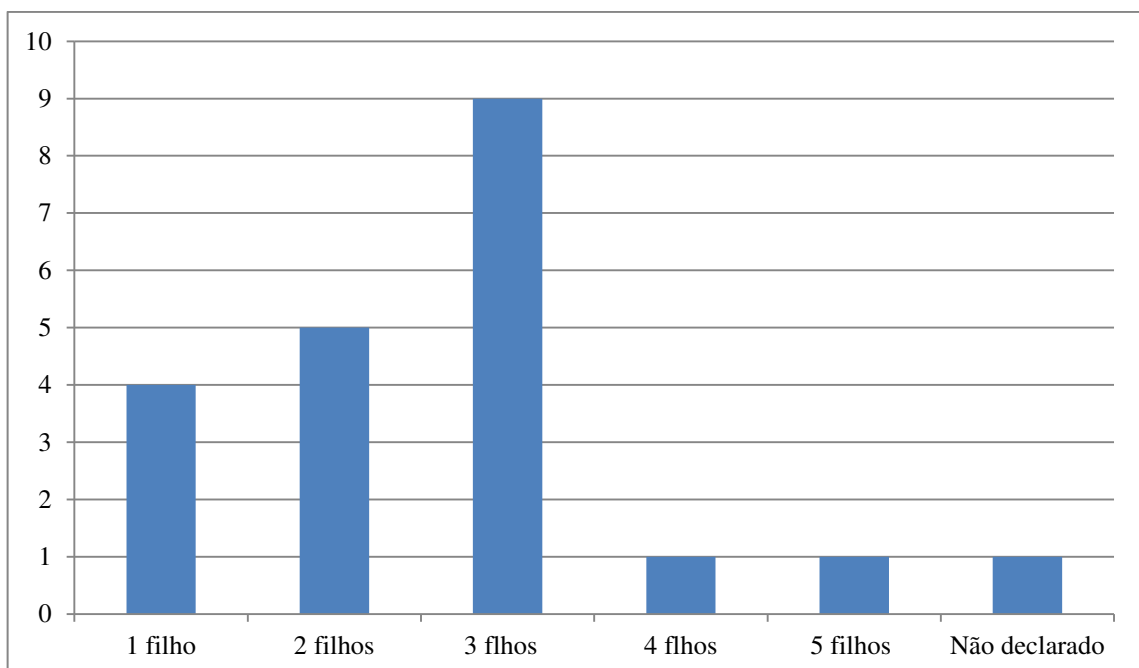
Gráfico 7: Estado civil das mulheres - período de 2015 a 2021



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

O estudo evidencia a predominância de mulheres solteiras. Representando quase que 50% das acolhidas e, quanto ao número de filhos, a maior percentagem foi de mulheres que têm três filhos e apenas uma não declarou ter filhos. Apresenta-se uma variação entre 1 e 5 filhos. Conforme apresentado no gráfico 8.

Gráfico 8: Número de filhos das mulheres - período de 2015 a 2021

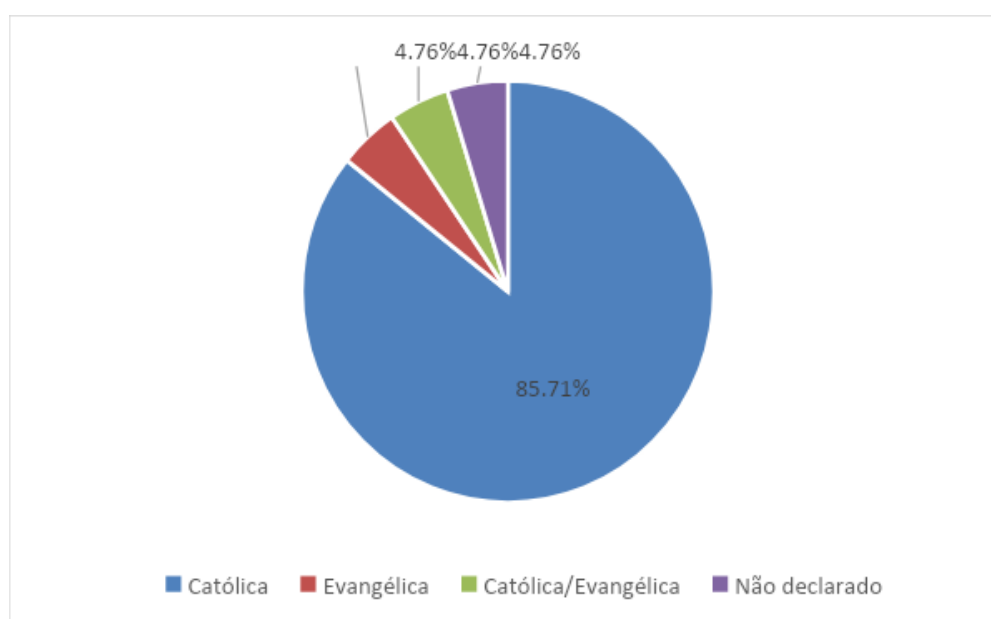


Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

O perfil sociodemográfico revela, predominantemente, mulheres com baixo nível de escolaridade, solteiras, sem exercício de atividade remunerada e com três filhos, em média.

No que concerne à questão da religiosidade, quase totalidade das mulheres (17) acolhidas declararam que seguem a religião católica. Este número provavelmente encontra amparo nas formas de acolhida e como essas mulheres recebem ajuda, pois quase sempre vem de comunidades onde os trabalhos religiosos com a comunidade, são estreitos.

Gráfico 9: Religião das mulheres - período de 2015 a 2021



Fonte: Dados da pesquisa, 2021

A questão da religião trabalha tanto o papel de expressão da espiritualidade do sujeito, como possibilita interações, objetivando a abstinência, controle do uso e ainda possibilita um ambiente de socialização. Nesse processo, religião ou espiritualidade atuam como fonte de apoio social, favorecendo assim o compartilhamento de experiências (SOUZA *et al.*, 2011).

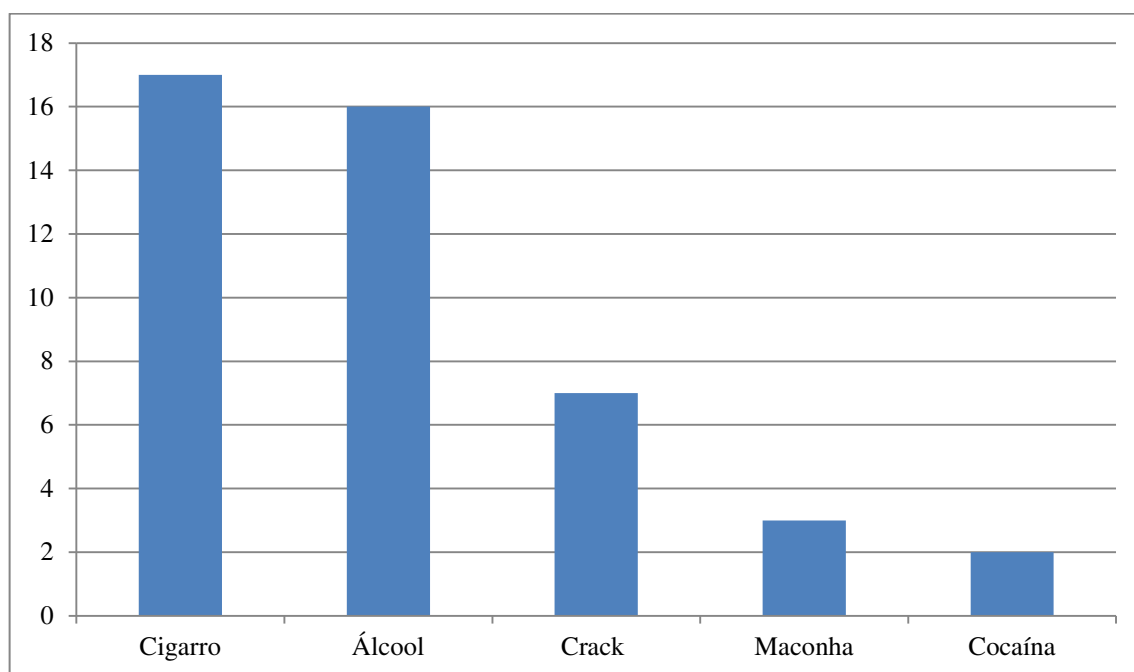
Com relação ao uso de drogas, no presente estudo, os resultados apontaram índices maiores para o uso de tabaco, seguido pelo uso de álcool como principal fonte da dependência. Esses dois tipos de substâncias apresentando maior expressividade pode estar associado ao fato de serem mais tolerados socialmente. Porém, há uso de outras drogas associadas como *crack* e outras substâncias.

Ao focalizarmos o problema do uso e abuso de álcool e tabaco, como nos aponta Medina *et al.* (2012) devemos nos atentar que o seu uso pode ser considerado epidêmico pelo

número de pessoas que fazem uso de forma dita “recreativa”, não considerando os problemas decorrentes de tal uso.

O uso de álcool de forma “recreativa”, além de ser legalizado e de fácil distribuição, ainda apresenta um custo mais acessível, o que reflete o fato de estar difuso em todas as camadas da população (SOUZA *et al.*, 2011). O gráfico 10 apresenta o tipo de substância que as acolhidas declararam fazer uso.

Gráfico 10: Tipo de substância que as mulheres declararam consumo- período de 2015 a 2021



Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Uma pesquisa publicada em dezembro (2020) pelo IBGE, indica que o número de mulheres que afirmam terem bebido uma ou mais vezes por semana em 2019, aumentou em 17%, ficando o índice maior do que o já apontado por pesquisa nos anos de 2012/2013.

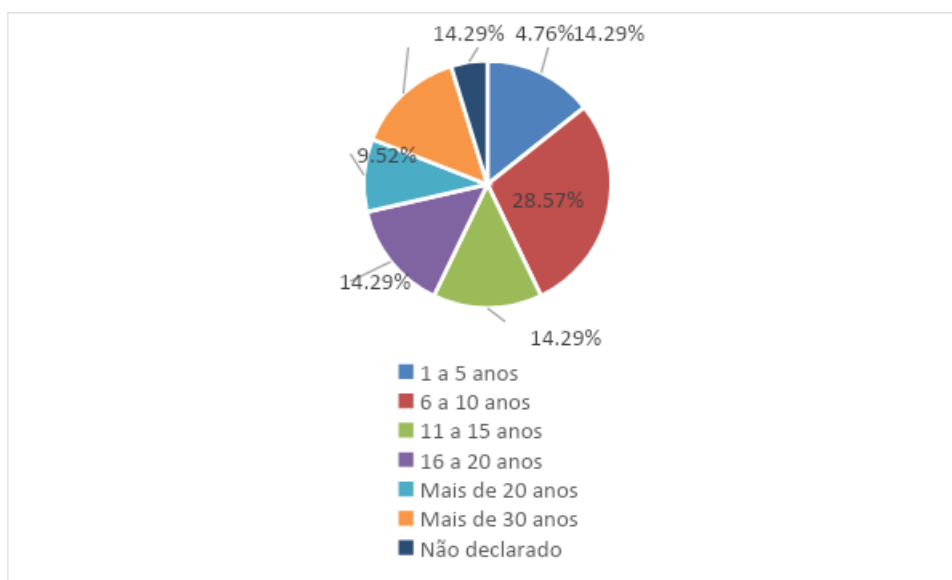
Esse levantamento mostra a importância de se compreender as diferenças do tratamento entre homens e mulheres dependentes químicos e o estigma social que os envolve. A diferença, como apontam Naomi *et al.* (2016), começa com a escolha do tipo de droga consumida, sendo o álcool a droga mais recorrente para uso dentro de casa e o *crack* a droga mais recorrente para uso na rua. O que não quer dizer que mulheres que bebem de forma privativa não sejam alcoolistas e nem que não bebam em público, mas, como aponta Cesar (2006), esse comportamento e a representatividade de beber na esfera privada, revela uma particularidade que envolve o beber feminino.

Outro aspecto que deve ser considerado nesse processo seria a necessidade de preservação da autoimagem, visto que mulheres podem sofrer preconceito por beber, como cobrança de papéis e posturas não consideradas socialmente do feminino. A repressão gera culpa e, como consequência, o beber escondido. O beber escondido pode também ter relação com a ideia de controle sobre o beber que a mulheres podem entender ou achar que possuem (CESAR, 2006).

Em uma entrevista feita pelo site Saúde Debate (2020), Alessandra Diehl, psiquiatra, especialista em dependência química e vice-presidente da Associação Brasileira Sobre Estudos de Álcool e Outras Drogas (ABEAD), relatou que segundo os estudos da ABEAD, o alcoolismo feminino tem precisas particularidades em comum, como mulheres de baixa escolaridade, início prematuro do consumo de álcool, enfrentamento de conflitos familiares, e, além de vínculos enfraquecidos, sofreram violência e/ou abusos diversos.

O que nos remete a ideia de tempo prolongado de uso, como forma de lidar com conflitos, violência e abuso. Esse tempo está exemplificado no gráfico 11, que mostra o tempo de uso declarado por essas acolhidas, variando entre dois e 33 anos.

Gráfico 11: Tempo de uso, pelas mulheres, de álcool e outras drogas - período de 2015 a 2021



Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Verificou-se que o tempo de uso declarado pelas mulheres acolhidas estão em maioria entre 6 e 10 anos, mas os demais anos também são significativos e um indício que corrobora com o que nos aponta El-Bassel, *et al.* (2019) de que, algumas mulheres podem usar drogas para lidar com experiências afetivas negativas, como abuso por parte do parceiro e

experiências negativas no percurso da vida, além disso, fatores socioeconômicos apontam para baixa escolaridade, conforme já relatado acima, o que nos remete a que a maioria das mulheres nesse contexto da amostra estudada vive em um contexto de desigualdade social, baixa escolaridade, com idades variadas, e lidando com experiências negativas por serem vistas como alguém que tem uma função social e uma divisão em termos de trabalho.

Estar inserido num contexto de trabalho representa um processo de salutar importância na vida do indivíduo, visto que, em muitos contextos o uso de drogas restringe totalmente a atividade tanto com relação ao trabalho como em relação aos contextos sociais (SOUZA *et al.*, 2011).

5. CONCLUSÕES

Correlacionar elementos sociais e vulnerabilidades é fundamental para compreender os processos de saúde, adoecimento e conseqüente dependência, visto que olhar para a vulnerabilidade e para os determinantes sociais, possibilita perceber o indivíduo em sua especificidade, a fim de compreender como se dão os efeitos físicos e psicológicos vividos por essas mulheres, bem como os caminhos encontrados por elas no momento em que decidem passar por um processo de reabilitação (SARMIENTO *et al.*, 2018).

Considerando que, ao passar pelo processo de reabilitação, o indivíduo restringe suas atividades de lazer associada ao uso de drogas e que o contexto de se manter em abstinência, sobretudo numa sociedade em que frequentemente associa o processo de entretenimento ao uso de álcool e outras drogas, requer um trabalho de fortalecimento do indivíduo e de suas redes de apoio (SOUZA *et al.*, 2011).

Com isso, fortalecer as redes de proteção simbólica, bem como buscar criar e reforçar os laços contribui para o estabelecimento de regras e normas que orienta o indivíduo ao cuidado consigo (MEDEIROS; MACIEL; SOUZA, 2014).

Além do agravante das questões sociais já apontadas, é mister que se inclua aos questionários da casa, um campo onde as acolhidas possam comunicar alguma violência já vivenciada pelo uso e abuso de álcool e outras drogas, visto que na vida cotidiana das mulheres, relações conflituosas e com disputa de poder, podem ocorrer pontos de tensionamentos em suas relações interpessoais. Principalmente, no que diz respeito às mulheres, à violência é agravada pela discriminação vivenciada pela sociedade estruturalmente patriarcal, como é o caso da brasileira, o que pode ser constatado pela ineficiência das leis existentes para a prevenção e proteção das mulheres contra a violência.

Por isso, faz-se importante para instituições que acolhem mulheres com histórico de uso e abuso de drogas o rastreio através do formulário, para que esses dados possam ser contabilizados em pesquisas posteriores.

Mesmo diante das limitações das anotações nos documentos de entrada a casa com relação à questão da violência já vivida pelas mulheres acolhidas, os documentos abrangem de forma geral, perguntas centrais em documentos preenchidos a entrada em algum estabelecimento.

Destaca-se a necessidade de inclusão de pontos chaves nos questionários de entrada a casa, de forma que possam tornar mais compreensível os motivos que levaram essas mulheres a optar pela abstinência, visto que, os registros desses dados são importantes para uma condução dos processos com as mulheres, buscando entender as necessidades de cada uma, além de com isso, ser possível identificar a incidência de outros transtornos mentais que possam estar associado ao uso e abuso de drogas, bem como identificar possíveis abusos psíquicos e violências associadas.

Esses pontos podem ser de suma importância para que funcionários e prestadores de serviços entendam não só os motivos que levaram as mulheres ao desejo de manterem a abstinência, mas compreender também os motivos que as levaram ao uso e abuso de álcool e outras drogas, visto o aumento dos espaços de acolhimento de mulheres em situação de uso e abuso de drogas vem aumentando e entender o contexto dessas mulheres se faz urgente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Alexandre. Clínicas de recuperação: até onde vai o conceito de laborterapia? **JusBrasil**, 29 jan. 2021. Disponível em: <https://arnautaeaujo.jusbrasil.com.br/artigos/1160069227/clinicas-de-recuperacao-ate-onde-vai-o-conceito-de-laborterapia>. Acesso: em 19 abr. 2021.

BAREMBLITT, Gregorio F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**, 5ed., Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari (Biblioteca Instituto Félix Guattari; 2002.

BENELLI, SJ. A análise institucional como perspectiva de investigação. In: **O atendimento socioassistencial para crianças e adolescentes: perspectivas contemporâneas** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2016, p. 49-56. Disponível em: <https://docplayer.com.br/107542236-2-a-analise-institucional-como-perspectiva-de-investigacao.html> Acesso em out. de 2020.

CECHINEL, Andre et al. Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. **Revista Criar Educação**, v. 5, n. 1, 2016.

CESAR, Beatriz AcetiLenz. Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades. Resultados preliminares. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 3, p. 208-211, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852006000300006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 abr. 2021.

COSTA, Gilberto. Analfabetismo resiste no Brasil e no mundo do século 21. **Agência Brasil**. Brasília, 08 set. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-09/analfabetismo-resiste-no-brasil-e-no-mundo-do-seculo-21>. Acesso em 16 out. 2020.

FEBRACT – **Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas**. Disponível em: www.febract.com.br. Acesso em: 14 abr. 2021.

FELICIO, Rafael Gorni; BENELLI, Silvio José. A análise institucional como ferramenta para a atuação no campo do trabalho cooperado na economia solidária. **Diálogo**, Canoas, n. 27, p. 25-37, dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo> Acesso em out. de 2020.

FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 307-314, ago. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200008&lng=en&nrm=iso acesso em: 20 Mar. 2021.

FOSSI, Luciana Barcellos; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. O modelo de tratamento das comunidades terapêuticas: práticas profissionais na conformação dos sujeitos. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 94-115, abr. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 out. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. 220p. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Lidianne B. da Silva; Delineamento do perfil das instituições de assistência ao dependente químico e sua família no Brasil a partir das informações disponibilizadas nos sites. **Dissertação**, Universidade Católica do Salvador – UCSAL, Salvador-BA, 2017.
<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:KwcUfCzt754J:www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/47366/25613+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 14 abr. 2021.

LAPASSADE, Georges. **Grupos, organizacoes e institucoes**. 1977.

LIMBERGER, Jéssica; SCHNEIDER, Jaluza Aimèe; ANDRETTA, Ilana. Especificidades do tratamento de mulheres usuárias de crack: interface com direitos humanos. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 13-147, dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5327/Z1982-1247201500020004>. Acesso em: 17 out. 2021.

MARANGONI, Sônia Regina; OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix de. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 22, p. 662-670, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000300012>.

MEDEIROS, Katruccy Tenório; MACIEL, Silvana Carneiro; SOUSA, Patrícia Fonseca de; SOUZA, Flaviane Michelly Tenório; DIAS, Camila Cristina Vasconcelos; Representações Sociais do Uso e Abuso de drogas entre Familiares de Usuários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 269-279, abr/jun.2013.

MORAES, Tauama. Modelo Minnesota: “Uma abordagem evolucionária e multidisciplinar na Recuperação da Adicção”. CASA DESPERTAR. c2019. Disponível em: <https://casadespertar.com.br/modelo-minnesota/>. Acesso: 17 abr. 2021.

PEREIRA, William Cesar Castilho. Movimento institucionalista: principais abordagens. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v.7, n. 1, jun. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2020.

PERRONE, Pablo Andrés Kurlander. A comunidade terapêutica para recuperação da dependência do álcool e outras drogas no Brasil: mão ou contramão da reforma psiquiátrica? **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 569-580, Feb. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000200569&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 Abr. 2021.

REIS, Lúcia Margarete dos; UCHIMURA, Taqueco Teruya; OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix de. Perfil socioeconômico e demográfico em uma comunidade vulnerável ao uso de drogas de abuso. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 26, p. 276-282, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002013000300012>.

ROUCHY, Jean Claude. **Instituicao E Mudanca-Processo Psiquico E**. Casa do Psicólogo, 2005.

SARMIENTO, Yoliver Esmeralda Salcedo *et al.* Dependência química e gênero: um olhar sobre as mulheres. **Caderno Espaço Feminino**, v. 31, n. 2, 2018.

SIMONINI, Eduardo; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Transversalidade e esquizoanálise. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 3, p. 915-929, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v24n3/v24n3a15.pdf>. Acesso em 10 out. 2020.

SOUZA, Kévin da Silva et al. Reinserção social de dependentes químicos residentes em comunidades terapêuticas. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 12, n. 3, p. 171-177, set. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762016000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 jul. 2020.

SOUZA, L.; KANTORSKI, L. P.; LUIS, M. A. V. Rede social de usuários de álcool, sob tratamento, em um serviço de saúde mental. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [Internet]. Jan-fev 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/CV33BNgwGJsCDYXvQwMQzht/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 nov. 2021

TASSINARI, Taís Tasqueto *et al.* Caracterização de mulheres em tratamento devido ao uso de drogas. **Rev. enferm. UFPE online**, p. 3344-3351, 2018.

CAPÍTULO III

MULHERES POBRES, DEPENDÊNCIA QUÍMICA E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

1 INTRODUÇÃO

A dependência química tem se apresentado como algo de extrema relevância hoje em termos de saúde pública, e sua complexidade exige múltiplas abordagens (SILVA, 2015). O uso e abuso de drogas traz prejuízos em todos os contextos da vida do indivíduo, sua vida familiar, trabalho e a sociedade são afetados. A dependência é definida como um padrão mal adaptativo do uso, tendo repercussões psíquicas, sociais, físicas e familiares por resultado da interação entre o indivíduo e as drogas (DALGALARRONDO 2008).

Segundo o relato das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, 2019) cerca de 271 milhões de pessoas, o equivalente a 5,5% da população mundial, usou algum tipo de droga no ano de 2017. O estudo apontou ainda que os transtornos relacionados ao consumo de drogas tiveram um crescimento preocupante, e classificam o aumento em parte, pelo crescimento populacional da mesma faixa etária analisada que é de 15 a 64 anos de idade. Para Ewald (2019), vários aspectos contribuem para este aumento, sendo eles, aspectos individuais, como sexo e idade, além de fatores psíquicos como a impulsividade, além de aspectos econômicos e sociais que levam à vulnerabilidade e também se encontram relacionados ao aumento do uso e ao abuso de drogas, e, conseqüentemente, ao aumento dos danos que o seu uso implica para a família e a sociedade.

Um levantamento de dados intitulado como: II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD II) de 2014, aponta o uso regular de álcool e outras drogas por mulheres e revela um aumento em 11% de 2006 para 2012. Em pesquisa, publicada em dezembro de 2020 pelo IBGE, indica que o número de mulheres que afirmam terem bebido uma ou mais vezes por semana em 2019, aumentou em 17%, ficando o índice maior do que o já apontado pelas pesquisas de 2012 e 2013.

Esse levantamento mostra a importância de se compreender as diferenças do tratamento entre homens e mulheres dependentes químicos e o estigma social que os envolve. A diferença, como apontam Naomi *et al.* (2016), começa com a escolha do tipo de droga consumida, sendo o álcool a droga mais recorrente para uso dentro de casa e o *crack* a droga mais recorrente para uso na rua. O que não quer dizer que mulheres que bebem de forma privativa não sejam alcoolistas e nem que não bebam em público, mas, como aponta Cesar

(2006), esse comportamento e a representatividade de beber na esfera privada, revela uma particularidade que envolve o beber feminino.

Outro aspecto que deve ser considerado nesse processo é a necessidade de preservação da autoimagem, visto que mulheres podem sofrer preconceito por beber, como cobrança de papéis e posturas não consideradas socialmente do feminino. A repressão gera culpa e, como consequência, o beber escondido. O beber escondido pode também ter relação com a ideia de controle sobre o beber que as mulheres podem entender ou achar que possuem (CESAR, 2006).

Em uma entrevista feita pelo site Saúde em Debate (2020), Alessandra Diehl, psiquiatra, especialista em dependência química e vice-presidente da Associação Brasileira Sobre Estudos de Álcool e Outras Drogas (ABEAD), relatou que segundo os estudos da ABEAD, o alcoolismo feminino tem algumas particularidades em comum, como mulheres de baixa escolaridade, tendo o início prematuro no consumo de álcool, enfrentamento de conflitos familiares, e, além de vínculos enfraquecidos, sofreram violência e/ou abusos diversos.

A questão do uso e abuso de drogas entre mulheres, é, portanto, complexa e exige múltiplas abordagens. Vários fatores podem ser preditores para o início e manutenção do uso. Dentre estes, destaca-se neste estudo, a questão da violência.

A violência é um fenômeno que sempre esteve presente na sociedade, ocorrendo de diversas formas de acordo com a sociedade e cultura nas quais cada indivíduo está inserido. Tanto situações de violência, quanto seu agravamento possuem vinculação sólida no social, atingindo principalmente os mais vulneráveis. Menores níveis educacionais e socioeconômico são preditores para o crescente aumento de violência doméstica e o uso e abuso de drogas (RIBEIRO; COUTINHO, 2011; ELDOSERI; SHARPS, 2017).

A violência doméstica contra mulheres, notadamente a conjugal, vem sendo discutida e vem se intensificando, considerando o contexto das últimas décadas, tanto com campanhas sobre intervenções, quanto às reflexões acerca do tema vêm se modificando, objetivando avanços teóricos, com leis e políticas públicas que oferecem prevenção, modificação de padrões e supressão da violência sobre as mulheres (ALMEIDA; PEREIRA, 2012).

De acordo com Sobolh (2020), dados do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, apontam que o número de agressões contra mulheres cresceu em meio à crise do novo coronavírus. Tais números reforçam o fato de que o lar não é acolhedor e seguro para todas as mulheres e que muitas delas vivem há anos nesse clima de medo e tensão.

A violência doméstica, além do agravante das questões sociais já apontadas, evidencia a existência, na vida cotidiana das mulheres, de relações conflituosas e com disputa de poder, apontando tensionamentos nas relações interpessoais. Principalmente no que diz respeito às mulheres, a violência é agravada pela discriminação vivenciada por ser uma sociedade estruturalmente patriarcal, o que pode ser constatado pela ineficiência das leis existentes para a prevenção e proteção das mulheres contra a violência. No Brasil, apesar de a Lei Maria da Penha ter sido promulgada em 2006, não se constata redução de casos de violência contra a mulher. Os impactos e repercussões na vida das mulheres vítimas de violência são enormes, muitas vezes geram sentimentos de medo e vergonha pela falta de respeito a que são submetidas, com consequente dano tanto à sua saúde física quanto mental (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

Para Ferreira *et al.* (2016), a violência doméstica contra mulheres é mais propensa de ocorrer quando se somam um conjunto de fatores, tais como, baixa escolaridade, ausência de um trabalho remunerado e de um relacionamento afetivo fixo e duradouro, combinados com histórico de violência doméstica nas relações familiares ou sofrida pela própria mulher na infância.

Diante disso, o estudo busca, através da história oral dessas mulheres, identificar se há relação entre violência doméstica e início do uso de algum tipo de substância que levaram essas mulheres ao acolhimento pelo uso e abuso, bem como identificar as questões familiares envolvida na história dessas mulheres, na busca de contribuir para elucidação de como esses processos são vistos pela mulher que sofre a violência, e como o enfraquecimento dos laços afetivos desencadeiam respostas negativas nestas. Tais respostas podem contribuir para um adoecimento mental como consequência que essas violências trouxeram.

O uso e abuso de drogas e violência doméstica são apontados por diversos autores como reflexo das desigualdades sociais (EWALD *et al.*, 2019; COSTA; GOMES, 2018; EL BAASSEL *et al.*, 2019). Nesse aspecto compreender como se dão a questão da violência no âmbito do universo feminino, que pode resultar no uso e abuso de drogas faz-se necessário, mesmo que isso represente um ciclo que se retroalimenta. O ato de usar drogas pode levar à exposição, aumentando o risco dessas mulheres sofrerem violência, seja física ou sexual, ou ainda, a própria violência pode levar ao uso como forma de tentar amenizar o evento adverso ou simplesmente não pensar no problema.

A pesquisa se mostra pertinente, pois apesar de haver estudos que apontam a relação entre violência e dependência, poucos buscam compreender as relações familiares e as imagens que as mulheres vítimas de violência têm de si mesmas e da sua própria relação

familiar ou com os seus pares. Além disso, estudos apontam (FERREIRA *et al.*,2016; LUCCHESI *et al.*,2017; ROSA; BRETAS, 2015), que a condição socioeconômica importa e são as mulheres que apresentam maior condição de vulnerabilidade.

Assim, esta pesquisa pretendeu aprofundar na compreensão das questões que envolvem as relações familiares das mulheres que fazem uso de drogas, buscando identificar nessas mulheres a queixa principal que pode ter contribuído para a busca da droga. A pesquisa foi feita com mulheres que estiveram acolhidas na Comunidade Terapêutica Divina Providência entre os anos de 2015 a 2018. A assistência comunitária, através das Comunidades Terapêuticas, tem sido a possibilidade de acolhimento para mulheres pobres com quadro de dependência de álcool e outras drogas, para as quais essa modalidade de acolhimento representa também o lugar para se reestabelecer enquanto indivíduo, com a esperança de recuperação, não somente em relação ao ato de usar drogas, mas também do seu lugar social e familiar.

2 FAMÍLIAS, RELAÇÕES E COMPLEXIDADES

Para Levi-Strauss (1955), definir a família faz-se necessário a fim de que se construa um modelo que nos permita demarcar essa propriedade que a época julgou invariável. Em sua construção desse modelo, aponta que o casamento é que dá origem a família, e que essa união formaria um núcleo que se constituiria pelo marido, a mulher, os filhos dessa união e outros parentes que porventura se agregar, e, aponta que a união dos membros da família dar-se-ia por laços jurídicos, por natureza econômica, religiosa e outras e por uma rede de direitos e proibições.

E é o que se pretende quando se pensa a família como um processo fechado, rígido e que não permite modificações, essas relações que se mantêm a nível ideológico tentam um estreitamento em nível de práticas, deixando de fora quem não se insere nas práticas que são consideradas ideias (GOLDANI, 1993). Atualmente, há uma luta entre a tradição e a modernidade, políticos e ativistas suplicam pelo retorno da família tradicional (GIDDENS, 2007).

A história da organização familiar parte de uma organização fixa com personagens claramente definidos, mantém-se com a incorporação de novos membros, sendo substituída com o advento da industrialização e das ruínas das propriedades rurais, pela família moderna (CORRÊA, 1981). São notórias as transformações e os desdobramentos pelos quais as

famílias vêm passando em sua constituição, modificando e assimilando novos conceitos e adequações, bem como o lugar do feminino na família moderna.

Esse contexto de família moderna traz lutas entre manter a tradição e se abrir à modernidade, há muita nostalgia em torno do que se perde em torno do santuário denominado família (GIDDENS, 2007). Nesse sentido, Corrêa (1981), pontua que é apenas no interior das famílias que podem ocorrer transformações, pois o conceito como tem sido utilizado até agora, o termo família patriarcal apenas achata as diferenças, reduzindo os indivíduos até caberem num mesmo molde que é utilizado para se falar de família.

A família representa um local do espaço social onde as gerações interagem entre si, “e onde os dois sexos definem suas diferenças e relações de poder” (REIS, 1984, p. 104). Nesse processo de categorização da família e dos seus membros, a análise do funcionamento versa sobre a autoridade *versus* amor, permitindo-nos avaliar e comparar os diferentes modelos familiares, bem como sua dinâmica interna (REIS, 1984).

Ao definir família, Silva, (2015 apud PAYÁ, 2010) afirma que é necessário compreender suas diversas funções e os papéis assumidos pelos seus membros constituintes, bem como as contradições enfrentadas a níveis de comportamento, que algumas vezes não condiz com o que a família idealizou, com os afetos e tensões que se originam do ambiente e que contribuem para que o sistema familiar se mantenha numa dinâmica que envolve transformações, mas ainda conserva o papel social de gerar valores e crenças, bem como a cultura da família a qual estão inseridos.

As interposições na conduta familiar dizem respeito aos aspectos de risco que ocorrerem no processo de desenvolvimento da dependência química e se mostram importantes as identificações e conhecimentos para a utilização de estratégias para o tratamento do dependente químico e de sua família (SILVA, 2015).

Muito embora o abuso de drogas suceda num corpo individual, seu uso produz impactos que recaem não apenas sobre o usuário, mas ainda em suas famílias. Nessa perspectiva, o impacto de vivenciar a dependência de pessoas que integram o grupo familiar, impacta a família em inúmeras dimensões, seja de forma financeira ou social, ou no afeto, gerando um enfraquecimento dos laços familiares, contribuindo ainda, de forma efetiva para exclusão e estigma social (REGO *et al.*, 2017).

Compreender a dinâmica familiar e como ela reage ao enfraquecimento dos laços, possibilita não apenas um entendimento sobre o sintoma, mas como o mesmo interfere no indivíduo, ampliando para a família uma possível compreensão sobre o fenômeno da dependência química, podendo assim, construir novas possibilidades de intervenções, com o

objetivo de restaurar os laços afetivos e a individualidade que se tornam prejudicadas com o uso e abuso de drogas (PAZ; COLOSSI, 2013).

2.1 Famílias, violência doméstica e dependência

Entender que a questão familiar se faz presente em contextos distintos na vida de um indivíduo e entendendo que esse ambiente pode ser fator influenciador, Azmiet *al.* (2018) avaliam que os processos de recaída fazem parte da relação com a dinâmica familiar, com os pares e com os amigos, servindo como influenciadores para os processos de recaída.

Efrat (2019) verifica e aponta que a literatura indica que homens e mulheres podem reagir de forma distinta a um mesmo evento estressor e que as mulheres podem apresentar maior vulnerabilidade e, por esse motivo, tendem a se utilizar das drogas pela incapacidade de entender seus próprios sentimentos.

O convívio com a dependência química exige da família uma reorganização, uma vez que o comportamento de maneira rotineira tende a ser instável, causando exaustão no convívio, transformando as relações e gerando agressões entre o dependente e algum membro da família, pela dificuldade de suportar a instabilidade às quais os dependentes químicos estão inseridos.

Processos que envolvem violência entre os pais ou ser alvo de violência por parte dos pais gera instabilidade no grupo familiar, causando marcas aos que estão inseridos nessa dinâmica familiar, especialmente na infância. Como nos indica o artigo de Bittar e Nakano (2011, p. 21) “a vivência de presenciar a violência conjugal se mostra como fato que marcou a infância dessas mulheres”, para as autoras a dinâmica nas relações conjugais podem ser identificadas pelos polos de “subordinação e dominação”. Seguindo a mesma linha, Lucchese *et al.* (2017), aponta a perpetuação da violência pela via do reconhecimento e aceitação, sem uma pronta reflexão frente à atitude dos agressores.

Condições que envolvem a degradação familiar a partir da violência intrafamiliar estão associadas ao consumo de álcool e outras drogas, estando em alta escala o abuso por parte dos homens, explicitando o maior risco de perpetrar a violência, particularmente contra as mulheres (BITTAR; NAKANO, 2011).

Assim, considerando as questões familiares e a mulher, parte-se da premissa de que a mulher foi submetida, através dos séculos, por questões que a degradam. Ariès (1981) aponta que, no século XVI, a mulher casada tornou-se uma figura incapaz, tendo todos os seus atos

que serem autorizados, ou pelo marido ou pela justiça, o que reforçava o poder do marido sobre a mulher. Ela e os filhos se submetiam à lei do pai.

Atualmente, pensar que isso era comum é inconcebível, mas é sabido que ainda existem mulheres que estão submetidas a alguém, seja marido, pai ou companheiro (ARIÈS, 1981). Biroli (2015) clarifica o exposto, apontando que o casamento, a constituição social de família legitimou as relações de autoridade e instaurou o domínio masculino, não somente para com as mulheres, mas para com os filhos e conclui que as várias formas de violência e opressão estão de certa forma, naturalizadas dentro dessa esfera, seja por estar inserida nela ou por não estarem.

Um dos maiores desafios à promoção da igualdade de gênero consiste no ato de enfrentar a violência contra as mulheres (ONUBR, 2018), pois, apesar de a problemática da violência contra a mulher estar em voga, chama atenção o fato de que apesar de ser uma das transgressões aos direitos humanos mais praticadas é também a menos reconhecida no mundo, e que, em geral, mulheres usuárias de drogas, têm maior propensão a sofrer algum tipo de violência, seja por parceiro íntimo ou familiar. Por sua vez, o uso de drogas por estas mulheres, pode estar relacionado a eventos classificados como desfavoráveis no ambiente familiar, como baixo vínculo afetivo e conflitos familiares, bem como o comportamento e cultura familiar para o uso de drogas (MARANGONI; OLIVEIRA, 2012).

De acordo com El-Bassel *et al.*, (2019), algumas mulheres podem usar drogas para lidarem com experiências afetivas negativas, como abuso por parceiro e/ou experiências negativas no percurso da vida, além disso, fatores socioeconômicos evidenciam que a maioria das mulheres apresentam baixa escolaridade e são negras. Nesse contexto, a mulher segue com experiências negativas por serem vistas como alguém que tem uma função social e uma divisão em termos de trabalho direcionado para a questão do lar.

Nos anos 2000, a mulher ainda era vista como “dona” do lar, como alguém que precisava dar vazão a sua “natureza”, ou seja, precisava representar essa família tradicional, casando e tendo filhos. Havia ainda hierarquias dentro do mesmo gênero, sendo as mulheres categorizadas de acordo com as práticas sexuais às quais estavam submetidas. Ou seja, a função da mulher na sociedade e na família ainda vinha marcada pelo estigma do lar, casamento e de coisas do feminino e do masculino, envolvendo, nesse contexto, as diversas violências às quais as mulheres enfrentam no seu cotidiano (GIDDENS, 2007).

A violência é um forte indicativo para a manutenção do vício. Um evento traumático, conflitos familiares, violência ou exposição a abusos, podem ser preditivos para uso e manutenção do vício como forma de escape. Os efeitos despertados pelos constantes abusos

geram medo e acarretam reações diversas que influenciam a mulher de forma negativa, interferindo de forma direta em sua qualidade de vida, visto que, as violências pelas quais essas mulheres foram submetidas, deixam marcas em sua memória e geram mal-estar permanente, provocando danos à saúde mental (TRIGUEIRO; LABRONICI, 2011).

3 PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS

A parte empírica consistiu em um estudo de caso empregado de forma frequente nas pesquisas sociais, com o propósito de explorar acontecimentos do cotidiano, habitualmente denominado de vida real, quando os limites não estão visivelmente marcados. Objetiva também descrever uma situação da qual faz parte a investigação da pesquisa, bem como, busca explicar variáveis evidenciadas em uma realidade em que a explicação não se aplica a um experimento (GIL, 2008).

O estudo de caso visa permitir um conhecimento amplo e detalhado, no contexto da realidade das mulheres que estiveram acolhidas na Comunidade Terapêutica Divina Providência. A escolha pelo estudo de caso deu-se pela possibilidade de agrupar um número maior de informações, cujo objetivo seja assimilar a integralidade de um ambiente, bem como retratar a multiplicidade de um acontecimento concreto, com vistas à inserção na realidade social das mulheres que estiveram acolhidas (GOLDENBERG, 2004).

Tendo como objetivo central, para o estudo proposto, aprofundar na compreensão dos aspectos da dependência química em mulheres em associação com a possível existência de violência doméstica, a opção por um estudo de caso é uma estratégia de pesquisa adequada, definido, conforme Yin (2001, p. 32), como “uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Os estudos de caso não se colocam na perspectiva da generalização de resultados, mas de oferecer a oportunidade de compreensão de forma profunda diante de um fenômeno específico.

3.1 Coleta e análise de dados

Para atender ao objetivo e compreender se há relação entre a dependência química e a violência doméstica sofrida por mulheres pobres, foi utilizada a História Oral como técnica de coletas de dados que é uma técnica baseada primordialmente no depoimento oral obtido da

interação entre o pesquisador e o entrevistado. Tivemos por objetivo capturar os relatos literais, reflexões do passado e opiniões sobre as condições que levaram as mulheres desta pesquisa a condição de dependência química, desgaste familiar e violência doméstica. Essa técnica se mostra pertinente por conceder uma interação entre passado e presente e tem por finalidade preencher lacunas existentes nos documentos escritos, bem como identificar nesse seguimento, as condições socioeconômicas dessas mulheres dependentes (HAGUETTE, 1997).

Foram contactadas sete mulheres residindo em Viçosa-MG e três aceitaram participar da pesquisa. Para a coleta de dados através da história oral, foram realizados dois encontros. Com o objetivo de apreender o maior número de informações dentro da técnica, os intervalos entre um encontro e outro foi de 15 dias.

As entrevistas seguiram um roteiro norteador estruturado em 10 tópicos e 7 sub tópicos que podem ser consultados os anexos. As entrevistas foram gravadas e o intervalo de 15 dias auxiliou na organização dos dados e facilitou a escuta das histórias novamente, objetivando, assim, o encontro de lacunas em falas diversas ou repetidas. Cada encontro teve duração de 30 minutos a 1:15h.

As histórias orais foram transcritas e analisadas em suas particularidades, de acordo com a teoria que embasa esse estudo.

Para todas as mulheres participantes da pesquisa foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicado e colhida a assinatura de aceite na pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Onde nasce a violência?

Para esta análise foram consideradas as tipologias de violência apresentadas em Oliveira (2009) e na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, 2006) a fim de caracterizá-la: i) violência física, assimilada como todo comportamento que gere dano físico a outro, destacando bofetadas, murros, pontapés, empurrões, violência marcada pela presença de queimaduras, hematomas, lesões e fraturas; ii) violência sexual, conduta que envolva ameaça ou uso de força, que force o indivíduo a manter, participar ou presenciar uma relação sexual que não é desejada utilizando a intimidação para conseguir, limitando ou anulando o direito sexual e reprodutivo individual; iii) violência psicológica, onde entende-se que qualquer ação que envolva ameaça, humilhação, perseguição, isolamento, manipulação, ridicularização,

dentre outros eventos que envolva diminuição da auto estima, causando danos emocionais e prejudicando o indivíduo.

Agrupamos nos tópicos a seguir o tipo de violência sofrida que foi identificada nas mulheres participantes da história oral e discutiremos os tópicos na sequência.

Violência Física

Meu pai me batia, minha mãe não me dava ideia, meus “irmão” não dava ideia pra mim, aí eu pegava saía de casa, eu não dava ideia pros meus filhos, não dava carinho, não dava atenção (Entrevistada3).

Numa festa de aniversário que fui bebi demais, me levaram em casa e meu pai me bateu muito, ele queria me matar, os vizinhos que ajudaram que ele não parava de me bater, e ele me colocou pra fora de casa [...] rodei, rodei, fui pra casa de uma amiga, bebemos, fomos ao jogo, depois pro “buteco”, fiquei muito ruim [...] daí fiquei 6 meses sem ver eles, ficava pra rua afora bebendo (Entrevistada3).

Eu arrumei outro serviço e ele falou: é do serviço pra casa, da casa pro serviço. Só que eu saí, quando eu cheguei ele queria me bater, ele “tava” muito bravo com o chicote na mão (Entrevistada1)

Afastamos e depois voltamos, aí depois ele começou a me trair de novo, eu comecei a beber de novo. Nós dois chegamos em casa de uma festa, ele pegou a faca e “xuxou” na minha costela, eu falei: você quer me matar? Me mata de uma vez, nessa hora eu dei um soco nele, ele caiu, eu “tava” tonta, ele “tava” tonto, ele começou a me arrastar pela casa, eu comecei arrastar ele também (Entrevistada1).

Violência Sexual

“É igual eu te falei: a falta de atenção do meu pai e eu ter sido estuprada. Eu ia fazer 13 anos, e fui estuprada até quando eu engravidei e tive minha filha eu “tava” com 17 anos. Meu pai morreu sem saber e minha mãe soube muito tempo depois, minha filha já estava grande, já estava mocinha. Na casa onde eu fui trabalhar, minha patroa me falou que tinha alguma coisa de errado comigo porque ninguém bebe igual eu bebia sem motivo, mas eu não disse nada, disse que não sabia (Entrevistada3).

Nãooo” [...], nunca separamos não. Nem de cama! De nada. Nunca separei de cama. Eles ficam assim: “ce” não dorme com seu marido não que ele vai te matar. Eu disse: vai não, eu tenho Deus. Dessa última vez eles [polícia] pediram pelo amor de Deus, você não dorme com seu marido não que ele vai te matar a noite. Ohhhh, entrou na orelha e saiu na de cá. De cama, nunca separamos (Entrevistada2).

Violência Psicológica

Minha família não “tava” nem aí pra mim (Entrevistada2).

Não me tratava bem não. Não tinha briga de ofender, mas dava as costas como resposta, saía e não respondia. O método dele foi ignorar, deixar falando sozinha. Meu pai também bebia. Depois que ele morreu e eu descobri as traições do meu marido, me senti desamparada (Entrevistada1)

Quando eu voltei eu fiquei com mais falta de carinho ainda, por eu ter voltado pra perto da minha mãe e meu pai, eu fui ficando com raiva porque eles me rejeitavam (Entrevistada2)

Então eu fui pondo na minha cabeça o jeito que ele me tratava, ele me batia, minha mãe me xingava, comprava comida pros meus irmãos e não me dava, me mandava trabalhar e comprar. Então eu ficava com muita raiva (Entrevistada3).

Depois que eu tive meu segundo filho, passou uns meses, eu fui na casa dos meus pais, ver minha filha e eles, aí eu fiquei lá uns dias, fazendo amizade com eles, minha mãe me tratava bem, voltei pra dentro de casa, no início foi mil maravilhas e depois foi aquele inferno de novo, eu voltei a beber, engravidei de novo e aí, falei com o pai do meu filho que era pra arrumar um barraco pra gente (Entrevistada3).

Eu fui trabalhar com meu irmão e eu estava grávida, mas ele não sabia. Minha cunhada contou e ele ignorou, não falou nada comigo, depois ele me colocou pra fora, na rua (Entrevistada3).

Ele também não me dava oportunidade de contar, quando eu chegava perto dele só me xingava (Entrevistada2).

Os relatos evidenciam que, apesar de a violência contra a mulher ser uma transgressão aos direitos humanos, ainda é muito praticada. Nos relatos é possível perceber vários eventos nocivos no ambiente familiar que foram atrelados pelas mulheres como indutores ao início do uso de drogas. Igualmente, há que se destacar que as relações conjugais impactaram e tiveram relação direta com o início e manutenção do uso de drogas, da mesma forma que a história familiar.

Entretanto, mesmo com reflexões acerca do tema e campanhas sobre intervenções e prevenções em torno de medidas para a redução da violência contra mulheres, num período curto, uma medida provisória nº 726 de 12 maio de 2016, editada no governo de Michel

Temer, extinguiu o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, ficando as questões as quais o ministério era responsável à época, vinculados à pasta da secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, dentro do Ministério da Justiça e Cidadania, que posteriormente, já no governo de Jair Messias Bolsonaro, passa a Ministério da Justiça e Segurança Pública. Movimentos sociais consideram a incorporação dos ministérios como um retrocesso devido a importância do ministério das mulheres, da igualdade racial, da juventude e dos direitos humanos para as populações vulneráveis, garantindo visibilidade e direitos. (PONTES; DAMASCENO, 2017).

Com esse retrocesso e o aumento da violência na própria casa, podemos inferir que a violência vem sendo produzida e reproduzida continuamente entre os sujeitos e em suas relações íntimas, sociais e familiares. Evidenciando uma relação de desigualdade entre agente agressor e vítima.

Eu não vivi não, menina. Eu vivi empurrada. Ele nunca foi bom marido. Chegava bêbado? Chegava! Chegava agressivo? Chegava! Ele batia porta, ele levantava, saía. Ele xingava (Entrevistada2).

É porque assim: eu ficava em casa porque ele não gostava. Antes eu não trabalhava, não podia trabalhar e não tinha, sabe? Não podia fazer nada, não tinha hora dele chegar, eu tinha que ficar com os meninos sozinha, então era mais ou menos isso (Entrevistada1).

Verifica-se nesses relatos uma violência já cristalizada no papel de agressor e vítima, justificado por um sistema hierárquico em nossa sociedade em que o pai, marido, companheiro e irmãos possuem maior poder para justificar suas relações violentas, como se tivessem autorizado a tal ato. E muito embora agressor e vítima apresentem procedimentos que evidenciem a diferença de ambos, o ato de violência desumaniza-os, privando a vítima, deixando-a sem sua liberdade e dignidade (BRASILEIRO, 2020).

Evidenciamos ainda nesses relatos que cuidar dos filhos e não permitir que essas mulheres trabalhem vem de uma tradição social, que de certa forma “permite” um padrão de violência, restringindo a mulher a uma passividade e a dependência financeira, se tornando então, submetida às vontades do homem, o que gerava nessas mulheres impotência perante os eventos nocivos vivenciados por elas.

Esses eventos deixam marcas e lacunas em suas histórias. Como nos aponta Bittar e Nakano (2011) os reflexos estão apreendidos nas falas destas mulheres, que se recordam dos eventos vividos com mágoa, tristeza e carência afetiva, o que é evidenciado pelos seus

relacionamentos conjugais, em que “aceitam” o jeito do parceiro. As marcas deixadas pelas violências expandem para as vias emocionais, prejudicando o convívio social e familiar dessas mulheres, visto que a pesquisa deixa a mostra que existe uma ciclicidade da violência e do uso de drogas nas famílias das mulheres participantes da pesquisa.

A dependência de álcool e outras drogas, a violência, neste caso, a violência doméstica, é citada como um dos fatores relacionados para a manutenção e até mesmo início do uso. Como salienta Efrat e El-Bassel (2019), o ambiente tem um papel influenciador no início e na manutenção do comportamento para abuso de drogas. Eventos traumáticos, experimentação de violência por parceiro íntimo, exposição a pessoas dependentes na infância e na vida, aumentam a possibilidade de se desenvolver apegos inseguros que contribuem para o uso e aumento da predisposição para o uso de drogas. As dinâmicas familiares são, portanto, um fator contribuinte e passível de causar impacto sobre a dependência química.

4.2 Violências e o estigma social

Os relatos das mulheres deste estudo mostram desamparo frente às situações da vida, com uso de bebida entre os familiares e relacionamentos com parceiros que faziam uso também de bebida, o que foi apontado como um fator que contribuiu para início e manutenção do vício. Uma relata que começou a beber para acompanhar o parceiro, outra para suportar a pressão que a bebida trazia para seus lares, e a última relata que o uso se deu para que pudesse conviver com seu algoz que igualmente era parceiro de vida.

A gente saía (eu e ele) começava, toma uma cerveja aqui toma uma cerveja ali, aí dá uma confusão, aí você toma outra. Mas, essa confusão era com o marido? É... confusão assim: ciúmes, intriga, um atraso fazia isso, as vezes ele marcava um horário de chegar e chegava bem depois, perguntava o que “tava” fazendo, dava uma resposta sem lógica (Entrevistada 1)

Nos relatos que se seguem é mister considerar o preconceito, humilhação e o estigma moral que mulheres usuárias vivenciam por não cumprirem seu papel social e o que se espera do papel social das mulheres, descumprindo assim, os direitos fundamentais de igualdade de gênero, além de contribuir de forma acentuada para vulnerabilidade dessas mulheres (LIMBERGER; SCHNEIDER; ANDRETTA, 2015). No caso da entrevistada 3 a violência já aconteceu no primeiro momento após seu nascimento. Ainda que ela não pudesse perceber a

raiva e frustração, é possível perceber a rejeição, e ela foi rejeitada assim que nasceu, pois o pai queria um “filho homem”. *“Minha tia me disse que é porque meu pai queria que eu fosse homem e quando eu nasci, e ele viu que era menina, ele ficou com raiva” (Entrevistada 3)*

As diferenças sexuais entre homem e mulher dependem do fato de terem nascido assim e tal acontecimento não depende de escolhas, assim como não se pode escolher a nacionalidade ou a qual família pertence, antes do nascimento. Porém, logo depois que alguém nasce, começa-se um processo que visa à construção social da identidade na vida do indivíduo. Essa construção envolve comportamentos sociais do feminino e do masculino, e como nos aponta Vieira (2006) vivenciar esse contexto é como viver em duas culturas diferentes ao mesmo tempo. Onde os papéis de homem e mulher não pudessem se misturar, na construção social, gerando um estigma em quem ocupa esses papéis.

Além do estigma pelo papel social que se espera da mulher, se faz importante marcar a diferença entre homens e mulheres inclusive no tipo de droga consumida, como dito anteriormente, o álcool é a droga mais recorrente para uso em casa, talvez pelo fácil acesso e pelas mulheres acharem que essa forma de uso do álcool seja mais “fácil de esconder”, tornando esse beber escondido uma representatividade do ato do beber feminino, como podemos ver no relato que se segue:

Eu chegava todo dia do serviço e comprava, mas na rua não, nunca fui de beber na rua, tinha vergonha, tinha vergonha mesmo, eu achava absurdo ver aquelas moças sentadas no boteco virando copo de cerveja de qualquer coisa que fosse. Nunca fui de beber “nibuteco, ne bar”, não ia não, mas levava pra casa e aí, bebia escondido de mim mesmo, eu “tava” bebendo escondido de quem? De mim mesmo, né? Eu “tava” bebendo escondido de quem? Porque todo mundo “tava” vendo que eu “tava” bebendo. Escondia pros meninos não vê (Entrevistada 1).

Outro aspecto que importa considerar no processo de violência e o ato de beber é a necessidade de preservação da imagem, pelo preconceito, pela cobrança do papel social, já citado e das posturas sobre o que se considera e espera do feminino, gerando nas mulheres a falsa ideia do controle sobre o ato de beber. Os relatos a seguir mostram uma medida para tentar controlar o uso e apresenta a dificuldade enfrentada em manter a abstinência, bem como evidencia o lugar que “dá” pra frequentar sendo mulher, bem como o papel esperado quando por exemplo, se tem filhos.

Nesse período que eu “tava” com menino pequeno eu não “tava” bebendo, eu não ia beber com menino pequeno, né? Afastei da bebida. Eu tive muita dificuldade quando saí da casa, tive, tive dificuldade sim, tive é, é...as coisas ruins sempre tem alguém pra oferecer, me chamar pro bar, pro baile. Eu até cheguei a ir, mas depois eu parei de frequentar esses “lugar”, entendi que não eram amigos, que não dava pra frequentar”. (Entrevistada 3).

Nos relatos, observa-se uma dependência psíquica e emocional dessas mulheres em relação a seus companheiros, talvez ainda para manterem os padrões sociais da mulher como cuidadora, no relato que se segue há uma falta do agressor que foi retirado de casa pela polícia. É comum da mesma forma como a dependência emocional o ato de tentar defender o agressor, não o culpando pela atitude, por exemplo, de voltar a beber.

Ahhh...nos dias eu senti muita falta, né? Eu não esperava por isso.

P: Você sentiu falta dele?

E2: É... por muito ruim que seja, eu ainda penso: casei, era pra eu entregar essa cruz até o fim. E eu ia entregar, mas família entrou no meio, acabou.

P: Você acha que o fator que te levou a voltar a beber foi à separação?

E2: Tem toda a desculpa, né? Às vezes é e às vezes não é.

P: Você acha que pode ser uma desculpa?

E2: Eu... sim.

P: Mas, você acha que pode ter mais coisa aí?

E2: Tem nada. [Longo silêncio]

P: Foi pela separação?

E2: Foi nada. Eu não culpo. Eu mesmo comprei. Eu mesmo bebi.

P: Quando foi o período você estava em uso de bebida você pensava na sua situação?

E2: Eu? Não “tava” nem ligando pra minha vida mais

P: E por que você não “tava” ligando pra sua vida?

E2: [Silêncio]...porque eu cansei de viver...”tô” velha também, não precisa viver mais não.

P: mas, você estava bebendo pra poder morrer?

E2: Ahhh...eu não sei, aí eu não sei explicar não (Entrevistada 2).

Depois nós voltamos e retirei a queixa contra ele, dei fim nesse processo na justiça. Como eu gostava muito dele nós voltamos, e voltamos a beber e eu fui só me acabando, dia de semana pinga final de semana, pinga (Entrevistada 2).

Só que depois eu descobri que ele tava me traindo e eu gostava de mais dele, aí nós passamos a ter discussão e eu voltei a beber, não teve jeito (Entrevistada 1)

Nesses dados obtidos, é perceptível que a busca pelo desejo de ser amada e a frustração por não ser aceita pelo parceiro ou por algum familiar deixa em evidência como um indivíduo demandante de amor e afeto, muitas vezes, vive oprimido para ser aceito, para caber num espaço que quase sempre o aliena enquanto indivíduo, fazendo-o enxergar as violências sofridas como algo diluído e não como uma via de fato, fato este tangível pelos casos relatados.

A esfera doméstica familiar nas entrevistas deixa a mostra como nessas famílias a reprodução e a manutenção da violência estão acentuadas, e evidencia, como alguns lares não representam um ambiente seguro e protetor para as mulheres, apesar de todos os avanços relevantes nas políticas públicas de enfrentamento a violência contra a mulher.

No caso de abuso de álcool e outras drogas relacionado à violência sofrida por parceiro íntimo, mulheres que experimentaram essa violência relatam beber álcool todos os dias. Esse abuso frequente de álcool é utilizado como estratégia dessas mulheres para lidarem com as agressões que sofrem. Entretanto, conforme nos aponta Costa e Gomes (2018), paradoxalmente, podem ficar ainda mais expostas aos abusos pelo fato de estarem fazendo uso de álcool. Lucchese *et al.* (2017), destacam a dificuldade encontrada por mulheres em sair do ciclo de violência devido ao fato de que a própria violência acarreta uma fragilização por parte das mesmas, levando-as à aceitação e a não interrupção do ciclo por baixa autoestima.

Falar de violência não é ofício fácil, é tarefa do humano não trivializar a violência como nos relatos que vimos, e é tarefa da ciência e nossa enquanto pesquisadores, buscar formas de não deixar a violência banalizada ou colocada de forma a que um gênero sofra mais ou exponha mais a questão da violência intrafamiliar, no caso do nosso estudo, as mulheres representam esse gênero que está/esteve em sofrimento.

Além disso, conforme apontado por Ornell *et al* (2020) o aumento e identificação da violência doméstica a nível mundial, declara a inevitabilidade de ações intrínsecas a esta parcela da população, oferecendo apoio e proteção, sendo fundamental o apoio dos sistemas de saúde e segurança, objetivando ações preventivas e de protetivas.

5 CONCLUSÕES

A partir dos relatos das três mulheres que fizeram uso de bebida alcoólica e outras drogas, foi possível verificar que existe uma correlação entre início do uso e a violência doméstica. Todas as mulheres participantes desta pesquisa relataram que o uso de drogas foi o meio encontrado por elas para lidarem com as adversidades do seu casamento, ou da relação

conflituosa com os pais. Foi observado também, que as próprias mulheres, absorvidas pelo estigma social, se colocavam numa situação de inferioridade pelo uso e abuso de drogas.

A análise da história oral dessas mulheres apontou para um perfil de mulheres que vivenciaram a questão das drogas em associação ao uso de violência com as mães também, visto que, todas relataram que o pai/mãe/irmãos fazia uso de bebida/drogas e sempre tiveram conflitos em casa, evidenciando as situações cíclicas da estrutura familiar.

Importante ressaltar que a maior busca dessas mulheres é por aceitação por parte dos familiares, visto que duas das três mulheres disseram querer recuperar as relações familiares, bem como recuperar suas relações com filhos e cônjuge. Marcadamente, as famílias das mulheres que participaram da pesquisa vivenciaram também, em algum momento de suas vidas, violência com um membro anterior e agora, vivenciam novamente o mesmo processo com suas filhas, esposas, irmãs.

Concluindo, é de suma importância que se continue as investigações sobre como se estruturam esse movimento de violência intrafamiliar, para que se possa intervir na relação familiar de forma preventiva, de maneira a não perpetuar os históricos de agressão, reduzindo a intensidade e aumentando o espaço entre os casos, visto não termos como atingir toda uma população de forma única.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Tania Mara Campos de; PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Violência doméstica e familiar contra mulheres pretas e pardas no Brasil: reflexões pela ótica dos estudos feministas latino-americanos. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**, v. 2, n. 2, p. 42-63, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/21941>. Acesso em: 28 nov. 2020

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Librostecnicos e científicos editora, 1981.

AZMI, Alia Ashrani et al. Drug addicts: Psychosocial factor contributing to relapse. In: **MATEC Web of Conferences**. EDP Sciences, 2018.p. 05097. Disponível em: https://www.matec-conferences.org/articles/mateconf/pdf/2018/09/mateconf_mucet2018_05097.pdf. Acesso em: 23 mar. 2020

BIROLI, Flávia; **Família: Novos Conceitos**. Coleção o que saber; São Paulo, 2014 Disponível em: <https://redept.org/uploads/biblioteca/colecaoquesaber-05-com-capa.pdf> Acesso em: 21 ago. 2020

BITTAR, Daniela Borges; NAKANO, Ana Márcia Spanó. Violência intrafamiliar: análise da história de vida de mães agressoras e toxicodependentes no contexto da família de origem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 17-24, Mar. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072011000100002>. Acesso em: 14 Dez. 2020.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi; **Psicologias: Uma introdução ao Estudo de Psicologia**. 13 a ed. Editora Saraiva, 1999.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas paraas Mulheres. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília,DF, 2004. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpm_compacta.pdf acesso em: 23 jan. 2021.

CESAR, Beatriz AcetiLenz. Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades. Resultados preliminares. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 3, p. 208-211, 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852006000300006&lng=en&nrm=iso>.access on 10 Apr. 2021.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. ArtmedEditora, 2018.

FRIDMAN, Efrat. Insecure Attachment and Drug Misuse among Women. **Journal of Social Work Practice in the Addictions**, v. 19, n. 3, p. 223-237, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1533256X.2019.1637229>. Acesso em: 29 maio 2020

EL-BASSEL, Nabila et al. Drug overdose among women in intimate relationships: The role of partner violence, adversity and relationship dependencies. **PLoSone**, v. 14, n. 12, p. e0225854, 2019. Disponível em: <http://web-b-eb-scohost.ez35.periodicos.capes.gov.br/ehost/detail/detail?vid=1&sid=6cf963b6-8d88-4a7c-95b9-0314e69ee88e%40pdc-v-sessmgr03&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#AN=140921735&db=aph> Acesso em: 29 maio 2020.

EWALD, D. Rose; STRACK, Robert W.; ORSINI, Muhsin Michael. Rethinking addiction. **Global Pediatric Health**, v. 6, p. 2333794X18821943, 2019. Disponível em: <https://www.ncbi-nlm-nih-gov.ez35.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC6348542/> acesso em: 19 abr. 2020. <https://doi.org/10.1177/2333794X18821943>

FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 307-314, ago. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200008&lng=en&nrm=iso acesso em: 20 mar. 2021.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. 220p. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDANI, Ana Maria. **As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação**. Cadernos pagu, n. 1, 1993.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONDIM, Sônia Maria Guedes; FEITOSA, Girleide Novaes; CHAVES, Marina. A imagem do trabalho: um estudo qualitativo usando fotografia em grupos focais. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 11, n. 4, p. 153-174, Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552007000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 Abr. 2021

LEVI-STRAUSS, Claude. **O Olhar distanciado**. Lisboa: Edições 70.

LUCCHESI, Roselma et al. Histórico de violência contra a mulher que vivencia o abuso de álcool e drogas. **Rev. enferm. UFPE online**, p. 3623-3631, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234505/27717> acesso em: 14 dez. 2020. doi:<https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i9a234505p3623-3631-2017>.

MARANGONI, Sônia Regina; DE OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix. Uso de crack por múltipara em vulnerabilidade social: história de vida. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 11, n. 1, p. 166-172, 2012.

NAOMI, Aline, *et al.* Dependência química deve ser analisada com recorte de gênero: Diferenças fisiológicas e sociais no consumo de drogas de casa gênero demandam uma análise diferenciada da dependência. **Faculdade de Medicina**. Ano 49, Ed.108,23 ago. 2016

Disponível em: <http://www.usp.br/aun/antigo/exibir?id=7873&ed=1392&f=7>. Acesso em: 20 abr. 2020.

ONUBR, **Nações Unidas Brasil; Direitos Humanos das Mulheres**, 2018. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-07/Position-Paper-Direitos-Humanos-das-Mulheres.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

PAZ, Fernanda Marques; COLOSSI, Patrícia Manozzo. Aspectos da dinâmica da família com dependência química. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 18, p. 551-558, 2013.

PLANALTO, **Lei 1.493 de 13 de dezembro de 1951**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/11493.htm. Acesso em: 20 abr. 2021

PLANALTO - **Decreto 9.761/2019** - Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9761.htm. Acesso em 28 jun. 2020

POLÍTICAS públicas para mulheres. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/sobre/publicacoes/publicacoes/2012/politicas_publicas_mulheres. Acesso em: 23 jan. 2021

PONTES, Denyse; DAMASCENO, Patrícia. As políticas Públicas para mulheres no Brasil: Avanços, conquistas e desafios contemporâneos. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 Women's Worlds Congress** (anais eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498660593_ARQUIVO_artigo_omundodasmulheres.pdf. Acesso em: 15/01/2021

REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. **Psicologia social: o homem em movimento**, v. 8, p. 99-124, 1984.

SAÚDE DEBATE; **IBGE aponta que mulheres estão bebendo mais: por quê?. Pesquisa nacional de saúde revela que consumo da substância cresceu entre as mulheres nos últimos 6 anos**. 23/11/2020. Disponível em: <http://saudedebate.com.br/noticias/ibge-aponta-que-mulheres-estao-bebendo-mais-por-que>. Acesso em: 11/04/2021

SARMIENTO, Yoliver Esmeralda Salcedo et al. Dependência química e gênero: um olhar sobre as mulheres. **Caderno Espaço Feminino**, v. 31, n. 2, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/CEF-v31n2-2018-8>. Acesso em: 14 abr. 2021

SILVA, Ethel Bastos da; PADOIN, Stela Maris de Mello; VIANNA, Lucila Amaral Carneiro. Mulher em situação de violência: limites da assistência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 249-258, Jan. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014201.21202013>. Acesso em: 14 dez. 2020.

SOBOLH, Telma. **Violência contra a mulher: a pandemia que não cessa**. Saúde Abril, 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/violencia-contra-a-mulher-a-pandemia-que-nao-cessa/> acesso em: 12 dez. 2020

STOICESCU, Claudia et al; Intimate partner violence and receptive syringe sharing among women who inject drugs in Indonesia: A respondent-driven sampling study, **International Journal of Drug Policy**. v. 63, 2019, p. 1-11 Disponível em:<https://www-sciencedirect.ez35.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0955395918302159?via%3Dihub>Acessoem 29/05/2020

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 224p.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 21, p. 207-238, 2005.<https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>.

CAPÍTULO IV

QUANDO A TRANSMISSÃO PSÍQUICA INCONSCIENTE LEVA À REPETIÇÃO DE TRAMAS E TRAGÉDIAS FAMILIARES

1 INTRODUÇÃO

Compreender a questão da violência doméstica associada à dependência química, como mulheres dependentes se veem e como a família enxerga essas mulheres se faz pertinente para melhor compreensão das características e dos processos que envolvem tanto a violência quanto a dependência e seus desdobramentos associadas aos processos de repetições entre os indivíduos de numa mesma composição familiar.

No processo que envolve a violência entre indivíduos, nem sempre aquele que sofre a violência, responde a isso passivamente, mas, de forma cultural, a violência não é independente, é histórica e social e não é possível que um indivíduo passe pela violência sem que isso acarrete um efeito psicossocial nos indivíduos que estão expostos a ela (BRASILEIRO, 2020).

A violência ocorre em diversas esferas e o ato é quase sempre instrumentalizado, ou seja, o indivíduo que pratica o ato, normalmente o justifica como um meio de alcançar um objetivo e um fim. Nesse sentido, todo ato violento encontra uma justificativa por parte do agressor que condensa em si a ideia de que a agressão lhe é permitida tanto socialmente quanto pelo papel que ele representa nas relações. Sendo assim, um contexto violento estimula que a violência se perpetue e atinja níveis maiores quando a mesma é institucionalizada ou se estabelece entre normas e rotinas de forma a socializar o indivíduo (BRASILEIRO, 2020).

A família aparece nesse contexto como uma instituição ativa no processo de produção social da violência, para além da produção social, a família atua também como um lugar de estrutura, processo esse que dá lugar a traços familiares que representam espaços de ligação e transformação, evidenciando a transmissão psíquica que perpassa os indivíduos (CARNEIRO; LISBOA; MAGALHÃES, 2011).

Para compreender a transmissão do psiquismo entre sujeitos, e entre gerações, é fundamental compreender a relevância do papel do outro na formação do psiquismo do sujeito. As considerações pertinentes à transmissão psíquica entre gerações são encontradas já em Freud, em *Totem e Tabu* (1913), ao se referir à continuidade psíquica na série das

gerações - e também em *Introdução ao narcisismo* (1914), ao destacar que o indivíduo é, em si mesmo, seu próprio fim, mas se encontra vinculado a uma corrente geracional como elo da transmissão, sendo herdeiro da mesma.

O uso de substâncias que alteram nossa percepção existe desde épocas remotas em nossa história. Pensando então a questão da dependência química, reflexões sobre os processos que podem somar-se à questão da dependência química, nos remetem à ideia de que uma diferenciação nas questões familiares podem ser um dos fatores desencadeantes da manutenção da dependência química, Andolfi (1989) *apud* Monastero (2010), nos aponta que a diferenciação individual e a coesão grupal são garantidas pelo equilíbrio dinâmico e aponta ainda que, caso essa diferenciação não ocorra, o sistema familiar não caminha, não evolui e seus membros perdem a autonomia, ficando forçados a ser algo que o sistema impõe. Para que haja uma evolução na família, o autor aponta ainda, que a família teria “que ter a capacidade de diminuir sua estabilidade para depois recuperá-la, reorganizando suas estruturas com novas bases.” (MONASTERO, 2010, p. 25). Quando isso não ocorre vemos crenças e valores se naturalizando gerando estigmas e preconceitos.

Mantendo a linha de pensamento nessa questão da dependência química e de como se estrutura essa cultura Monastero (2010, p. 31) afirma que “o dependente se acostumou a relatar sua história” e nos diz ainda que “Se ele puder re-contar essa história, incentivado por perguntas que lhe remetam a novos olhares, novas possibilidades, novos ângulos, poderá também recriar uma história alternativa, mais rica e fecunda.”

Pensando na recriação dessas histórias, o presente trabalho se justifica no sentido de ouvir esses relatos pelos ângulos do dependente químico e da sua família, com o objetivo de que eles possam olhar para a dependência química e violências sofridas com outra perspectiva ou um novo olhar, bem como para que possamos identificar como é essa convivência entre eles.

Este estudo objetivou analisar a visão das mulheres que sofrem violência doméstica e são dependentes químicas e como, a família dessas mulheres as veem diante da dependência química, além de buscar compreender como a transmissão psíquica atua nesses contextos.

2 FAMÍLIA E TRANSMISSÃO PSÍQUICA

2.1 O conceito de família e as mulheres dependentes químicas

A família surge como um ponto inicial na constituição do sujeito nas relações do sujeito-outro e seus desdobramentos. “Por assumir papel fundamental na sociedade – é chamada de célula *máter* da sociedade – a família é forte transmissora de valores” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 249).

Entendendo que a família é nosso primeiro grupo social e que processos e relações se estabelecem a partir dessa origem, pensamos em sua organização e constituição. Nem sempre a constituição familiar foi como vemos hoje, ao longo dos séculos a família vem passando por diversas transformações, se organizando de diversas formas, evidenciando a pluralidade de relações. Aries (1981) escreve que a família do século X, era uma comunidade simples e de laços frouxos e aponta que o sentimento de família era desconhecido na Idade Média, relatando que esse sentimento nasce nos séculos XV-XVI, dando origem a família conjugal moderna bem como o reconhecimento acerca das questões infantis, do sentimento de família e de pertencimento.

Hábitos e costumes culturais são apresentados por esse grupo familiar, que recebem um reconhecimento em sua importância. O reconhecimento desse grupo tão importante quando é falho ou ausente, contam com famílias substitutas ou outro grupo para cumprir a função e representar modelos do que é ser homem e mulher, visto que em nossa cultura essas funções são tão marcadamente diferentes (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

O processo dos modelos de homem e mulher, para Lane (1989) diz da aprendizagem da língua materna, o que introduz a criança e posteriormente o indivíduo na sociedade, esse processo faz com que o indivíduo “reproduza em poucos anos o processo de hominização pelo qual a humanidade se produziu, tornando-o produto e produtora da história de seu grupo social” (LANE, 1989, p. 33).

Diante disso, concluímos que a família é lugar de relação, com articulação entre seus membros, com um sistema aberto e ativo, em constante transformação, isso é importante no sentido de garantir continuidade e crescimento de seus componentes. Mas, sabemos que nem sempre as famílias tem essa relação que muitas vezes está num nível de idealização que torna difícil para o indivíduo atingir um ideal familiar ou se localizar nesses espaços sociais.

Para Kaës (2014) o social se qualifica em dois tipos de aliança para que se estabeleça a continuidade da diversidade cultural e social, a saber, a aliança matrimonial e da filiação. Essas alianças regem os processos que envolvem adoção ou famílias recompostas, evidenciando a força do hábito no contexto familiar que envolve o inconsciente.

Os hábitos, costumes e modelos sobre o indivíduo fazem parte de um modelo ideal de família em nossa sociedade. Pensando nesse modelo imposto pela sociedade e questionando sobre se existe um modelo ideal, MONASTERO (2010) nos mostra:

Assim, a estrutura, organização e os valores definidos nessa visão de família propõem o “melhor” modo de se viver. As falhas nesse processo são atribuídas a “patologias” ou “deficiências” morais, intelectuais ou psicológicas dos pais. A dificuldade da tarefa de criação e educação dos filhos, aumentada pela situação social e financeira, que imprime um árduo regime de vida para pais e mães, raramente é considerada (MONASTERO, 2010, p. 28).

Pensando a citação acima, fica o questionamento dessa atribuição de culpa e o quanto isso impacta a sociedade e principalmente as mulheres, considerando as mulheres em vulnerabilidade por dependência química, isso se acentua ainda mais no sentido de não se adequarem ao modelo de mulher e de mãe idealizados, podem estar também inseridas num contexto de culpa (MONASTERO, 2010).

Nesse sentido, podemos compreender que não existe um modelo ideal ou que ele até existe, mas não é possível de se atingir, pois cada indivíduo reage de maneira diferente a um mesmo contexto. Essa questão do modelo idealizado pode gerar culpa em quem não atinge esse ideal e essa carga costuma ser maior entre as mulheres por possuírem ainda a função de cuidadora em alguns momentos.

Corroborando essa ideia com relação às mulheres, Pegoraro e Caldana (2008) apud Medeiros *et al.* (2013, p. 275) “apontam que, na sociedade atual, as mulheres são as cuidadoras do lar e as responsáveis pelo acompanhamento dos membros adoecidos, o que acaba lhes acarretando uma maior sobrecarga” Somando a essa ideia, Reis (1984, p. 119), afirma que “A função principal das mulheres, como as suas antecessoras, continua sendo a educação dos filhos”. Seguindo esse mesmo pensamento, Orth e Moré (2008) apud Paz e Colossi (2013, p. 556), relatam que “famílias em que o dependente químico é do sexo masculino, a figura materna mantém um comportamento superprotetor e permissivo com o dependente”. Concluindo essa ideia das mulheres e sofrimento familiar, Medeiros *et al.* (2013, p. 270) considera que “os familiares, especificamente, sofrem por terem um laço afetivo muito forte e por serem vistos como corresponsáveis pela formação dos filhos”.

Esse movimento coloca as mulheres em um processo duplo de sofrimento, seja na própria situação de dependente química, seja na situação em que a mesma cuide de alguém, tratando-se de dependente químico ou não. Com isso, acentua-se o sentimento de culpa e o sofrimento que envolve o feminino em nossa sociedade.

A palavra “família” então, em dias atuais envolve uma realidade diversificada, mas mesmo com todas as modificações sofridas ainda é nossa célula mãe, constituindo a sociedade, filiações e casamentos, sucedendo-se em indivíduos e transmitindo alianças inconscientes aos descendentes (AZEVEDO; CARNEIRO; LINS, 2015).

Do ponto de vista que envolve os processos psíquicos de um indivíduo, a família é considerada o cerne estruturante que dá continuidade e sentido à cultura, sendo o lugar de berço para estabelecimento e formação da subjetividade, é também, o lugar onde os conteúdos inerentes ao psiquismo atravessam as gerações, circulando entre os novos arranjos familiares, como uma herança de fatos imaginados ou compartilhados no seio familiar, evidenciando o poder das alianças inconscientes (CARNEIRO; LISBOA; MAGALHÃES, 2011).

2.2. O que se transmite?

O que se transmite são visceralmente composições de estrutura psíquica e de vínculos com aqueles que antecedem cada indivíduo. Aquilo que se transmite constitui e dá suporte à continuidade de vínculos, estando essa continuidade ligada aos nossos processos na forma, conservação e na própria complexidade da vida. Essas configurações das transmissões psíquicas encontram indicadores vigorosamente marcados pelo negativo, pelo retido, pelo não dito e o que não encontrou uma forma de se inscrever na psique dos pais e retorna em forma de sintoma e repetição nos filhos. O transmitido então é o que não encontrou sentido e será marcado pelo traço (HARTMANN; SCHESTATSKY, 2011).

2.3. A transmissão psíquica e suas alianças

A família tem papel de destaque na facilitação ou na proteção a situações de violência doméstica, sendo responsável pela qualidade das relações que se estabelecem entre seus membros. É comum que as famílias, apresentem, aparentemente, uma “fachada social” de que tudo está bem, entretanto, internamente, seu funcionamento deixa a desejar no que diz respeito aos padrões emocionais. O padrão idealizado de família, como aquela que oferece cuidado e proteção, esconde experiências de abuso, maus tratos e outros tipos de violência. E, infelizmente, esse mesmo modelo idealizado é utilizado para classificar outros modos de organização familiar como desestruturados, problemáticos ou desorganizado (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Esse padrão idealizado que remete a uma “fachada social” pode ser compreendido em Kaës (2014) como uma aliança tanto familiar, casal ou social. Quaisquer formas de aliança buscam descrever ligações ou razões que marcam as relações de poder do estado e a sua soberania, bem como relação familiar com o indivíduo, marcadamente em sua infância.

Azmi *et al.* (2018), afirmam que compreender as relações que se dão na infância e que envolvem abuso, uso de drogas dos pais e conseqüente uso de drogas decorrente dessas relações por parte das crianças, faz-se necessário a fim de minimizar os efeitos e danos que esses eventos podem causar, pois eventos estressores associados à instabilidade emocional podem levar ao uso, abuso e aumento de consumo.

A família entra nesse cenário de instabilidade e vulnerabilidade como um agente que também se encontra fragilizado. Vivências familiares, com circunstâncias em que a violência intrafamiliar está instalada num padrão onde um membro pode influenciar o outro, através da repetição desse comportamento padrão, criando assim um padrão de abusos diversos, gerando um ciclo e expandindo os comportamentos e padrões de abuso familiar ainda na juventude. Esses padrões que se repetem pelas gerações são chamados de padrões intergeracionais, ou seja, perpassam as gerações.

Padrões intergeracionais, repetições de vivências familiares, a chamada transmissão psíquica envolve a transmissão de laços e eventos que ocorrem de forma inconsciente. Kaës (2014) aponta as alianças inconscientes como um pacto inconsciente imposto aos indivíduos para que padrões, comportamentos e constituições sejam mantidos, ainda que isso implique prejuízo emocional ao indivíduo.

Para compreender a transmissão psíquica é fundamental ter em mente a relevância do papel do outro na constituição do sujeito em termos psíquicos. O surgimento do indivíduo parte deste outro, das identificações, linguagem e vínculos constituídos, que comportam em sua forma a estrutura familiar e social.

Nesse sentido, cabe ressaltar que é no seio familiar que o indivíduo se formará e a história das suas gerações será gravada, deixando uma cadeia de significados que poderá nortear a conduta de seus membros. Quando o grupo familiar convive de forma saudável, sem medo ou opressão, seus membros se autorregulam. Todavia, quando essa convivência no grupo familiar apresenta alguma disfunção ou condutas repetidas, a qualidade de vida dos indivíduos pode ser afetada e a conduta precisa ser modificada após a identificação da disfunção (MOURA *et al.*, 2016).

A questão da identificação psíquica e sua disfunção evidenciam que qualquer acontecimento que seja traumático ou alienante e que não puder ser elaborado, seja por

censura, segredo ou proibições, ou seja, questões que envolvam uma função totalmente repressiva, o conflito continuará a sua transmissão entre as gerações (AZEVEDO; CARNEIRO; LINS, 2015).

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

3.1 Coleta de dados

A fim de atender ao objetivo proposto, utilizamos o grupo focal como técnica de coletas de dados que de acordo com Trad (2009), objetiva buscar e organizar informações detalhadas sobre um assunto específico para se efetivar a compreensão das percepções ou crenças sobre o tema proposto.

Foram feitos dois encontros, nos dias 29/12/2021 e 15/01/2022. Um encontro somente com as mulheres e outro com as mulheres e um membro representante de suas famílias, na própria Comunidade Terapêutica.

Para participar do grupo focal, foram convidadas sete mulheres. Concordaram em participar três mulheres. Todas possuíam histórico de dependência de álcool e já haviam passado por experiência de situação de violência doméstica por membro da família.

Para o grupo focal com mulheres e representantes da família, as mulheres escolheram os respectivos familiares para participar, sendo, duas filhas, e uma cunhada. Este grupo, portanto, contou com a participação de seis pessoas.

Para o primeiro encontro, foi aplicada a técnica de *brainstorming* silencioso. A técnica consiste em expressar as ideias e pensamentos sobre um determinado tema em resumidas palavras numa folha de papel. Posteriormente estas folhas preenchidas foram colocadas sobre uma mesa e misturadas. O que se pretendia investigar era o que essas mulheres que já estiveram acolhidas pensavam sobre o tema ou o que sabiam em relação às referidas palavras. Para isso foram distribuídas sobre a mesa as seguintes palavras: Violência, família, dependência química, violência familiar.

Com este grupo focal, buscou-se desenvolver a ideia de que cada uma tinha sobre cada palavra apresentada, bem como produzir reflexões e construir uma teia de informações para a construção do grupo. Cada mulher utilizou a sua folha para fazer suas considerações sobre as palavras colocadas sobre a mesa. Surgiram várias questões sobre a família e violência familiar, o desejo de ter uma família que fosse acolhedora e desse um suporte, foi narrado também um processo familiar que envolve uma continuação do processo de repetição de um

mesmo comportamento entre vários familiares, além disso, as mulheres relataram dificuldades entre os familiares com relação a conversa, ficando muitas vezes um não dito entre eles.

Após isso, as folhas foram retiradas aleatoriamente, misturadas e entregues novamente às participantes. O objetivo foi agregar novas ideias que inspirassem as participantes, evitando assim, que as mulheres ficassem constrangidas ao ler as próprias palavras para o grupo (MYNAIO; COSTA, 2018).

Para o segundo encontro foi utilizada a técnica de complemento à ilustração. A fotografia, como destaca Godin, Feitosa e Chaves (2007) permite uma recriação da realidade de forma separada da experiência. Ainda de acordo com os autores, a importância da imagem na pesquisa científica se encontra no fato de buscar reunir informações de forma organizada. Para esse momento foram utilizadas fotos (imagem) de mulheres e famílias em diferentes contextos. O objetivo da técnica nesse caso, foi a escolha de uma ou duas fotos que se aproximassem da imagem que as mulheres tinham de si, bem como identificar quais os lugares sociais eram de identificação dessas mulheres, a capacidade de análise da sua situação e o que pensavam sobre a sua própria vida e sua imagem perante a família, ou de como gostariam de estar. Para os representantes familiares, o objetivo era que estes pudessem expressar a imagem que tinham de cada mulher antes e após a saída da casa. Foi distribuída também neste grupo uma folha branca para que as mulheres pudessem fazer suas considerações e posteriormente, foi aberto o grupo para discussão.

Após as orientações sobre as imagens, as mulheres iniciaram o processo de escolha das imagens. Foi um processo muito rico e de troca entre elas e os familiares que participaram ativamente e eles trocaram informações, olhares e às vezes, a própria imagem, pois uma das mulheres não conseguia enxergar a sua própria evolução e recuperação.

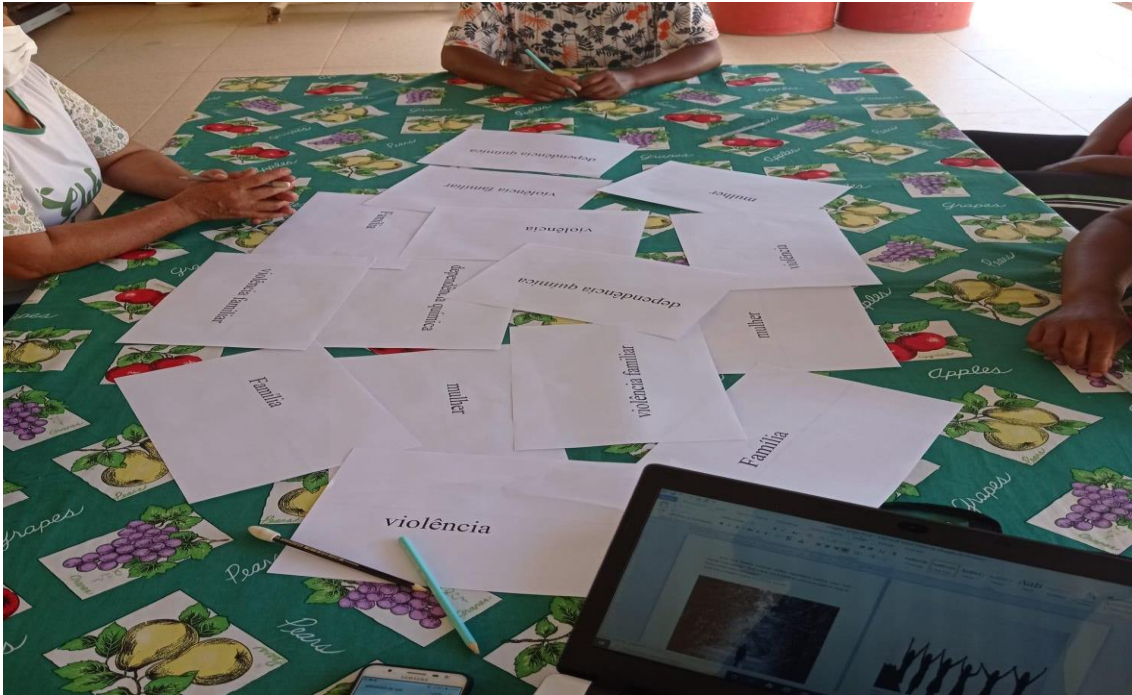
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta sessão, serão apresentados os resultados dos grupos focais, organizados de acordo com o encontro e sua temática.

4.1 Encontro Grupo Focal 1 – Explorando os temas: Violência, Família, Dependência Química, Violência Familiar.

A figura 01, mostra a disposição dos temas sobre a mesa e o momento de reflexão e escolha dos temas que gostariam de desenvolver por parte das mulheres. Houve uma apreciação das palavras e elas se entreolharam de forma a apresentar bastante compaixão umas com as outras.

Figura 1: Grupo focal silencioso



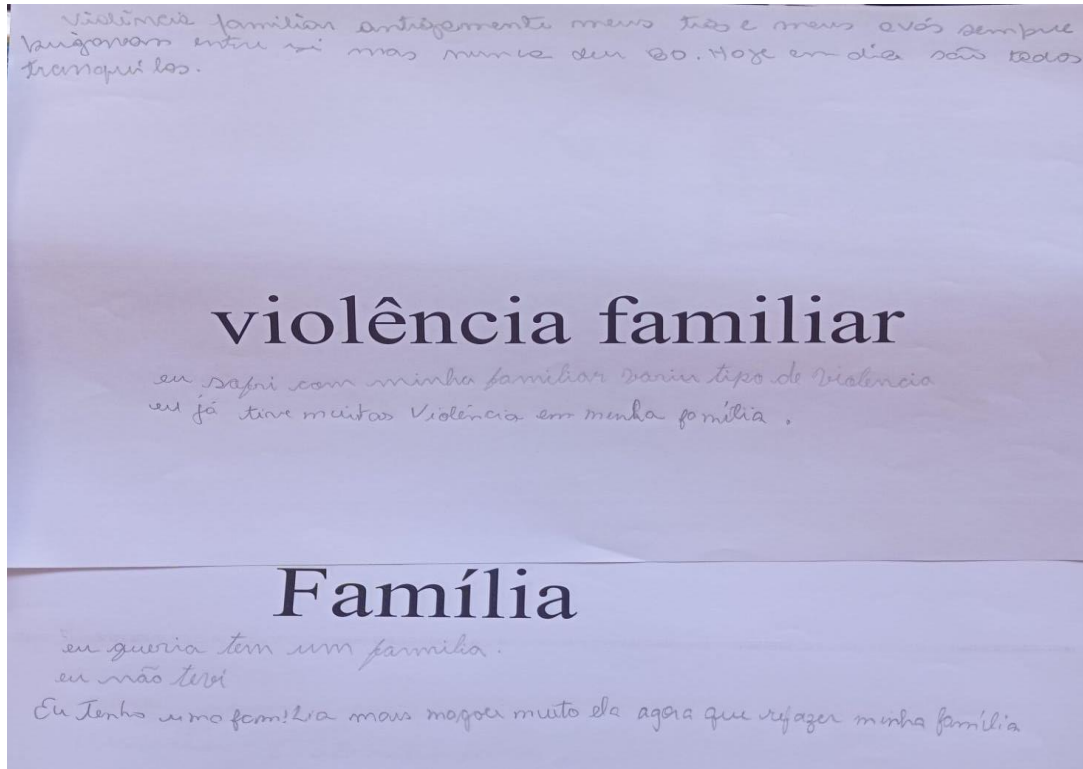
Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A disposição das mulheres assegurou a privacidade de cada uma delas para que se sentissem confortáveis e pudessem colocar no papel seus sentimentos a partir das palavras. Foi possível observar, a partir da troca de olhares e de sorrisos cúmplices, um compartilhamento de sentimentos e de vivências comuns.

Esse momento fomentou um ambiente seguro, privativo de forma que elas se sentissem confortáveis, seguras e acolhidas em suas experiências. Com relação ao que não foi dito nesse momento, há também o reconhecimento de ser um processo significativo pois, de acordo com Prates *et al.* (2015), o que não é falado é tão importante quanto as palavras mencionadas, uma vez que também se trata de uma forma de comunicação. Assim, é importante destacar que o silêncio possui uma série de significados que devem ser analisados e explorados, pois podem ser resultados da intervenção do moderador do grupo que se abstém de fazer certas perguntas ou o induz através da interrupção de algum debate (PRATES *et al.*, 2015).

A figura 2, evidencia conflitos familiares diversos, os quais as mulheres participantes relatam terem vivido em suas famílias e que deixaram marcas, além disso, observa-se a existência da ideia da mágoa causada na família e o desejo de reconstrução da família.

Figura 2: Grupo focal silencioso

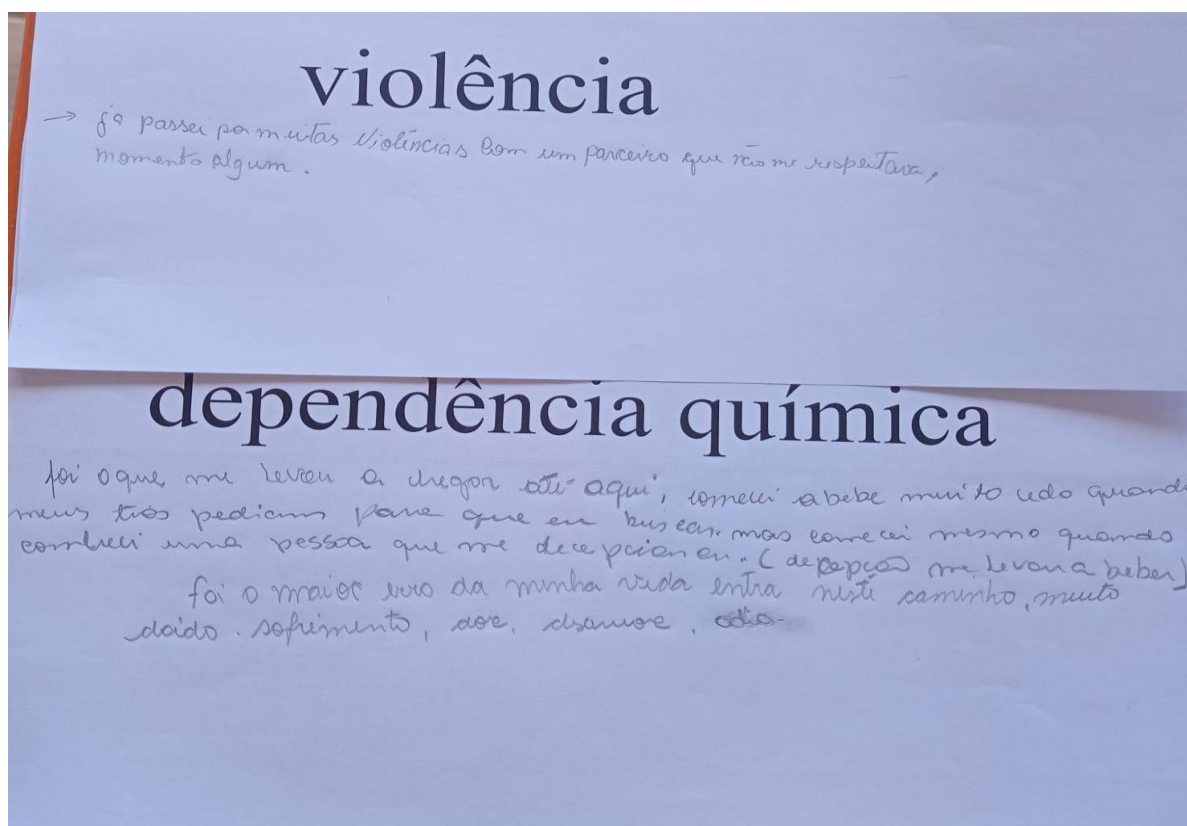


Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Com relação à violência familiar, duas mulheres relataram já ter sofrido vários tipos de violência e destacaram que essa violência foi causada por um membro de sua família. Importa destacar como ao construir significados sobre a palavra família, duas consideravam que não possuíam famílias, com uma delas deixando claro que não teve família e outra revelando o desejo de ter. A outra destacou que tem uma família, cujos membros ela magoou muito com suas atitudes, e revelou desejo em reconstruir seus laços familiares.

A figura 3 traz as percepções acerca da violência e da dependência química, sendo a violência relatada por uma das participantes como algo muito presente na sua vida, sobretudo vinda de um marido que, segundo a mesma, não a respeitava em nenhum momento. Elas consideraram um erro terem iniciado o uso de substâncias, porque trouxe decepções, ódio e sofrimento, a outra participante revelou que, o início do uso se deu dentro de seu contexto familiar, mas que foi potencializado a partir de uma decepção com uma pessoa, segundo ela “decepção me levou a beber”.

Figura 3: Grupo Focal Silencioso



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A partir da escrita das mulheres em relação aos temas propostos é possível observar que as mulheres relatam já terem sofrido não somente violência familiar, bem como presenciado brigas entre os familiares, embora afirmassem que não eram coisas graves, convivendo hoje de forma harmoniosa.

Foi possível observar uma tristeza com relação ao modelo familiar, relatados por essas mulheres como um núcleo que envolve discussões entre seus membros e violências, não somente físicas, mas também verbais, vivenciadas nas gerações anteriores, bem como a própria dependência química.

Nesse processo, para Kaës (2014, p. 42) “as alianças inconscientes se inscrevem em dois espaços psíquicos, o do inconsciente do sujeito e o do inconsciente na relação com um outro ou com mais um outro”. Isso dá uma ideia de que o modelo familiar relatado pelas mulheres no grupo envolve alianças inconscientes. Visto que, para cada uma das mulheres existiu um tio, um pai, um avô ou outro familiar que utilizou violência e uso de drogas como forma de resolver conflitos conscientes e inconscientes, conforme relatado por elas, ou seja,

há uma forte permanência e persistência da violência como forma de resolver os problemas e das substâncias psicoativas como forma de fugir desse problema.

Ficam sugeridas as relações inconscientes que envolvem essas mulheres e que se confundem na união delas com os grupos aos quais estão inseridas, sendo parte constituinte dos mesmos. O objetivo dessas alianças versa sobre a manutenção das relações e manutenções de seus membros (Kaës, 2014). Nessas relações, vínculos de pertencimento, afeto, crenças, normas e valores familiares, formam a trama chamada de trama familiares, que liga as pessoas numa preocupação com os outros membros.

Foi identificado no grupo, um foco das mulheres em suas relações familiares, que pôde ser identificado tanto pelos relatos verbais, como pelo que escreveram no grupo silencioso. Envolvendo o desejo de terem uma família, de viverem em harmonia com a família ou de refazerem os laços que julgam terem perdido em algum momento durante o processo em que estiveram em uso e abuso de drogas, ainda que tenham sido machucadas pelas mesmas, evidenciando e marcando, neste contexto, o processo da transmissão psíquica, sobretudo com relação à violência sofrida por essas mulheres.

Conforme pode ser observado na figura 2, é sugerida a questão da violência ligada à repetição, como foi colocado pelas mulheres 1 e 3, ambas apontando para os processos de discussões em que vivia com os tios, irmãos e avós, o que nos leva a concluir que o sofrimento familiar apresenta-se às gerações, nos mostra uma falta de metabolização dos conteúdos familiares, mantendo assim o sofrimento psíquico e angústia na aliança familiar, contribuindo para a manutenção da transmissão psíquica. Segundo Kaës (2014, p. 14) “algumas alianças têm a função de ser estruturante para a vida psíquica, enquanto outras são essencialmente defensivas e, entre essas, existem algumas que são alienantes, destrutivas e mesmo patológicas”. Concluímos então com o grupo focal 1 que as alianças inconscientes estão entre uma ordem, uma organização e entre o caos, conforme o caminho apresentado pelas mulheres participantes.

4.2 Encontro do Grupo Focal 02 – Imagens, Imaginação e Experienciação

As imagens apresentadas a seguir são aquelas escolhidas pelas mulheres e os representantes familiares no decorrer do uso da técnica de complemento à ilustração. Esta técnica foi produtiva para a troca entre as mulheres e permitiu avaliar os processos inconscientes que envolviam as mulheres e seus familiares. Foram relatados processos

familiares anteriores muito parecidos com os que as mulheres vivenciaram até o processo de acolhimento.

As imagens abaixo mostram mulheres em situações diversas. A escolha das imagens utilizadas se deu pelos diversos contextos aos quais mulheres são submetidas, apresentando mulheres em situação de raiva, gritando, em situação de rua, em meio às drogas, se ajudando, mulheres que foram submetidas a violências diversas e familiares, mulheres em família representando uma família que teoricamente aparentam estar bem, mulheres unidas numa situação de busca e bem estar, mulher andando em bosque evidenciando o processo sem cor, sem vida e mais solitário deste processo, mulheres que pedem ajuda, mulheres amigas e imagens de famílias em que os conflitos familiares ficam evidente ou que representem várias gerações familiares, uma vez que o padrão de repetição está evidente nos processos dessas mulheres.

Figura 4: Grupo focal complemento à imagem



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

O processo de discussão se iniciou a partir da filha da mulher 1 que, juntamente com as outras mulheres que compuseram o grupo, a filha relatou que a escolha da Figura 5, se deu

por enxergar a mãe como uma mulher muito alto astral e pra frente, “empoderada” apesar de a mãe não se ver assim.

Figura 5: Grupo focal complemento à imagem – foto escolhida pelo familiar da mulher 1.



Fonte: Rede Brasil Atual¹.

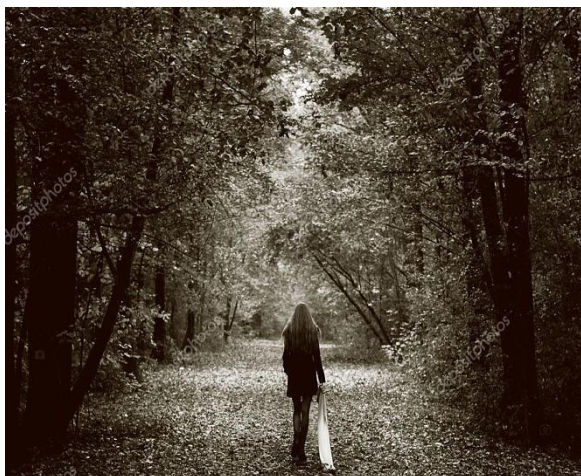
A visão que a filha tem da mãe nesse contexto, evidencia o que Ribeiro (2009) chamou de identificação entre mãe e filha como uma questão permanente e com constantes reedições ao longo da vida. Nesse sentido, a transmissão psíquica ocorreria de uma forma mais intensa entre as mulheres na linha de descendência, percorrendo as gerações. Para a filha, as imagens como um todo representam um processo, podendo ser, tanto de uma pessoa numa situação ruim por dependência, quanto por relações tóxicas de família, amigos e até filhos. A autora pontua que, de forma inconsciente, a mente encontra ressonância na trajetória feminina e nos processos constitutivos do psiquismo, deixando marcas que farão parte da feminilidade e de sua constituição como sujeito.

Esta imagem mostra mulheres em um contexto amistoso, mas que estão na luta para igualdade e rompimento do que elas definem como uma sub-representação das mulheres negras na política. A escolha de acrescentar essa imagem se deu pela forma amistosa em que se apresentam às mulheres e também por serem mulheres negras, onde as mulheres poderiam se identificar nessas imagens.

A mãe (mulher 1) relatou que, ao entrar na casa se via como a moça da Figura 6:

¹ Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2020/08/em-pre-candidatura-coletiva-mulheres-negras-querem-ser-as-vozes-das-periferias-na-camara-de-sao-paulo/>

Figura 6: Grupo focal complemento à imagem – foto escolhida pela mulher 1



Fonte: Depositphotos²

Na descrição dela muito solitária, num processo sombrio, onde tudo estava cinza, mas que pelo caminho, assim como na foto, ela conseguiu visualizar uma esperança, fazer um julgamento de si e pensou que ela não era essa mulher da imagem, ela estava assim e precisava dar um outro sentido e caminho para sua vida, conseguindo enfim enxergar uma claridade para sua vida e seu futuro. Após o período de acolhimento, relatou que está erguida e se sente bem mais forte, não só por ela, mas também pelas filhas.

Relatou ainda que dizia às filhas para serem independentes, irem à luta e não depender de ninguém, principalmente de marido, ao passo que ela mesma não correspondia a este padrão de mulher. De acordo com Ribeiro (2009), a mãe, mesmo que de forma inconsciente, tentava intensamente uma nova identificação para essas filhas que não fosse a sua experiência psíquica de marcas no corpo e no psíquico, através da identificação da transmissão psíquica da feminilidade.

Hoje, ela escolhe o que quer fazer e onde quer estar, mas antes não. Era muito influenciada por familiares e amigos, isso justifica sua escolha da Figura 7. Apesar de todos juntos, ela fez um corte com eles. Não que ela tenha se separado da família e amigos, mas ela indica um corte de não ficar no lugar em que não está se sentindo bem, por isso da escolha de onde quer estar.

Neste contexto, considerando a questão da transmissão psíquica e seu processo de elaboração como sinalizado por Azevedo, Carneiro e Lins (2015), o material psíquico pode ter importante significado ou não na constituição subjetiva de cada sujeito. Cada transmissão

²Disponível em: <https://br.depositphotos.com/9933600/stock-photo-lonely-sad-woman-on-the.html>

apresenta sua peculiaridade e pode ser simbolizada na geração atual. Com isso, entendemos que a mulher 1 fez o processo de rompimento com os sintomas familiares de seus antepassados, elaborando assim o processo de transmissão psíquica negativa entre seus dependentes, conseguindo avaliar nesse contexto os familiares que estiveram envolvidos nos processos repetitivos e inconscientes entre eles.

A figura 6 deixa evidente o contexto solitário desta mulher e a escolha da imagem se deu pelo processo solitário aos quais muitas mulheres que usam drogas estão submetidas. A figura 7 foi escolhida pela sua representação familiar e também por evidenciar várias gerações em uma única imagem.

Figura 7: Grupo focal complemento imagem – foto escolhida pela mulher 1



Fonte: Symbolon³

A mulher 2, escolheu uma única imagem que mostra um casal aparentemente feliz na imagem (Figura 8) e relatou o processo de frustração com relação a sua vida conjugal. A escolha dessa imagem se deu pelo vínculo mostrado entre o casal, apresentando uma leveza e pela relação inter-racial entre os dois.

³ Disponível

em: https://www.google.com/search?q=famil%C3%ADa+transmiss%C3%A3o+psiquica&authuser=1&sxsr=A0aemvJHSbLxbJfSjGho7jkFUMIN4NqHRg:1641845707025&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiTIJLx_6f1AhUUHbkGHVasDhsQ_AUoAXoECAIQAw&biw=1366&bih=657&dpr=1#imgrc=yhdZNRcBgiMHEM

Figura 8: Grupo focal complemento à imagem – foto escolhida pela mulher 2



Fonte: Purepeople⁴.

Há nesta mulher, uma dificuldade de sentir-se amada, com decepção e frustração reveladas por ela, com as constantes agressões por parte do seu cônjuge, o que a leva a processos que envolve manter-se constantemente em uso de álcool para ser possível suportar os processos vividos. Para ela, a promessa feita no altar tem que se cumprir. Há nesta fala um processo que Kaës (2014) aponta como aliança inconsciente entre os dois egos, deixando evidente o contágio psíquico.

O contágio psíquico entre eles deixou a esta mulher a ideia de que são uniformes, não identificando neste contexto os sentimentos de hostilidade constantemente dispensados a ela. Citando as contribuições Freudianas (1912) pode-se concluir, neste caso, que a depreciação do objeto amoroso, aparece cotidianamente nas relações amorosas entre casais, deixando evidente o ódio muitas vezes recalcado.

A figura 9, a seguir, apresenta uma família, cujos membros estão ligados entre si pelo ramo de uma planta por onde corre a seiva da qual todos se alimentam. A família da mulher 3 escolheu esta imagem e relata que foi preciso fazer o corte, se emocionou muito, dizendo achar que ela não conseguia cortar e fazer diferente do que a família dela fez, se diz emocionada porque foi uma grande mudança. Assim como a mulher 1, o processo de corte ocorre também na família da mulher 3, resultante das ações da mulher acolhida, buscando não seguir o mesmo padrão. A mudança ocorre com a consciência, desejo e procura de ajuda para a não repetição dos padrões familiares.

⁴ Disponível em: https://www.purepeople.com.br/midia/meghan-markle-e-a-primeira-mulher-negra_m2952239

Figura 9: Grupo focal complemento à imagem – foto escolhida por familiar da mulher 3 e pela própria mulher



Fonte: Clínica Integrada (2019)⁵,

A escolha da Figura 9 com a imagem do menino com a tesoura na mão, chama atenção para a questão do corte simbólico, evidenciando uma desconstrução dos processos familiares repetitivos. Mantém-se o vínculo e relações primárias objetivando reconstruir-se de uma forma mais satisfatória e saudável familiarmente, mas rompe o pacto inconsciente de forma significativa e concreta. Os processos dolorosos e significativos possuem muito sentido quando o próprio indivíduo fala sobre o mesmo, se expressando com comportamentos e sentimentos, como o caso dessa família em que emoções vieram à tona com os relatos das experiências vividas. Evidenciando que os problemas familiares podem se repetir, porém a desconstrução dos processos familiares repetitivos através do corte simbólico entre um dos membros da família pode acontecer a depender do seu impacto entre os seus membros.

Como apontado por Lisboa, Feres-Carneiro (2015) nem sempre um fato tem um mesmo impacto sobre seus membros, mas vivenciá-los mostra uma importância maior do que o próprio acontecimento.

O impacto de acontecimentos negativos na vivência da mulher 3 colocou-a num processo de risco da sua integridade, visto que, a mesma encontrava dificuldade em reconhecer as situações de conflito e violência que a circundavam, pois vivia esse processo com o pai violento e alcoólatra. Relatou que a mãe dizia ao pai que ele não poderia chamar a atenção dos filhos, porque ele bebia e batia muito e, portanto, não tinha dado um bom exemplo aos filhos. A mulher relatou que entendeu que o seu refúgio poderia ser na bebida porque era um padrão e na casa dos pais sempre tinha “bebida de álcool” e ela pensou: “ah, meu pai bebe, meus irmãos bebem, vou beber também”, o que a levou às ruas onde também

⁵<https://naipsicologiaintegrada.com.br/blog/o-adoecimento-que-nasce-no-berco-do-amor---transmissao-psiquicana-familia>

ofereciam outros tipos de drogas a ela. Esse processo indica que a mulher 3 mantém-se refém da sua própria história, visto que, o que é seu, se mistura ao que foi do seu pai, ao que é dos seus irmãos, evidenciando assim o emaranhado entre eles (família, a própria mulher e o que pertence à história anterior).

O relato de violências sofridas pela mulher 3 encontra fundamento na colocação de Lisboa, Feres-Carneiro (2015), para quem as intempéries das relações e a falta de conhecimento sobre um acontecimento, coloca indivíduos que são vítimas de relações conflituosas, em situação de medo e dúvidas. Aponta ainda que, acontecimentos familiares conflituosos e violentos podem colocar em risco os seus membros devido à vulnerabilidade própria dessas relações afetivas.

Em inúmeras situações deste grupo nos deparamos com famílias e seus “nós” coadunados pelas histórias familiares, que como é próprio das relações e sua natureza, permanecem no tempo, transmitindo suas alianças inconscientes, seu psiquismo para as gerações futuras.

5 CONCLUSÕES

Os resultados das vivências nos grupos focais evidenciaram a questão da transmissão psíquica e sua continuidade. As mulheres e as familiares convidadas para o grupo, relataram já terem vivenciado situações que envolviam violência familiar e uso de drogas, o que chama a atenção para os processos repetidos entre as gerações, ficando marcadamente explícito o lado negativo deste processo entre as gerações. Assim presos, esses indivíduos seguem se revezando de modo inconsciente numa teia que envolve culpa, mas também amor, e por este último, não conseguem perceber que é possível a existência de vínculos familiares saudáveis.

A família é um dos fatores que tem papel importante na constituição sócia afetiva e emocional dos indivíduos. Os sintomas familiares apresentados no grupo mostram que nem sempre as coisas fluem e que algo da comunicação falha, escapa e deixa rastros e vestígios nas gerações que se seguem.

Mudar o olhar do indivíduo para o exterior e do indivíduo para si mesmo, parece ter um papel essencial na resolução de questões familiares, para que este defina seu lugar dentro da família e dentro da sociedade, evidenciando sua valia.

Pensando nas mudanças individuais e nos rastros familiares que são deixados, faz-se necessário a inclusão da família em processos terapêuticos, objetivando aproximar teoria e prática, com o propósito de cortar laços de repetição, buscando um resultado que seja

satisfatório tanto para a família quanto para o indivíduo e, conseqüentemente, para a sociedade como um todo, visto não ser possível separar indivíduo e sociedade.

Por fim, todas as observações apresentadas levam a inferir que o inconsciente invariavelmente traz uma marca em sua estrutura, imprimindo o material das vivências psíquicas familiares pelas gerações. Isso deixa evidente que o indivíduo é herdeiro do seu passado, ou seja, dos que o precederam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Luciana Jaramillo Caruso de; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; LINS, Samuel Lincoln Bezerra. A família e a transmissão psíquica. **Psicanálise & Barroco em revista**, v. 13, n. 1, 2015. <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2015.v13i1.%p>
- AZMI, Alia Ashrani, et al, Drug Addicts: Psychosocial Factor Contributing to Relapse, **MATEC Web of Conferences** 150, 05097; 2018.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi; **Psicologias: Uma introdução ao Estudo de Psicologia**. 13^a ed. 1999, Editora Saraiva.
- BRASILEIRO, Juliana M. **Os efeitos psicossociais da violência intrafamiliar na formação da personalidade de adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João Del-Rei, UFSJ, São João Del Rei –MG, 2020.
- CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silviane. Identidade feminina: um conceito complexo. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 14, p. 211-220, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200010>.
- EMÍDIO, Thassia Souza. Transmissão psíquica familiar e filiação: possíveis articulações com o psicodiagnóstico infantil. In: **Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207**. 2015. p. 161-169.
- GONDIM, Sônia Maria Guedes; FEITOSA, Girleide Novaes; CHAVES, Marina. A imagem do trabalho: um estudo qualitativo usando fotografia em grupos focais. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 11, n. 4, p. 153-174, Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65522007000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 abr. 2021
- HARTMANN, Ingrid Borba; SCHESTATSKY, Sidnei Samuel. Transmissão do psiquismo entre as gerações. **Revista brasileira de psicoterapia**. Porto Alegre. v. 13, n. 2 (maio/ago. 2011), p. 92-114, 2011.
- KAËS, René. As alianças inconscientes. São Paulo: **Ideias & Letras**, 2014. Reimpressão 2020.
- LANE, Silvia Tatianne M.; CODO(ORGS), Wanderley. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, Silvia Tatiana M.; CODO(ORGS), Wanderley. **Psicologia Social: O Homem em Movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LISBOA, Aline Vilhena; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Acontecimentos significativos na história geracional e sua relação com somatizações na família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, p. 65-72, 2015.
- MEDEIROS, Katrucky Tenório *et al*. Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. **Psicologia em estudo**, v. 18, p. 269-279, 2013.

MINAYO, M. C. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONASTERO, Leda Fleury. **Família e dependência química: uma relação delicada**. 2010.
MOURA, Gabriela Costa et al. Avaliação inter e transgeracional da família. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, v. 3, n. 2, p. 61-72, 2016.

MYNAIO, M, C; COSTA, Antônio Pedro, Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, n. 40, p.139 -153, 2018.

PADILHA, Carolina Rizzatto Martins; BARBIERI, Valeria. Transmissão psíquica transgeracional: uma revisão da literatura. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p. 243-270, jun. 2020.

PAZ, Fernanda Marques; COLOSSI, Patrícia Manozzo. Aspectos da dinâmica da família com dependência química. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 18, p. 551-558, 2013.

PRATES, LisieAlendeet *al.* A utilização da técnica de grupo focal: um estudo com mulheres quilombolas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, p. 2483-2492, 2015.

REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. **Psicologia social: o homem em movimento**, v. 8, p. 99-124, 1984.

RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. **From mother to daughter: transmission of feminineness**. 2009. 184 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, p. 556-571, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300009>

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 19, p. 777-796, 2009.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 21, p. 207-238, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu caminho foi trilhado desde a minha formatura em janeiro de 2012, com experiências envolvendo pessoas que usavam drogas e sofriam violência. Iniciei no mesmo ano o trabalho num abrigo para crianças que eram retiradas do convívio com seus pais pelo uso de drogas ou pelos menores estarem sofrendo violência no contexto ao qual estavam inseridos. No entanto, mesmo trabalhando por dois anos nesse abrigo, não fui tocada pela pesquisa naquele momento.

Posteriormente, no trabalho de conclusão de curso da pós-graduação em saúde mental que iniciei em 2014, cujo tema foi álcool e drogas no ambiente de trabalho. Neste período comecei a perceber uma relação entre o início e a manutenção do uso de drogas e álcool, bem destacado nesta dissertação.

Em 2015, iniciei meu trabalho como psicóloga em um hospital geral com leito psiquiátrico, e em paralelo ao período do hospital, atendi a Comunidade Terapêutica Divina Providência, que gentilmente me cedeu o espaço para que então minha pesquisa pudesse acontecer. E a questão da relação entre o início e a continuidade do uso de drogas ainda me tocava. Porém, como ainda conciliava entre o Hospital e a Comunidade terapêutica, os atendimentos em consultório particular, não me sobrava muito tempo livre, assim, acabei abandonando por um tempo esse pensamento de que teria uma relação entre o início e a manutenção do vício.

Em 2019, sai do hospital após quatro anos atendendo não só transtornos mentais, bem como vários usuários internados para desintoxicação por álcool e outras drogas. Esse período de 2019 atuando somente na Comunidade Terapêutica e no consultório, me aproximou novamente da questão do uso e abuso de drogas como um tema que me instigava a investigação. Assim, iniciei minha trajetória no mestrado em 2020.

A experiência do mestrado mudou minha visão sobre as formas de violência, sobre as formas de reagir as violências, além de ter despertado em mim, a vontade de seguir fazendo grupo com mulheres. Em 10 anos com experiência clínica, hospitalar e em abrigo para menores, nunca pensei em trabalhar com grupos. Porém, a pesquisa me mostrou como o trabalho em grupo pode ser gratificante e significativo em termos de troca, conhecimento e aprendizagem e aprendi muito com todas as mulheres participantes da pesquisa e com seus familiares, apesar do reduzido número de participantes.

Com relação ao número de mulheres que participaram da pesquisa, posso dizer que não era o esperado por mim. Como já trabalhei na casa e já atendi as mulheres que foram

contactadas várias vezes entre os anos de 2015 e 2019, confesso que não esperava uma negativa delas. Algumas negaram por estarem em recaída e outras creio que seja por não estar tão disponível para reviver questões delicadas em sua vida.

Nesta pesquisa, foram desenvolvidas quatro análises distintas, valendo-se de metodologias adequadas a cada uma das finalidades. A primeira análise teve como objetivo analisar o estado da arte das publicações relacionando o consumo de substâncias químicas à violência, e, apesar de os trabalhos encontrados não apresentarem a origem da relação entre as variáveis estudadas, sugere-se que existe uma relação de impacto entre o uso e abuso de drogas e a violência doméstica.

Os trabalhos analisados apontaram que os fatores associados à violência doméstica estão relacionados a questões como baixa escolaridade, não possuir trabalho remunerado, relacionamento afetivo instável, e ainda, histórico de violência sofrido ou de convívio durante a infância com este tipo de violência. Além disso, os autores destacam a questão de as violências também estarem associadas ao uso de drogas pelo companheiro/marido contribuem em grande escala para a saída dessas mulheres em busca de abrigo.

A segunda análise realizada buscou conhecer o perfil das mulheres acolhidas na Comunidade Terapêutica Divina Providência, e, sobretudo, buscar evidências relacionadas a situações de violência vivenciadas por essas mulheres. Após a verificação dos documentos que essas mulheres preenchiam ao entrar na Comunidade Terapêutica, conclui-se que, há informações suficientes para traçar um perfil básico sobre quem são essas mulheres, seus locais de origem, profissão, religiosidade, tipo de vício e número de filhos. No entanto, não há perguntas que tratem da violência sofrida por estas mulheres. Conhecer os tipos de violência a que essas mulheres foram expostas seria essencial para um trabalho direcionado à essa problemática, que trouxesse informações sobre as violências, formas de se proteger e de denunciar essas violências. Fica assim, uma sugestão para os gestores dessas comunidades.

Outro trabalho que também foi desenvolvido nessa pesquisa se tratou de uma pesquisa com as mulheres acolhidas na Comunidade Terapêutica Divina Providência, em que, através da história oral, buscou-se identificar a que tipo de violência as mulheres acolhidas já estiveram submetidas e também relacionar o início do uso e abuso de substâncias a situações de violência. Essa pesquisa com as mulheres que já estiveram acolhidas foi mais difícil do que o suposto a princípio, haja vista que as ex acolhidas não foram receptivas ao contato, conforme já discutido.

Nas histórias contadas pelas mulheres, há um ponto comum, a associação do início do uso de drogas a algum tipo de violência, por parte dos pais ou cônjuges, sugerindo que elas

iniciam o uso como forma de superar as situações conflituosas com os pais ou maridos. Importa destacar, que todas as entrevistadas vivenciaram situações de abuso de álcool e outras drogas associado a violência com seus pais, o que evidencia um círculo vicioso do vício/violência.

Além disso, fica evidente o quanto essas mulheres são carentes de afeto familiar, haja vista que todas relatam o desejo de retornar o vínculo familiar. Trata-se de famílias que já sofreram, no passado, com outros membros da família e que o fazem agora, novamente, com suas mães, filhas e esposas. Assim, fica claro a necessidade de se investigar mulheres viciadas e seu grupo familiar, de forma a entender quais são os mecanismos perpetuadores de situações violentas e de uso e abuso de drogas.

A última análise é um complemento da pesquisa anterior, uma vez que investiga diretamente as famílias das viciadas, buscando verificar qual a imagem essas familiares tem delas e qual a visão elas têm de si mesmas. Procurou-se, neste trabalho, encontrar evidências de transmissão psíquica entre as gerações de uma mesma família.

Encontrou-se que, de fato, há transmissão psíquica e continuidade, haja vista que tanto as acolhidas como seus familiares relataram terem vivenciado situações que envolviam violência doméstica associada ao consumo de drogas. Percebe-se que, para essas famílias, a existência de uma convivência familiar saudável e harmoniosa ainda é um caminho distante e que exigirá muito de cada um dos envolvidos.

A visão da acolhida sobre si mesma e de sua família sobre ela, deixa claro que é importante que nas intervenções terapêuticas dessas mulheres, suas famílias sejam incluídas, não apenas para restaurar os laços familiares e trabalhar a reintegração social do acolhido, mas também para que estas famílias passem a considerar a existência de um convívio familiar mais saudável e que naturalizem menos o uso de drogas e a violência doméstica.

A principal limitação deste estudo se refere ao baixo número de participantes, não permitindo assim, generalizar os resultados, e revela como pertinente sua ampliação, com um recorte maior de mulheres. Sugere-se que estudos futuros analisem com profundidade a recusa de tantas mulheres a participarem de pesquisas, bem como dos motivos que as levam a permanecerem no uso de drogas.

APÊNDICE A - Roteiro norteador para história oral

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

Projeto de Pesquisa: Dependência química e violência doméstica: fatores que se complementam e contribuem para o aumento da dependência?

Local da Pesquisa: Município de Viçosa-MG

Pesquisadora: Danielle Cardoso de Carvalho

Mulheres que foram acolhidas entre os anos de 2015 e 2019

Identificação

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Ocupação:

Estado civil:

- 1) Me conte sua trajetória de vida, sua primeira lembrança de vida até o seu processo de internação?
- 2) Como se deu o processo de internação?
 - 2.2) Foi uma decisão individual ou familiar?
- 3) Como foi o período em que esteve acolhida na casa?
 - 3.3) Como foi o processo de acolhimento até a finalização do tratamento?
 - 3.3.1) Houve interrupção do acolhimento? Quem definiu a interrupção?
- 4) Após a saída, como foi o processo de acolhimento familiar?
 - 4.4) Quais foram as dificuldades enfrentadas?
 - 4.4.1) Nas dificuldades enfrentadas, alguma teve ligação com sua história de vida ou com sua internação?
- 5) Houve algum processo de recaída nas saídas mensais das casas ou após a saída por tempo?
 - 5.5) Se sim, como classifica esse processo de recaída?

- 5.5. 1) Há identificação dos fatores que podem ter levado a recaída?
- 6) Como classifica sua situação perante o período em que esteve em dependência química e sem tratamento?
- 7) Você percebeu alguma mudança familiar durante o período em que esteve acolhida e após a saída da casa de acolhimento?
- 8) Você conseguiria descrever ou nomear fatores que julga terem sido contribuintes para o início e manutenção do uso de drogas?
- 09) Existem questões que você gostaria de relatar?
- 10) Espaço aberto para comentários:

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

Projeto de Pesquisa: Dependência química e violência doméstica: fatores que se complementam e contribuem para o aumento da dependência?

EQUIPE DA PESQUISA E SEUS CONTATOS:

- **Amelia Carla Sobrinho Bifano.** Professora orientadora da pesquisa. Departamento de Economia Doméstica/UFV. E-mail: abifano@ufv.br. Telefone: (31) 3899-1645.
- **Danielle Cardoso de Carvalho.** Mestranda em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, E-mail: danielle.c.carvalho@ufv.br. Telefone: (31) 9 9170-9667.

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada “Dependência química e violência doméstica: fatores que se completam e contribuem para o aumento da dependência?”, desenvolvida pela mestranda Danielle Cardoso de Carvalho, aluna do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Economia Doméstica da UFV, sob a orientação da Professora Amelia Carla Sobrinho Bifano, professora do Departamento mencionado. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e caso haja dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Tanto a mestranda como a orientadora podem ser contactadas a qualquer momento por meio dos telefones e e-mails que constam no início deste Termo.

IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA (VOLUNTÁRIO)

Nome: _____

Telefone: _____

A proposta desta pesquisa é compreender a questão da dependência agravada na questão da violência e como isso impacta as famílias.

Esta pesquisa pode trazer riscos às mulheres envolvidas, no âmbito psicológico, pois pode causar modificações nas emoções, stress e cansaço. Para amenização desses riscos

buscaremos sempre conduzir a realização da pesquisa de forma a não estendermos demasiadamente. Buscaremos também, valorizar e ressaltar a importância da contribuição dos participantes para a realização do estudo, além de dar suporte sempre que eles desejarem.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa: “Dependência química e violência doméstica”, desenvolvida pela discente Danielle Cardoso de Carvalho, sob orientação e responsabilidade da Prof^ª. Amelia Carla Sobrinho Bifano - vinculada ao Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa.

Afirmo que aceitei participar da pesquisa por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus, com a finalidade de colaborar para o trabalho e para elaboração da dissertação de mestrado e artigos para divulgação em publicações e encontros acadêmico-científicos como ainda, contribuir para a produção do conhecimento científico e melhor compreensão do fenômeno pesquisado. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos da pesquisa que, em linhas gerais, este estudo busca aprofundar na compreensão das questões que envolvem as relações familiares das mulheres que sofrem violência doméstica e fazem uso drogas. Este estudo se justifica, uma vez que poucos estudos buscam compreender as relações familiares e as imagens que as mulheres vítimas de violência tem de si e da sua própria relação familiar ou com os seus pares.

Minha colaboração se fará por meio do relato da história da minha vida (história oral), que terá um roteiro norteador e por meio do grupo focal onde participarei respondendo de forma individual algumas perguntas na forma escrita e outro em forma de conversa, com uso de imagens e registro das assertivas ocorridas durante a técnica. Minha participação será de forma anônima para preservar minha identidade, não sendo divulgados dados pessoais ou qualquer tipo de informação sem meu consentimento prévio. O relato da história oral será previamente agendado em horário e local que eu considerar mais adequado de acordo com a minha disponibilidade no momento, podendo decidir se será ou não gravada, sendo que nesse caso, as informações serão anotadas pela pesquisadora e lidas para o (a) entrevistado (a) verificar a veracidade das anotações.

Para o grupo focal, será previamente agendado assim como a história oral. O local respeitará a determinação do Ministério da Saúde quando ao distanciamento exigido, a opção será por um espaço aberto, onde serão estabelecidos protocolos para segurança dos participantes que de acordo com as recomendações prevê o uso de máscara, álcool em gel e distanciamento mínimo de 1, 5 a 2 metros entre as pessoas.

Quanto ao risco de contaminação fui informado que o pesquisador fornecerá equipamentos de proteção devidamente exigidos de acordo com o risco para evitar qualquer tipo de contaminação. Será oferecido aos participantes máscaras PFF2/N95, bem como álcool em gel para limpeza das mãos e limpeza de ordem geral. Como método complementar de segurança será aferido à temperatura e caso haja percepção de sinais e sintomas de contaminação o participante será orientado e encaminhado, seguindo protocolo do Ministério da Saúde, a realizar acompanhamento e tratamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Além do suporte e acompanhamento possível por parte dos pesquisadores.

Fui ainda esclarecido (a) dos riscos dessa pesquisa que estão relacionados ao desconforto e a inibição em prestar as informações solicitadas, e que nesse caso, poderei me negar a dar qualquer tipo de informação que me constranja ou mesmo desistir da pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de explicar o motivo. Durante a pesquisa terei toda liberdade de fazer qualquer pergunta ou questionamento relacionado à pesquisa. Fui esclarecido (a) que para obter informações e no caso de irregularidades éticas durante a pesquisa poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa-MG- CEP/UFV no seguinte endereço e contatos: Prédio Arthur Bernardes, piso inferior, telefone 3899-2492, correio eletrônico: cep@ufv.br.

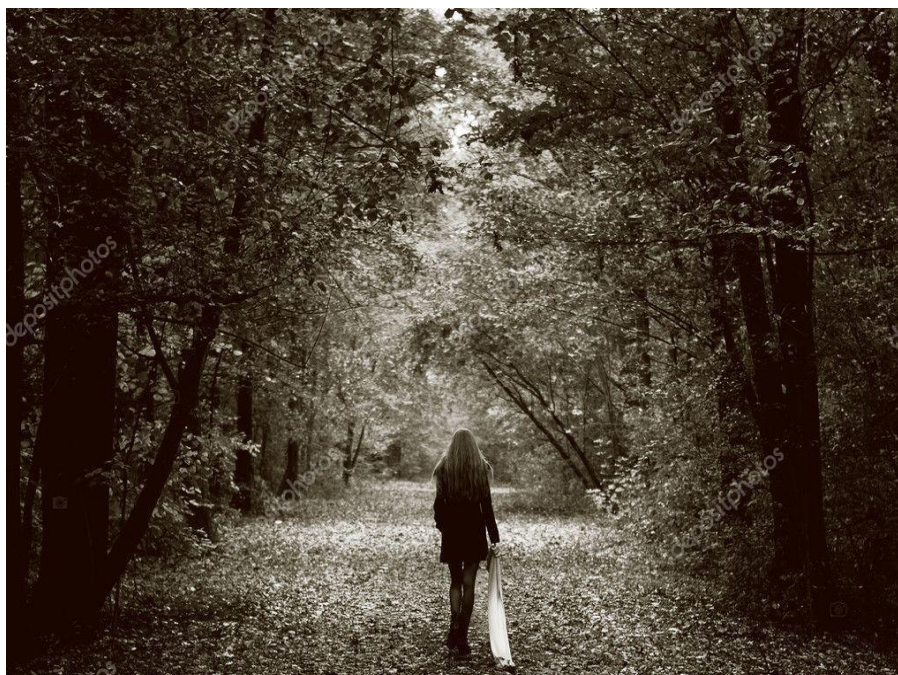
Declaro que entendi as informações contidas nesse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que fui informado (a) que o uso das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) de acordo com a Resolução CNS 466/2012. Declaro que recebi uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por mim, pela orientadora e pela pesquisadora e responsável.

Viçosa, ____ de _____ de 2021.

(Sujeito da pesquisa)

Amelia Carla Sobrinho Bifano
(Orientadora da pesquisa)

Danielle Cardoso de Carvalho
(Mestranda em Economia Doméstica)

ANEXO A – Imagens utilizadas grupo focal II

Fonte: <https://br.depositphotos.com/9933600/stock-photo-lonely-sad-woman-on-the.html>



Fonte: https://www.google.com/search?q=imagem+de+mulheres+em+familia&tbm=isch&ved=2ahUKEwix2azf7svyAhWakZUCHQh1AawQ2-cCegQIA-BAA&oq=imagem+de+mulheres+em+familia&gs_lcp=CgNpbW-cQA1DRwg5Y2uoOYP7sDmgAcAB4AIABmAGIAZcQkgEENS4xM5gBAKABAA-oBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&sclient=img&ei=DQ4mYf-GeFYCjlsQPiOqF4Ao&bih=600&biw=1366#imgrc=NBwOBzZE83X-KM



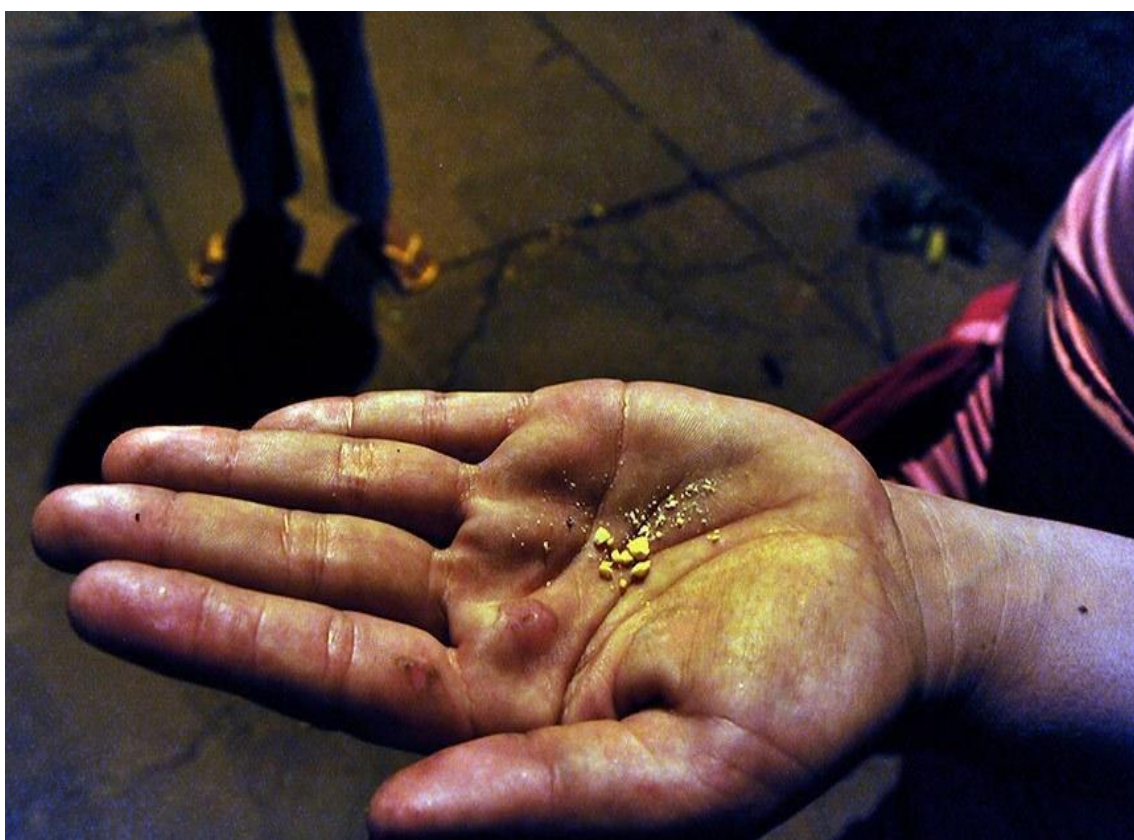
Fonte: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/09/pesquisa-da-fiocruz-indica-que-20-dos-usuarios-das-cracolandas-sao-mulheres>



Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2015/09/filhos-do-crack-conheca-historias-de-familias-que-adotaram-meninos-e-meninas.html>



Fonte: <https://folhadailha.com.br/tratamento-de-muheres-usuarias-de-drogas/>



Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/01/24/trafico-e-violencia-uma-relacao-intima>



Fonte: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2020/08/em-pre-candidatura-coletiva-mulheres-negras-querem-ser-as-vozes-das-periferias-na-camara-de-sao-paulo/>



Fonte: <https://www.brasildefatoce.com.br/2020/07/24/durante-pandemia-mulheres-negras-sofrem-sobrecarga-de-trabalho-e-acumulo-de-funcoes>



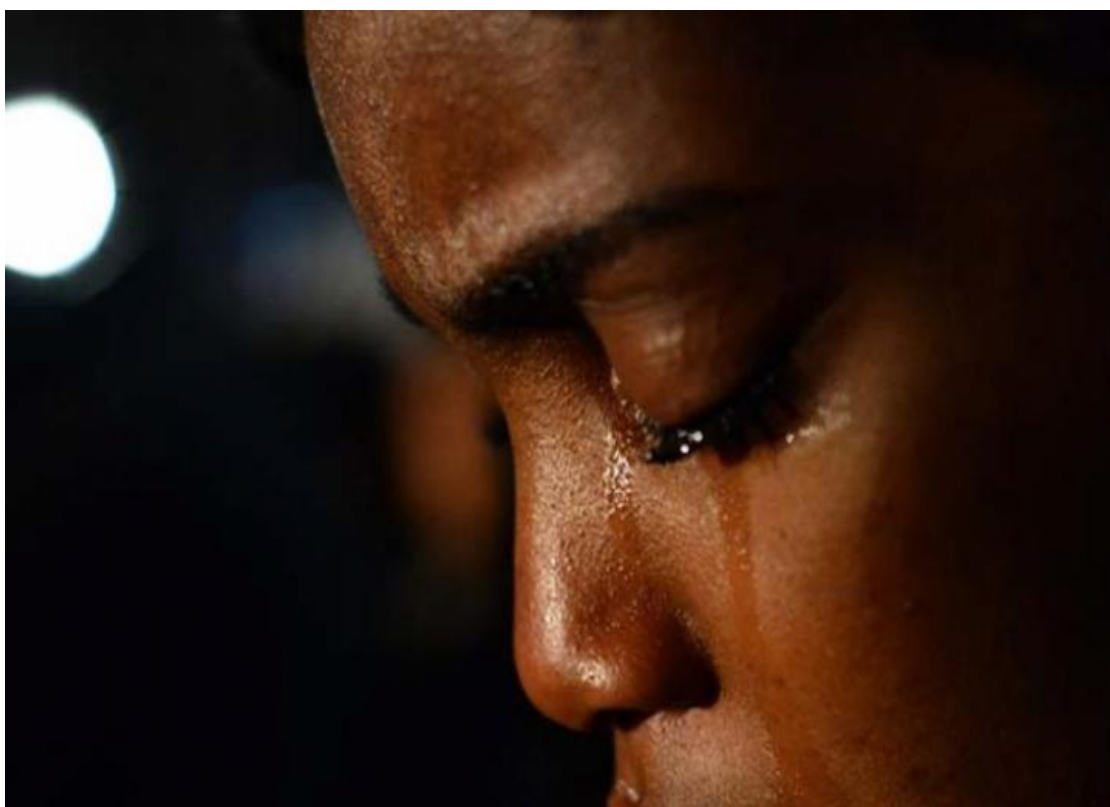
Fonte: <https://www.papelpop.com/2020/05/lista-dez-filmes-com-mulheres-negras-poderosas-que-quebram-estigmas/>



Fonte: https://www.purepeople.com.br/midia/meghan-markle-e-a-primeira-mulher-negra_m2952239



Fonte: <https://br.depositphotos.com/stock-photos/familia-negra-feliz.html>



Fonte: <https://www.secfloripa.org.br/component/k2/item/615-mulheres-negras-diversas-formas-de-violencia-contras-elas.html>



Fonte: <https://www.espacovital.com.br/publicacao-36780-mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas-da-violencia-domestica-no-brasil>



Fonte: <https://pt.org.br/entenda-a-origem-do-dia-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha/>



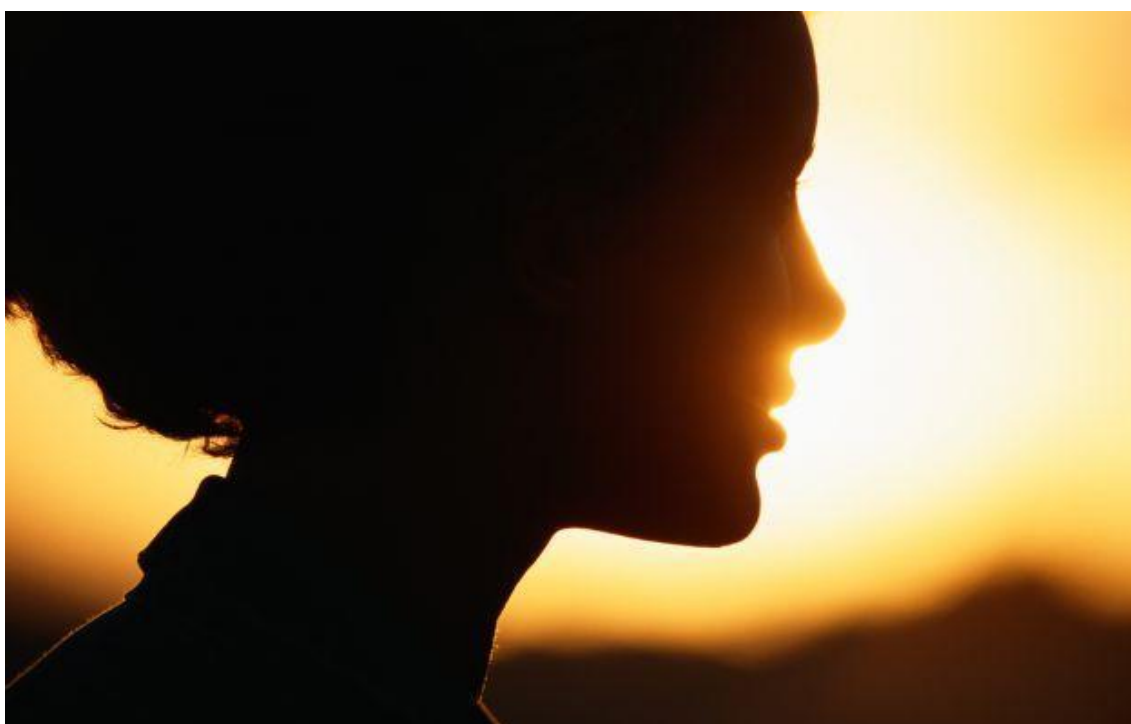
Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/25/dia-da-mulher-negra-latino-americana-seis-historias-atuais-que-representam-esta-luta>



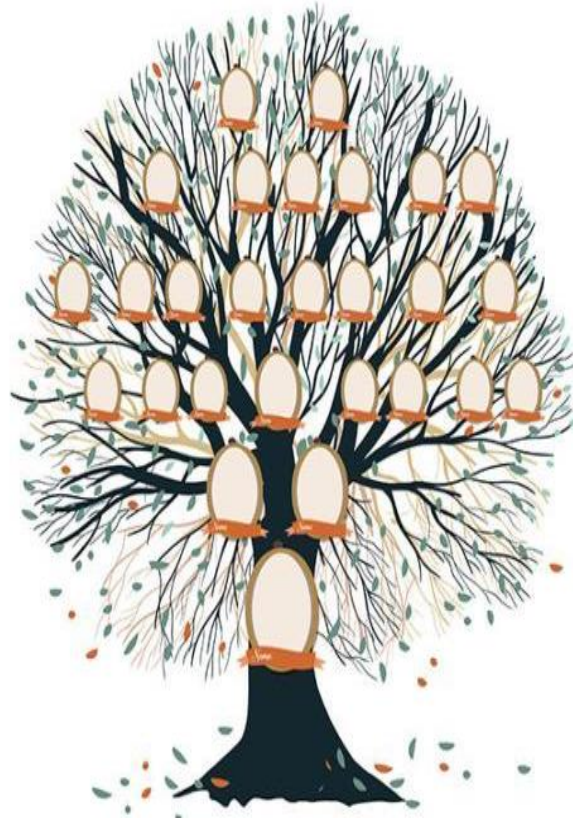
Fonte: <https://onorte.net/montes-claros/pardas-e-negras-s%C3%A3o-62-das-mulheres-v%C3%ADtimas-de-viol%C3%A2ncia-1.757703>



Fonte: <https://br.depositphotos.com/stock-photos/mulher-negra-chorando.html>



Fonte: <https://www.geledes.org.br/estudo-aponta-a-efetividade-da-lei-maria-da-penha/>



Fonte:

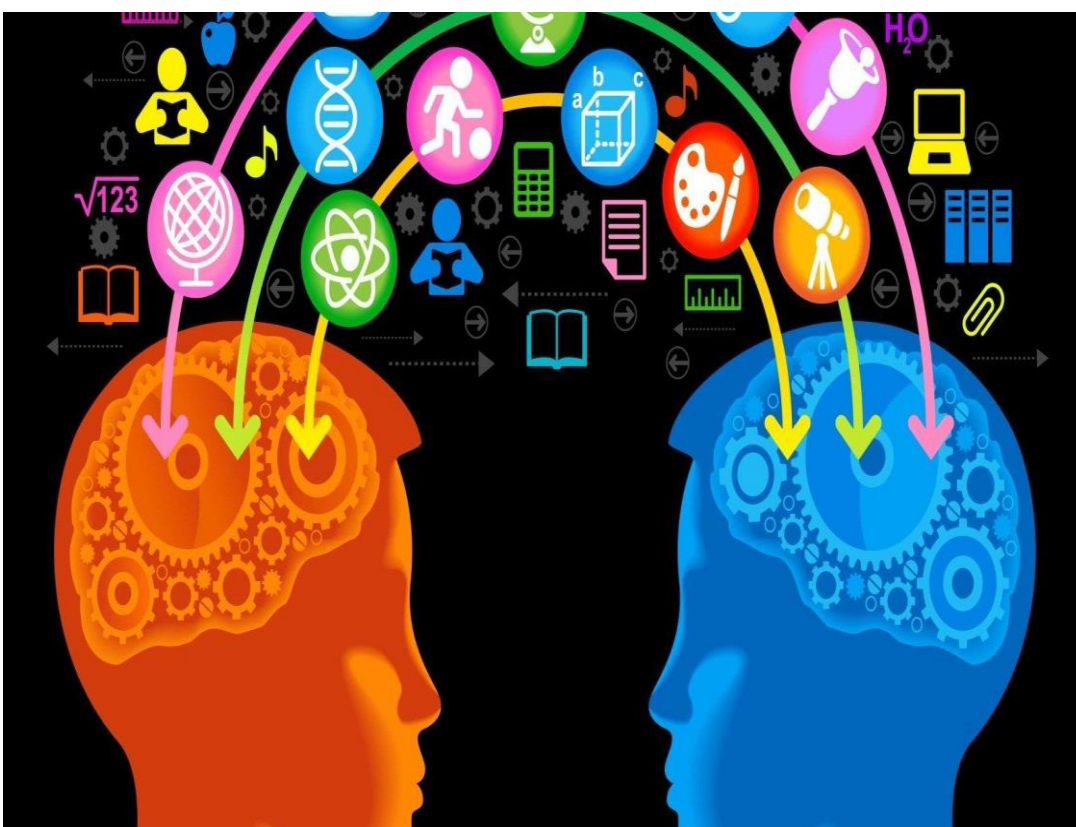
<https://psicologomauriciomiranda.com.br/o-inconsciente-familiar-e-a-heranca-psi-quica-entre-geracoes/>



Fonte: https://www.google.com/search?q=famil%C3%ADa+e+transmiss%C3%A3o+psiquica&authuser=1&sxsrf=AOaemvJHSbLxbJfSjGho7jkFUMIN4NqHRg:1641845707025&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiTIJLx_6f1AhUUHbkGHVasDhsQ_AUoAXoECAIQAw&biw=1366&bih=657&dpr=1#imgrc=yhdZNRcBgjMHEM



Fonte: <https://naipsicologiaintegrada.com.br/blog/o-adoecimento-que-nasce-no-berco-do-amor---transmissao-psiquicana-familia>



Fonte: <https://www.contatovip.com.br/norte/Colunas/transmissao-geracional-perdas-e-ganhos/>